

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO EM ENSINO

RICLEY DE AZEVEDO BIZARRIA DOS SANTOS

**CURRÍCULOS E NARRATIVAS SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA
REGIONAL E LOCAL NO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA/RJ**

Santo Antônio de Pádua/RJ
2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S237c Santos, Ricley de Azevedo Bizarria dos
Currículos e narrativas sobre o ensino da história
regional e local no município de Itaperuna/RJ / Ricley de
Azevedo Bizarria dos Santos. - 2023.
132 f.: il.

Orientador: Mitsi Pinheiro de Lacerda Leite Benedito.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Santo
Antônio de Pádua, 2023.

1. História regional. 2. História local. 3. Currículo. 4.
Cotidiano. 5. Produção intelectual. I. Benedito, Mitsi
Pinheiro de Lacerda Leite, orientadora. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense de
Educação Superior. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

RICLEY DE AZEVEDO BIZARRIA DOS SANTOS

CURRÍCULOS E NARRATIVAS SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA/RJ

Dissertação elaborada por Ricley de Azevedo Bizarria dos Santos, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Mestrado em Ensino, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense, Linha de Pesquisa: Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsi Pinheiro de Lacerda Leite Benedito.

BANCA EXAMINADORA¹:

Profa. Dra. Mitsi Pinheiro de Lacerda Leite Benedito
Universidade Federal Fluminense – UFF
Orientadora

Prof. Dr. Sílvio Cezar de Souza Lima
Universidade Federal Fluminense – UFF
Examinador

Profa. Dra. Taís de Cássia Badaró Alves
Universidade Iguaçu – UNIG
Examinadora

Profa. Dra. Paula Arantes Botelho Briglia Habib
Universidade Federal Fluminense – UFF
Suplente

Santo Antônio de Pádua/RJ, 06 de julho de 2023

¹ Banca aprovada pelo Colegiado do PPGEEn em 07/06/2023.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – CAMINHOS DE VIDA E FORMAÇÃO.....	16
1.1 – Prenúncio dos caminhos.....	13
1.2 – Caminhos da favela.....	17
1.3 – Caminhos do interior.....	19
1.4 – Caminhos da formação.....	22
CAPÍTULO II – REVISÃO DE LITERATURA.....	33
CAPÍTULO III – TRABALHOS RELACIONADOS.....	46
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DE PESQUISA	56
CAPÍTULO V – O ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA BNCC E NO CURRÍCULO DAS ESCOLAS DE ITAPERUNA/RJ	63
CAPÍTULO VI – ENTREVISTAS COM PROFESSORES E PROFESSORAS DE HISTÓRIA NO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA/RJ.....	79
6.1 – A história regional e local: reducionismo às efemérides municipais.....	81
6.2 – Prática profissional docente: currículo, valorização docente e formação.....	87
6.3 – Outras perspectivas.....	95
6.4 – “A terra da promessa”.....	96
6.5 – “No caminho da pedra preta”: a produção de um livro paradidático.....	101
6.6 – Tão perto e tão longe.....	113
CONCLUSÃO.....	123
REFERÊNCIAS	128

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – O ensino de história regional e local na BNCC de história (busca com o emprego da ferramenta “localizar”)	67
QUADRO 2 – Acréscimo da palavra “região” na busca por meio da ferramenta “localizar”	70
QUADRO 3 – Busca manual na BNCC de história no 1º ano do ensino fundamental.	72
QUADRO 4 – Busca manual na BNCC de história no 2º ano do ensino fundamental	72
QUADRO 5 – Busca manual na BNCC de história no 3º ano do ensino fundamental	73
QUADRO 6 – Formação e tempo de exercício profissional dos docentes entrevistados	92

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Reprodução da capa do livro “A terra da promessa”	100
FIGURA 2 – Reprodução da capa do livro “O desenvolver de um município, Itaperuna” “localizar”	103
FIGURA 3 – Reprodução da capa do livro “No caminho da pedra preta”.....	109
FIGURA 4 – Reprodução de uma página do livro “No caminho da pedra preta”	119
FIGURA 5 – Reprodução de uma página do livro “No caminho da pedra preta”..	120

RESUMO

SANTOS, Ricley de Azevedo Bizarria. Currículos e narrativas sobre o ensino da história regional e local no município de Itaperuna/RJ. Programa de Pós-Graduação em Ensino. Universidade Federal Fluminense.

Esta pesquisa pretende investigar o ensino da história regional e local no município de Itaperuna/RJ, buscando as diretrizes presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos currículos escolares voltados à segunda etapa do ensino fundamental. Este trabalho está pautado em conhecer práticas desenvolvidas nas escolas que abordem esta temática e a desenvolvam em seu cotidiano escolar. A relevância do trabalho reside na defesa do conhecimento da história local, para que a consciência sobre a realidade histórica, política e social que constituem o mundo, seja complementada pelos acontecimentos locais. Junto a isso, é importante que os estudantes, em processo de aprendizagem, compreendam seu papel na história e participem da dinâmica histórica e social de sua localidade. A metodologia empregada neste estudo tem sido a pesquisa com os cotidianos, além da utilização de procedimentos, técnicas e orientações da pesquisa bibliográfica, documental e narrativa (auto)biográfica. As referências bibliográficas e teóricas utilizadas encontram-se em Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Peter Burke, dentre outros teóricos e pesquisadores. Assim, busca-se compreender os meios pelos quais as práticas escolares em sala de aula são atravessadas pelas rotas do cotidiano, traçadas por sujeitos que inventam, desconstruem e reinventam inúmeras possibilidades. Uma investigação detalhada foi realizada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para avaliar o ensino de história regional e local na segunda etapa do ensino fundamental. A pesquisa revelou que a abordagem desse tema é limitada nessa etapa, mas mais presente na primeira. Além disso, explorou-se as perspectivas dos professores de Itaperuna/RJ e destacamos o papel transformador do professor, exemplificado por Dulce Diniz. Concluindo, esta pesquisa destaca a necessidade de valorizar a história regional e local no sistema educacional municipal e promover práticas pedagógicas que a incorporem de forma abrangente no currículo escolar.

Palavras-chaves: História Regional; História Local; Currículo; Cotidiano.

ABSTRACT

SANTOS, Ricley de Azevedo Bizarria. Curricula and narratives on the teaching of regional and local history in the municipality of Itaperuna, Rio de Janeiro. Graduate Program in Education. Federal Fluminense University.

This research aims to investigate the teaching of regional and local history in the municipality of Itaperuna, Rio de Janeiro, focusing on the guidelines provided by the National Common Curricular Base (BNCC) and the school curricula designed for the second stage of elementary education. The objective of this study is to explore the practices implemented in schools that address and incorporate this thematic content into their daily educational routines. The significance of this work lies in advocating for the understanding of local history, as it complements the awareness of the historical, political, and social realities that shape the world through the inclusion of local events. Furthermore, it is essential for students, in their learning process, to comprehend their role in history and actively participate in the historical and social dynamics of their locality. The methodology employed in this study involves everyday research, as well as the utilization of procedures, techniques, and guidance from bibliographic, documentary, and (auto)biographical research. The bibliographic and theoretical references utilized include scholars such as Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Peter Burke, among others. Thus, the aim is to comprehend how classroom practices are influenced by the routes of everyday life, charted by individuals who invent, deconstruct, and reinvent numerous possibilities. A thorough investigation was conducted on the National Common Core Curriculum (BNCC) to assess the teaching of regional and local history in the second stage of elementary education. The research revealed that the coverage of this topic is limited at this stage but more prominent in the first stage. Additionally, we explored the perspectives of teachers in Itaperuna/RJ and highlighted the transformative role of educators, exemplified by Dulce Diniz. In conclusion, this research underscores the need to prioritize regional and local history in the municipal educational system and promote pedagogical practices that comprehensively integrate this content into the school curriculum.

Keywords: Regional History; Local History; Curriculum; Daily Life.

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus por Sua infinita graça e misericórdia e por cada pessoa que colocou em meu caminho, desde professores e mentores até colegas e amigos. Cada conexão foi uma manifestação de Sua providência, e sou grato por todas as oportunidades de aprendizado e crescimento que surgiram através desses relacionamentos.

Com todo o meu amor e gratidão, dedico esta dissertação à minha amada esposa, Bruna Diniz Pereira. Meu apoio incondicional, minha parceira de vida e minha fonte constante de inspiração ao longo desta jornada acadêmica. Desde o início, estando ao meu lado, encorajando-me, motivando-me e acreditando, quando eu duvidava de mim mesmo. Seu amor e apoio inabaláveis foram a força que me impulsionou a perseverar e a buscar a excelência em cada etapa deste trabalho.

Agradeço por compartilhar comigo cada alegria e cada desafio, por ser meu porto seguro. Sua presença iluminou meu caminho e trouxe alegria aos momentos mais difíceis. Seu sorriso, seu carinho e sua compreensão me encheram de força e determinação. Sou eternamente grato por ter você ao meu lado nesta caminhada. Te amo além das palavras. Esta dissertação é dedicada a você como uma expressão eterna do meu amor e gratidão. Com todo o meu coração, esta conquista é nossa.

Com profundo amor e gratidão, dedico esta dissertação à minha mãe, fonte de inspiração e força que me impulsionou a chegar até aqui. Agradeço por sua sabedoria, paciência e dedicação em me educar e me preparar para enfrentar os desafios da vida. Seu apoio constante e suas palavras de encorajamento foram o combustível que alimentou minha determinação e perseverança. Espero que este trabalho possa ser uma forma de honrar você e o seu legado.

Dedico esta dissertação de mestrado à memória do meu amado pai, Clene Bizarria dos Santos. Embora não esteja fisicamente presente para compartilhar este momento comigo, sua influência, amor e sabedoria continuam a guiar cada passo que dou. Sua presença enriqueceu minha vida de maneiras incontáveis, e sua partida deixou um vazio que jamais será preenchido. Esta conquista é um tributo a você, pai. Cada conquista, cada desafio superado e cada aprendizado alcançado são testemunhos do seu legado duradouro em minha vida. Seu amor e

dedicação inabaláveis moldaram minha perspectiva e me impulsionaram a buscar sempre o melhor em todas as áreas da minha vida. Agradeço por tudo o que você foi e por todo o amor que compartilhamos. Esta dissertação é dedicada a você, com todo o meu amor e gratidão, como uma lembrança eterna do seu impacto profundo em minha existência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado. Seus apoios, orientações e colaborações foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Mitsi Pinheiro, pela sua dedicação, paciência e comprometimento ao longo deste processo. Sua expertise, orientações precisas e valiosas contribuições foram essenciais para a condução deste estudo. Serei eternamente grato pela confiança que depositou em mim e por me guiar no desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus colegas de turma, agradeço por compartilharmos juntos essa jornada. Nossas discussões enriquecedoras, troca de conhecimentos e apoio mútuo foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Sinto-me privilegiado por ter tido a oportunidade de aprender e crescer ao lado de pessoas tão dedicadas e talentosas.

Agradeço aos professores que contribuíram para a minha formação ao longo do curso de mestrado. Suas aulas inspiradoras, seu comprometimento com a excelência acadêmica e sua disponibilidade para esclarecer dúvidas foram fundamentais para a minha trajetória acadêmica. Cada ensinamento recebido foi valioso e contribuiu para o enriquecimento desta dissertação.

À banca avaliadora, agradeço a disponibilidade em avaliar e analisar minuciosamente este trabalho. Suas contribuições e sugestões foram de grande importância para o aprimoramento desta dissertação. Agradeço pela atenção e pelas discussões enriquecedoras durante a defesa.

Gostaria de expressar minha gratidão especial àqueles que cederam entrevistas e compartilharam seus conhecimentos e experiências para enriquecer esta pesquisa. Suas perspectivas e insights foram cruciais para a construção de argumentos sólidos e para a compreensão mais aprofundada do tema abordado.

Dulce Diniz, você é uma fonte inesgotável de inspiração. Suas contribuições e sua dedicação a esse campo de estudo são verdadeiramente admiráveis. Agradeço por ser uma referência valiosa e por motivar-me a buscar sempre a excelência em minha área de pesquisa.

Agradeço a Universidade Federal Fluminense - UFF e toda sua coordenação, agradeço por proporcionarem um ambiente acadêmico estimulante e propício ao aprendizado. Agradeço pelo suporte e pelos recursos disponibilizados, que foram essenciais para a realização desta dissertação.

Por fim, agradeço a todos os amigos, familiares e entes queridos que me apoiaram ao longo desta jornada. Seu amor, encorajamento e compreensão foram fundamentais para minha motivação e bem-estar durante esse período desafiador.

A todos vocês, minha mais profunda gratidão. Sem o apoio e contribuição de cada um, esta dissertação não seria possível. Sou grato por fazer parte de uma comunidade tão inspiradora e dedicada ao conhecimento.

Que este trabalho possa contribuir de forma concreta para a área de estudo e para o avanço do conhecimento.

Muito obrigado a todos.

*Quem sou eu?
Este ou aquele?
Sou hoje este e amanhã um outro?
Sou porventura tudo ao mesmo tempo?
Perante as pessoas um hipócrita?
E um covarde, miserável diante de mim mesmo?
Ou será que aquilo que ainda em mim perdura,
seja como um exército em derradeira fuga,
à vista da vitória já ganha?
Quem sou eu?
A própria pergunta nesta solidão de mim parece
pretender zombar.
Quem quer que sempre eu seja,
tu me conheces, ó meu Deus, sou teu.*

Dietrich Bonhoeffer

INTRODUÇÃO

O primitivo projeto da criação deste município dava-lhe a denominação de “Nossa Senhora da Penha”, denominação esta do atual distrito deste município, desde que ali se fundara o povoado que mais tarde passou a ser a sua sede, passando a “Avaí”.

Dulce Diniz

Influenciada pelas andarilhagens de Michel de Certeau (1998) com os sujeitos ordinários, esta pesquisa encontra-se atravessada pelo comum – o que nos leva a percepções talvez adormecidas ou silenciadas. Trata-se do “*trabalho* de ultrapassagem operado pela insinuação do ordinário em campos científicos constituídos (CERTEAU, 1998, p. 64 – grifo do autor). Propõe-se estabelecer uma conexão entre a produção historiográfica em seus aspectos regionais e sua inserção no ambiente escolar. Assim, inicialmente, julgo ser necessário narrar algumas histórias também comuns, que impulsionaram minhas direções tomadas e orientaram meu olhar em direção a essas figuras comuns que se tornaram protagonistas no processo de formação de sua história.

A partir da minha vivência em diferentes lugares e do diálogo interno que isso me proporcionou, a diversidade tornou-se fator indispensável para a percepção do mundo ao meu redor; mais do que simplesmente o sentimento de pertencimento, permitiu a compreensão das particularidades de certas relações humanas e dos espaços geográficos em que me estabeleci. Algo da experiência vivenciada, cultura herdada e costume desfrutado contribuiu para essa compreensão, ampliando o sentido dos espaços em que estive inserido.

Assim, foi possível refletir sobre distâncias e dimensões estabelecidas, sobre o que é considerado perto ou longe, grande ou pequeno, local ou global. Estas reflexões permitiram um entendimento mais profundo sobre as relações que se configuram nesses lugares. As memórias aqui expostas, os relatos pessoais e cada experiência vivida, contribuíram para essa assimilação, justificando a escolha do tema ao qual me propus a pesquisar – o ensino da história local e regional. A partir dessas experiências, pude deslocar meu olhar sobre o mundo, compreendendo que há complexidades que o permeiam. Durante meus percursos traçados, entendi que a caracterização do local e regional não deve ser realizada de modo dicotômico: estas categorias não são fixas e estanques. Ao me aproximar das diferentes maneiras de desenvolvimento de cada lugar,

percebi como as particularidades culturais e humanas estremecem essas definições e se manifestam na vida cotidiana das pessoas. Foi possível, então, perceber que as diferenças culturais e regionais moldam a sociedade de maneira única.

Portanto, pude desenvolver uma consciência mais crítica sobre a sociedade em que vivo, observando com mais atenção as relações sociais e suas dinâmicas, buscando compreender as diferentes perspectivas e realidades existentes em cada espaço no qual estive inserido. A partir da percepção da diversidade como impulso que influencia a vida cotidiana das pessoas, passei a observar de forma mais atenta as relações sociais e as dinâmicas que as sustentam.

Todo caminho percorrido é suscetível à dúvida. Não seria tão fácil alcançar algum objetivo sem passar antes pelo sabor das incertezas. Partindo desse pressuposto, podemos chegar ao entendimento de que a exatidão não existe, ao menos quando me refiro às Ciências Humanas, onde a verdade não se manifesta de maneira única, existem sempre novas possibilidades. Isto, contudo, nos aponta também uma questão importante: o conhecimento científico em suas variadas esferas consegue ser exato?

A resposta a essa pergunta poderia ser simples, se não estivesse ainda envolta pelos padrões estabelecidos, que durante séculos, constituíram-se como verdades precisas e incontestáveis. Então, pensar sobre o conhecimento científico e seu papel social, torna-se um exercício a ser praticado constantemente, no entanto, ainda passaríamos pelos crivos da “exatidão”. Não se trata de uma simplicidade rasa, mas detentora de uma profundidade incomensurável, que nos leva à muitas outras perguntas, que em pleno século XXI, ainda não foram feitas.

O processo! Segundo o dicionário: “ação continuada, continuidade na realização de determinada atividade”. A palavra em questão traduz de maneira concreta a experiência de traçar caminhos, de estar em movimento. As mudanças acontecem à medida em que me permito acolher novas concepções, novas ideias e permito-me. Até aqui, me sinto diferente.

A pesquisa a que me propus amplia-se e retrocede a todo momento, inserida nas rodas de conversas, nas leituras, nos debates, na orientação dos professores e colegas, é constantemente remodelada, ajustada. Pensar na escrita me coloca, inevitavelmente, como em um movimento natural, diante das minhas leituras de mundo. Tudo o que vi,

senti e experienciei me conecta ao que me dispus a pesquisar. Assim, meu olhar volta-se de uma forma diferente para tudo que observo, leio e escrevo.

Esta pesquisa possui o objetivo de conhecer práticas desenvolvidas nas escolas municipais de Itaperuna/RJ, que abordem a temática da história regional e local em seu currículo e cotidiano escolar.

Trago como objetivos específicos:

- (i) Buscar as ocorrências referentes ao ensino da história regional e local na BNCC;
- (ii) Realizar levantamento acerca do currículo do Ensino Fundamental das Instituições Públicas Municipais da cidade de Itaperuna/RJ, averiguando em quais séries são aplicados os conteúdos referentes à história regional e local;
- (iii) Dialogar com profissionais atuantes no Ensino Fundamental com o intuito de investigar práticas de ensino da história regional e local.

A relevância desta pesquisa se apoia primeiramente na contribuição do debate iniciado ainda no século XX, que segundo Burke (2010), pode ser denominado “Revolução francesa da Historiografia”, quando uma nova abordagem no estudo da história aparece, renovando e ampliando seus olhares por intermédio de novas fontes, objetos e problemas.

A partir deste processo, a discussão sobre uma história voltada ao regional e local, tornou-se atualmente mais frequente no meio acadêmico, possibilitando o estudo de conteúdos que antes não eram apreciados, trazendo visibilidade para acontecimentos e personagens que passavam despercebidos diante da tradicional maneira de estudar a história.

Ao introduzir questões regionais e locais no cotidiano do educando, as percepções acerca de si mesmos se modificam, acentuando o sentimento de pertencimento e fortalecendo a consciência do sujeito enquanto participante ativo do processo histórico de seu município, bairro e comunidade escolar.

Ao analisar a abordagem da história regional nas escolas do Município de Itaperuna e se de fato há ou não um direcionamento específico neste sentido, o presente trabalho poderá contribuir para a reflexão do desenvolvimento prático do assunto dentro do ambiente escolar, trazendo à tona o debate acerca da importância dos aspectos locais

e regionais, podendo ir além dos portões institucionais, contribuindo para o fortalecimento da história do município.

Por fim, a relevância deste estudo também se encontra intrinsecamente relacionada à área do Programa de Pós-Graduação no qual é desenvolvido: o ensino. É esperado que não somente o produto final da Dissertação, mas que também as práticas concernentes à pesquisa – conversar, observar, participar, interagir e reunir material de pesquisa – influenciem a comunidade acadêmica e escolar a levantar reflexões sobre o ensino de história. Considerando os atuais tempos de autoritarismo e de afronta à democracia, é pertinente afirmar que um estudo centrado no ensino de história tende a oferecer uma boa contribuição não apenas à área, mas também à politização dos sujeitos.

O presente texto dissertativo foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a revisão de literatura, quando são abordados os autores que, por meio de seus trabalhos, trazem conceitos acerca do ensino de história, história regional e local e do cotidiano, de maneira a contribuir com a presente pesquisa.

O segundo capítulo traz trabalhos relacionados que abordam temas acerca da história regional e local e influenciaram diretamente esta pesquisa.

O terceiro capítulo é dedicado às metodologias utilizadas e as que se propõe utilizar para a construção deste trabalho, apresentando cada uma e seus respectivos lugares dentro deste texto.

O quarto capítulo é dedicado à análise parcial da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e seus direcionamentos para a disciplina de história no âmbito regional e local, observando como o documento aborda esses conteúdos e os orienta ao ensino fundamental. Este capítulo propõe trazer uma análise dos currículos que são utilizados no Ensino Fundamental II das instituições escolares municipais de Itaperuna/RJ.

O quinto capítulo propõe o registro e análise de conversas com alguns profissionais de história que atuam na segunda etapa do ensino fundamental, buscando conhecer suas práticas relacionadas ao tema da história regional e local nas salas de aula e no cotidiano escolar, bem como à conversação com uma precursora que produziu, nesta localidade, obras relevantes destinadas ao consumo escolar e relacionadas à memória local.

CAPÍTULO I

CAMINHOS DE VIDA E FORMAÇÃO

1.1 Prenúncio dos caminhos

A história do Município de Itaperuna é dividida em 3 períodos: o primeiro- de 1540 a 1843; o segundo- de 1844 a 1884 e o terceiro- de 1885 até nossos dias.

Dr. Leopoldo Muylaert Junior

Poderia dizer que trago em mim um misto de regionalidades, de misturas culturais que, ao imprimirem suas especificidades, marcaram-me de forma profunda. Minhas origens estão permeadas por diferentes aspectos que se complementam. Sou fruto de um encontro que aconteceu, talvez como milhares de outros encontros, mas de maneira única quanto às minhas referências afetivas e pessoais.

Meu pai, pernambucano, nasceu em uma pequena cidade do interior. Enquanto espaço construído e utilizado pelos indivíduos, é resultado de múltiplas práticas cotidianas que compõem suas dinâmicas e sentidos. Com base nos dados do IBGE (2021), a população estimada da cidade atualmente é de cerca de 40.833 mil habitantes, representando um conjunto de pessoas que atuam e constroem suas histórias no âmbito urbano e rural. A três horas da capital, Lajedo integra o agreste nordestino.

Sua rua principal nos leva até a Paróquia de Santo Antônio, em sua arquitetura neoclássica, que chama a atenção pelo constante ir e vir dos fiéis. Uma praça central em frente à igreja remonta os padrões estéticos dos municípios interioranos.

Como é de costume em pequenas cidades do interior, aos finais de semana, em Lajedo também acontece uma tradicional feira ao ar livre, marcada por sua diversidade de produtos alimentícios e artesanais: carnes, verduras, frutas frescas, grãos, roupas, peixes, galinhas, cachaças e quase tudo o que a mente nos permite imaginar.

As pessoas gostam de estar ali. Fazem a compra do mês ou o necessário para o almoço de domingo. Alguns vão apenas para jogar conversa fora e olhar o movimento. Nessa afluência de pessoas, os encontros são inevitáveis: vizinhos, amigos, parentes, desafetos. Encontram-se! A feira, acima de tudo, é um meio pelo qual muitos ganham seu sustento. Desta maneira, a cidade é movimentada. Na rotina dos estudantes, nos costumes, nas tradições religiosas, nas festas em datas comemorativas, nas conversas

de fim de tarde nas calçadas, nos velórios que ainda acontecem em casa. Características cotidianas que fazem Lajedo ser o que é.

Durante muito tempo, meus avós sustentaram a base de sua família dentro dessa realidade, forjando suas marcas na cultura. Eles marcaram seu tempo e seu espaço, inserindo os traços de sua jornada em seu lugar de origem, pois a cultura “consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um *marca* aquilo que outros lhe dão para viver e pensar” (CERTEAU, 1995, p.143 – grifo do autor). A cultura, em Certeau, não seria, portanto, um conjunto de crenças, artes, costumes, hábitos e outras criações humanas que nos são oferecidas, mas o gesto desde o qual as pessoas inscrevem suas marcas no mundo: cultura enquanto prática, e não como “um museu de grandes novidades”².

Em meados da década de 1960, inseridos no enorme fluxo migratório nordestino para as grandes capitais do Sudeste, no período de substituição das importações, com princípios da industrialização dessas regiões, mudam-se para a cidade do Rio de Janeiro. Instalaram-se na comunidade do Complexo do Alemão, que naquele momento, entre as décadas de 1960 e 1970 passava por um intenso processo de crescimento populacional. Este espaço é constituído por um conjunto de favelas, as quais se estabelecem como formas de resistência e táticas de sobrevivência por parte de seus habitantes. Neste contexto, aproximadamente 70 mil pessoas habitam esta região, situada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, conforme apontam os dados do Censo de 2010 (IBGE, 2010).

Por outro lado, minha mãe, fluminense, natural da cidade de Itaperuna/RJ, esteve inserida desde pequena no trabalho do campo, trazendo para o seio de nossa família a cultura sertaneja, da roça. Nasceu no interior do interior. Uma pequena fonte d’água deu nome ao lugarejo: Aguinha. Distante do urbano, escondida entre matas, cortada por estradas de terra vermelha que dão passagem ao gado e aos trabalhadores, raramente vê-se algum veículo motorizado. O solo fértil possibilita as muitas plantações: café, milho, arroz, tomate e tudo mais que é necessário para movimentar suas relações econômicas e de subsistência.

Em Aguinha, ao longe se vê uma pequena capela, duas escadas frontais dão

² CAZUZA, *O tempo não para*, Philips, vinil, Brasil, 1988.

acesso à entrada principal. As missas acontecem quinzenalmente, mas sempre de maneira especial. Dedicada à Nossa Senhora do Rosário, a igreja foi erguida por minha bisavó, em agradecimento por uma promessa atendida ainda no período da Segunda Guerra Mundial. Na década de 1980, meus avós e sua família participam do que se conhece por êxodo rural, deslocando-se para o centro urbano da cidade de Itaperuna. Dez filhos passaram a viver sob uma nova perspectiva, alguns não se adaptaram à vida na cidade e retornaram ao campo, e outros permaneceram.

Ao completar dezoito anos, minha mãe, permeada por sonhos e frustrações, muda-se para a capital do estado do Rio de Janeiro. Movida pelo acaso e por seus próprios interesses, assim como pelas forças que movimentam e ordenam os traços da história, ela instala-se também na Comunidade do Complexo do Alemão, lugar que se tornou bairro³, devido ao seu extenso território e suas demandas. Em sua parte baixa, as características são comuns aos bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, reproduzindo uma lógica hegemônica presente no espaço urbano. Porém, quanto mais se sobe o morro, a pobreza e a miséria vão ficando aparentes. Casas amontoadas umas nas outras, lixões, esgoto a céu aberto, os becos e vielas se tornam labirintos, além de tudo, a criminalidade se faz sempre presente.

A falta do que é essencial para uma vida digna, faz com que os que ali habitam, busquem meios de solucionar os problemas do seu cotidiano, meios estes que, dentro das suas ausências, ultrapassam os limites daquilo que seria óbvio: assistência básica.

Compreender a lógica que movimenta e faz com que a vida em uma comunidade se desenvolva, torna-se algo desafiador quando observada através de padrões preestabelecidos. Aprendemos com Agnes Heller (2016) que, dado o pragmatismo da vida cotidiana, surgem juízos provisórios que, se não forem discutidos, refletidos e refutados, se convertem em preconceitos. A vida em uma comunidade torna-se desafiadora para quem vive diante da indiferença, das discriminações, do pouco caso do estado, além de outras infinidades de problemas que assolam a vida do morador da favela. Por não terem suas vozes ouvidas, a população cria outros meios de organização que atendam, mesmo que parcialmente, suas demandas.

³ Formado por um conjunto de comunidades, o Complexo do alemão tornou-se bairro no ano de 1993 por meio da Lei nº 2055/93.

Diante das dificuldades e da falta da ação pública, a população cria alternativas que nem sempre são compreendidas. Em um primeiro momento, as lógicas parecem estar invertidas perante a realidade, soam como conformismo, porém são apenas reflexo da busca pela sobrevivência. Há uma inversão de papéis, como aponta Valla (1996), onde os moradores das comunidades atuam de maneira a superar a ausência do poder público, que aparece de forma insuficiente ou até, na maioria das vezes é inexistente.

Na comunidade investigada por Valla (1996), a escassez do fornecimento de água foi pauta de reuniões com os moradores, os quais eram incentivados a lutar por seus direitos. A fala desses moradores, ao justificarem sua recusa à luta política incentivada pelos mediadores, denunciam e explicitam essa inversão de lógica: “Não tem mais problema, pois nossa favela já recebe água duas a três vezes por semana”; “Se nós moradores entregássemos a responsabilidade de distribuir água à CEDAE, iria ser o fim da nossa água. Se as favelas têm água é por causa das Associações de Moradores, mesmo com todos os seus problemas” (VALLA, 1996, p.181-182).

Ignoradas pelo poder público e subjugadas pelas classes dominantes, estas pessoas que se encontravam expostas a muitos tipos de violência, física e simbólica, sobrevivem à base da força de suas próprias ações, as quais resultam de uma avaliação concreta sobre suas condições reais de existência e o histórico de lutas com as quais se envolvem.

Trabalham, estudam, praticam esportes, produzem arte, alguns sonham em sair, outros não querem deixar o lugar que os acolheu. Suas relações sociais e culturais são tecidas nesse ambiente. É na comunidade do Complexo do Alemão, portanto, que meus pais constroem grande parte de sua história, suas vidas passam a ter novas realidades e outros significados. Dessa forma, minha história também tem seu início. Meus pais se conheceram neste lugar e formaram sua família.

No ano de 1989, a Guerra Fria rumava ao fim, a queda do muro de Berlim foi o prenúncio. No Brasil, a falsa esperança de que tempos melhores viriam, com a vitória de Fernando Collor para a presidência da República. O fim da ditadura militar anunciava a retomada do estado democrático de direito. Na educação, o pensamento neoliberal começava a definir as políticas educacionais. Em meio a esse turbilhão de acontecimentos, neste mesmo espaço de tempo, no final de uma década que anunciava

grandes mudanças, vim ao mundo.

1.2 Caminhos da favela

Na década de 1920, o imigrante polonês Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu terras na Serra da Misericórdia, que era, então, uma região rural da Zona da Leopoldina. O proprietário era referido pela população local como "o alemão" e, logo, a área ficou conhecida como "Morro do Alemão"

Wikifavelas

Durante minha vida, tive a oportunidade de conviver em diversos ambientes e experienciar diferentes culturas. Essa diversidade me proporcionou uma rica aprendizagem, permitindo-me conhecer novas perspectivas e valores. O período em que vivi na comunidade do Complexo do Alemão foi muito rico, em virtude de sua diversidade cultural, de seu território tão marcado pelo trabalho, pela luta diária de pessoas que buscam viver com dignidade.

Trago na memória momentos de alegria de um povo sofrido, as ruas enfeitadas durante a copa do mundo, as festas promovidas pela paróquia do bairro, o esporte praticado nos campos de terra, nas corridas e eventos realizados pela Associação de moradores. Há que se destacar que os movimentos empreendidos pela comunidade eram orientados pelas noções de coletividade e pelo interesse comum.

Apesar das adversidades aparentes da comunidade, a diversidade cultural e o espírito de união das pessoas que ali habitam é algo revolucionário. Nesse sentido, fica perceptível o sentimento e a noção de pertencimento, existe afeto e um apreço de ser e estar naquele lugar. Consequentemente, as percepções acerca do regional e do local se acentuam e atravessam meu processo de desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, os contrastes advindos das injustiças sociais crescentes em um país que, recém-saído do período da ditadura, abraçava as políticas neoliberais, foram muito perceptivos e ao mesmo tempo provocativos, a ponto de despertar indagações à criança que eu era naquele momento. Nessa época, estudava em um bairro vizinho, na Escola Municipal "Barão de Macaúbas".

Inaugurada no início da República, patrimônio tombado, a escola ainda mantém seu prédio e sua linda fachada bem preservados. Sua arquitetura segue o padrão

neoclássico e a arquitetura panóptica (FOUCAULT, 1987) presentes em instituições escolares do início do século XX. Um largo corredor central, que se fazia pátio nos intervalos, dava entrada às salas, cinco janelas do lado esquerdo e cinco janelas do lado direito, cercado por grades através das quais podia-se ver e ser visto. Assim,

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, p.284-285, 1987).

Para se chegar até a escola, era preciso descer o morro. Dessa vez, as ruas e os becos eram o caminho, esse era o trajeto diário. Ir para a escola já não me despertava tanta empolgação, o medo de simplesmente sair de casa, fazia-me uma criança mais reclusa.

Todas as manhãs observava o movimento comum, de pessoas comuns, inseridas em seu cotidiano. iam para o trabalho, para a escola, davam início à abertura do comércio local. Os que por falta de oportunidades se envolviam com o tráfico, estavam sempre à espreita e participavam de uma ordem que regia aquele ambiente. Em meio a essa cotidianidade, inseridos no contexto do que é considerado normal, alguns acontecimentos saltam aos nossos olhos e nos marcam. Todo este espaço geográfico é marcado por suas peculiaridades. Por meio de uma observação mais atenta, é possível identificar detalhes que caracterizam o desenvolvimento de uma região e suas localidades, como o tipo de atividade econômica predominante, a cultura local e as relações sociais estabelecidas.

Carregamos imagens durante a vida, que em certos momentos são essenciais para a nossa compreensão acerca do outro e de nós mesmos. Um em especial, mudou minha percepção sobre tudo o que acontecia ao meu redor.

Certo dia, indo para a escola, deparei-me com um menino dormindo na calçada, descalço, sem camisa e de bermuda. Sua expressão era de extremo cansaço. Naquele momento, pensei que ele também deveria estar indo para a escola ou brincando, pois ali

não era lugar para uma criança.

Seu sono profundo foi interrompido por um balde de água fria. Um homem, que carregava um fuzil nas costas, aproximou-se e o acordou dessa maneira, seguido de tapas e pontapés. Molhado e assustado, o menino acordou sem saber o que estava acontecendo, rapidamente voltou ao seu posto, que mais tarde me dei conta do que se tratava: olheiro do tráfico. Voltou para sua realidade, para o que se tornou cotidiano em sua vida: um cotidiano interrompido pela guerra, segundo as colocações de Lefebvre (1991).

Dessa vez, a aprendizagem do caminho não aconteceu de maneira leve ou colorida. Ainda pequeno, consegui entender alguns conceitos importantes, eu me sentia feliz por ter uma família que me permitia, mesmo vivendo diante de tais realidades, participar de um processo de construção pessoal. O menino foi colocado em uma realidade próxima, porém oposta. A construção da sua história estava ligada diretamente ao meio em que estava inserido e pelas circunstâncias.

1.3 Caminhos do interior

A Vila de São José do Avaí, criada pela lei provincial n. 2. 291, de 29 de dezembro de 1887, com sede na Estação de Pôrto Alegre, da Estrada de ferro Carangola, foi elevada à categoria de cidade com a denominação de ITAPERUNA, de acordo com o decreto n.2, de 6 de dezembro de 1889.

Major Porphirio Henriques

Em um outro momento, no ano de 1998, eu morava na cidade de Itaperuna/RJ, em um bairro afastado dos demais. Ali, quase todos se conheciam, um sentimento de segurança cercava aquele lugar, era como se uns cuidassem dos outros. As ruas eram tranquilas, quando a tarde caía, ficavam repletas de crianças, não havia afluência excessiva de veículos, e isso as transformavam em um grande pátio recreativo. Crianças brincavam entre si, e quase sempre, via-se algum adulto envolvido pelas brincadeiras.

Isso levou-me a pensar, mais tarde, sobre as crianças internas que carregamos durante toda a vida. Alguns guardam para si, outros libertam-se dos padrões e das vaidades e simplesmente brincam, se divertem. Retomar a infância distante faz-me

compreender melhor tudo o que me trouxe até aqui, e assim repenso, recrio, reescrevo, me refaço. Nesse movimento, tudo passa a ter um novo sentido.

A escola mais próxima de minha casa localizava-se na zona rural próxima ao bairro. Todos os dias, logo cedo, acontecia o ato de ida para a escola, quase um ritual. Arrumávamos a mochila empolgados, nela era colocada a cartilha, os cadernos, lápis e borracha.

Muitos, assim como eu, iam caminhando, outros de bicicleta e dois ou três eram levados de moto. A linha principal de ônibus mantinha apenas uma rota, que ia em direção ao centro da cidade, não havia vans escolares que nos levassem. Durante o percurso íamos brincando e interagindo com a paisagem. As árvores, as flores, os animais, a poeira da estrada, tudo o que compunha aquele cenário nos ensinava algo. Aprendíamos sobre as estações do ano, sobre o trabalho no campo, sobre o processo de reprodução das borboletas, conhecíamos as diversas cores que ainda não nos tinham sido apresentadas.

A escola acontecia antes mesmo de chegarmos nela. Os pequenos detalhes e a simplicidade das coisas eram professores. O caminho também se fazia aprendizagem. Depois de quinze minutos chegávamos até a escola. Uma construção simples, telhado colonial, com três salas, uma pequena cozinha e um banheiro, cercada por um muro acinzentado e uma grande escada na entrada.

Ainda me recordo de detalhes: a fila de crianças antes de entrar na sala de aula, o riacho que passava do outro lado da rua, os desenhos, as esculturas feitas de massinha, os animais que por aquela estrada passavam durante as aulas, o quadro empoeirado de giz.

Grande parte do que sou foi construído naquele momento. Minhas referências sociais e culturais, se não começaram a ser tecidas naquela escola, foi ali que elas se viram representadas: no bairro, na rua, na relação com os amigos de infância. Aprendi sobre a diversidade e sobre as individualidades. Com os professores aprendi mais do que as letras e números, mas sobre respeito e afeto. Ensinaram-me sobre o amor à profissão.

Em muitos momentos, ali, naquele lugar conhecido como “Cantão”, por estar distante e escondido em um canto, de tempos em tempos tínhamos a presença de

alguma figura política. Essas pessoas nos causavam certo encantamento. Jogadores de futebol, atores, cantores, tudo isso fazia com que seus discursos nos parecessem expressar uma bonita verdade.

Conseguir o apoio de pessoas humildes, de uma comunidade que não tinha por vezes quem se preocupasse com suas necessidades. Assim, participávamos de um espetáculo, uma apresentação da velha politicagem, sem arrependimentos e peso na consciência. Palavras e promessas! Os aplausos inflamavam o ego dos engravatados, aguçavam o brilho nos olhos das crianças.

Quando recordo a presença de políticos que estabeleciam a troca da festa por votos em uma pequena comunidade rural, isso dá a pensar. O lugar era pequeno, afastado do grande centro e negligenciado pelas políticas públicas. O termo “pequeno”, porém, só é passível de ser aplicado na restrita dimensão territorial, porque grandes e infinitas eram as marcas culturais que cada um de nós imprimia no lugar. Os candidatos ao pleito eleitoral, contudo, só nos viam naquilo que é observável: um aglomerado de camponeses e uma escola precária.

Penso que esta distinção é relevante ao tratarmos do ensino da história local. É comum que o “local” seja tão somente reconhecido e marcado pelas características físicas do lugar – características estas que são aplicadas às pessoas, por extensão. Daí que a observação externa de uma comunidade camponesa pode conduzir esta observação a destacar e a aplicar sobre os sujeitos que ali vivem, uma suposta ignorância, atraso e subserviência. Estes sujeitos seriam pouco, muito pouco – por isso recebem pouco. O ensino da história local deveria ter, dentre suas prioridades, discutir a relevância do que é criado no lugar investigado, as heranças dos saberes ancestrais e as práticas culturais que transformam o lugar.

A Escola Municipal “Etelvina Gama da Silva Torres”, distante do que é urbano, abraçada pela ruralidade, atendia uma demanda de uma realidade que por vezes era tudo o que muitas crianças tinham: educação, lazer e comida. Muitas famílias mantinham seus filhos na escola ou os introduziam desde cedo no trabalho braçal do campo.

Atualmente já não existe. O descaso do poder público com aquela comunidade, levou ao fim daquele lugar, repleto de histórias e marcas. Hoje, o que resta são os

escombros da pequena casa, que se perdeu por entre a vegetação que não para de crescer.

O cotidiano é composto por elementos comuns e corriqueiros que muitas vezes passam despercebidos. No entanto, ao prestarmos mais atenção e focarmos em seus detalhes, descobrimos a complexidade e diversidade de processos que contribuem para a construção do todo – se é que se pode nomear como “todo” algo inconcluso e em constante movimento. Esta percepção nos leva a compreender que existem infinitas possibilidades e caminhos a serem explorados.

Em meio a essa diversidade, percebemos que universos e realidades contraditórias coexistem e podem ser fontes de aprendizado. Em particular, o ambiente escolar é um espaço valioso para entendermos as relações sociais, afetivas e políticas que moldam nossa sociedade. No entanto, infelizmente, esse privilégio ainda não é acessível a todos em nosso país, o que resulta em realidades profundamente desiguais.

Estes lugares e seus detalhes estiveram presentes no meu dia a dia de maneira intensa. Uma herança cultural foi recebida e desfrutada nos seus mais variados aspectos. Através da música, da gastronomia, dos sotaques, dos costumes, da religiosidade, recebi como herança conhecimentos tecidos em Pernambuco, no Rio de Janeiro e Itaperuna, configurando, para mim, saberes marcados pela diversidade.

1.4 Caminhos da formação

A colonização das terras que compõem o atual município de Itaperuna data do princípio do século XIX. O desbravamento dessas terras foi devido a José Lannes (ou Lana) Dantas Brandão, sargento da Milícia de D. João VI, natural de Minas Gerais, que, ao desertar, embrenhou-se pela mata e percorreu essa região. Mais tarde, em 1833, voltou e se fixou no lugar denominado Porto Alegre.

Enciclopédia dos municípios brasileiros

Minha infância foi marcada por uma série de mudanças e deslocamentos constantes. Meus pais estavam sempre em busca de melhores condições e adaptações, mudávamos de cidade pelo menos uma vez por ano. Esse movimento constante nos levou a viajar entre a cidade do Rio de Janeiro e Itaperuna, sempre em busca de novas oportunidades. Esse ir e vir provocou também mudanças internas. Minhas percepções

acerca do mundo ao meu redor se transformaram. Os caminhos percorridos me apresentaram suas características, que aguçaram meus olhares, tornaram-se um referencial, pois neles foram concebidos saberes que vão além da sala de aula.

Dessa maneira, estudei em muitas escolas, em cada uma fui atravessado por experiências únicas. As instituições eram envolvidas por suas particularidades muito distintas, mas apesar dos diferentes aspectos, sempre existiram pontos de convergência. Recordo-me bem das muitas vezes em que, cursando a sexta série ou o sétimo ano do ensino fundamental, espaços temporais sem respostas tornaram-se recorrentes em muitos momentos da minha formação.

O que acontecia no Brasil enquanto os portugueses ainda nem pensavam em se aventurar “pelos mares nunca dantes navegados” e disseminar seu devastador ato colonizador? Aqui existiam pessoas ou nosso país não passava de um território vazio? Penso não ter sido o único a me preocupar com este assunto.

Durante o desenvolvimento sequencial e linear da disciplina de história, modo como os currículos ainda se encarregam de nos apresentar seus conteúdos, a denominada história do Brasil, ainda que de maneira eurocêntrica e hegemônica, trouxe-me respostas que naquele momento foram pertinentes à minha compreensão. Sim, a sociedade indígena aqui habitava e fazia parte do que viria a ser a Terra de Vera Cruz, Brasil.

Mais tarde os questionamentos mudariam e ganhariam outra entonação. O que acontecia na minha cidade enquanto a escravidão era dita abolida no Brasil? Estiveram aqui também pessoas escravizadas? Em uma espécie de afunilamento das questões que apareciam, mesmo sem saber, pensava o meu lugar e suas possibilidades. De alguma forma, ainda no curso do ensino fundamental, estabelecia-se o esboço prévio de um recorte historiográfico, a história regional.

Naquele momento, ainda sem muitas respostas, apenas pude vivenciar os aspectos que permeavam os ambientes em que eu estava inserido. Não tinha ainda um olhar crítico, mas as conjunturas falavam algo, davam pistas. Assim, passo por minha formação básica atento e chego ao Ensino Superior buscando respostas para outras perguntas.

No ano de 2009, dei início à minha trajetória no universo acadêmico superior ao ingressar no curso de Licenciatura em História, na cidade de Itaperuna/RJ. A partir desse momento, comecei a imergir em um mundo de conhecimentos e descobertas que transformaram a minha visão sobre a sociedade e o mundo em que vivo.

Durante esse período, me deparei com diversas questões que me levaram a reflexões profundas e significativas. Algumas questões eram incertas e outras esclarecedoras. Com o tempo, aprendi a enxergar a importância de conhecer a história sob novas perspectivas, o que abriu um mundo de possibilidades diante de mim.

Compreendi que a história não se trata apenas de fatos do passado, mas sim de narrativas construídas por pessoas e que podem ser interpretadas de diversas formas. Aprendi a questionar a veracidade dos relatos históricos e a entender como diferentes grupos sociais podem ter visões distintas sobre um mesmo acontecimento. Essa nova perspectiva me fez perceber que a história é uma ferramenta poderosa para compreender a sociedade em seus aspectos mais locais e específicos.

Morar e participar do desenvolvimento diário da cidade de Itaperuna/RJ tornou outra a minha formação, pois me permitiu conhecer de diferentes versões da história do município. Ao compreender as relações que passam pelas esferas históricas, sociais e culturais de Itaperuna, pude identificar inúmeras possibilidades ainda não exploradas, o que despertou em mim o desejo por aprender e socializar tais conhecimentos. Esta relação com a cidade e suas particularidades me permitiu estabelecer um diálogo mais profundo e uma conexão com as experiências vividas em distintos lugares ao longo da minha vida. Pude perceber como as minhas vivências anteriores se conectam com a história e a cultura da cidade, criando uma teia de relações e significados.

Esta conexão estabelecida foi possível graças às relações, aos afetos e à própria historicidade do lugar. Ao mergulhar na história e na cultura local de Itaperuna, pude identificar elementos que me conectavam com outras culturas e tradições já experienciadas por mim, criando pontes entre características locais e regionais e tendências mais amplas. Através desta conexão, aprendi a apreciar as particularidades da cidade e a perceber como elas se relacionam com outras tradições culturais, criando um diálogo constante entre o local e o global. Ao pensar estas influências e relações,

pude perceber como a história e a cultura de Itaperuna são parte de um todo maior, conectada a outras culturas e tradições.

Após concluir minha formação acadêmica em 2011, decidi dedicar minha atenção às curiosidades históricas locais de Itaperuna/RJ. Como professor, senti a necessidade de dialogar com meus alunos e incentivá-los a se interessar pela história de sua própria região, acreditando que a compreensão da história local é fundamental para entendermos as raízes e de uma comunidade. Ao longo dos anos, tive a oportunidade de compartilhar com meus alunos a importância de conhecer e valorizar a história local, mostrando que ela não se limita apenas a fatos distantes no tempo, mas está presente no cotidiano das pessoas, nas ruas, praças, monumentos e tradições culturais da cidade.

Por meio desta abordagem, meus alunos esboçaram um interesse maior e se tornaram mais engajados e curiosos, buscando informações e investigando os acontecimentos históricos que influenciaram a formação de sua cidade. Aprenderam a fazer conexões entre a história local e os acontecimentos mundiais, compreendendo como a história de Itaperuna/RJ está inserida em um contexto mais amplo e interconectado.

Durante minha carreira como professor, tive o prazer de ver, em alguns momentos, meus alunos compreenderem a importância de seu papel como agentes ativos na construção da história. Foi gratificante perceber que, ao compreenderem a relevância de sua participação, eles se tornaram mais engajados em aprender sobre a história local e a reconhecer sua presença crítica na construção social e histórica. Com essa percepção em mente, comecei a estimular discussões sobre o tema, a fim de ajudá-los a se conectar melhor com o contexto histórico em que estavam inseridos.

À medida que eu me aprofundei ainda mais no campo da história regional, pude descobrir detalhes desconhecidos por mim. Foi fascinante explorar a história local e aprender sobre eventos, personagens e lugares que desempenharam um papel significativo na formação da região em que vivo. Compartilhar estas curiosidades com meus alunos, no entanto, teve um impacto ainda maior do que eu imaginava. Ao discorrer sobre esses fatos históricos com meus alunos, notei que sua curiosidade e interesse pela história local aumentaram. Eles começaram a fazer perguntas e a se envolver mais ativamente na aprendizagem da história regional.

As histórias partilhadas provocavam o imaginário dos educandos que, conseqüentemente, desejavam conhecer outras narrativas.

Conforme os relatos narrados no livro "A terra da promessa" (HENRIQUES, 1956), um fato inusitado ocorreu por volta de 1892 na cidade. Uma multidão se reunia à espera do início da missa dominical, quando de repente, um jovem escravizado, trajando roupas brancas, escalou a torre da igreja para tocar o sino. Entretanto, sua mão ficou presa na corda, sendo arremessado para longe pelo movimento forte do sino. Com seus braços abertos, ele foi projetado em direção à multidão presente no local.

A multidão prontamente se movimentou em direção ao rapaz, que, surpreendentemente, se levantou sorridente e enxugou seu rosto com um lenço, afirmando que quase havia se machucado. Porém, ao seu lado, estava a doceira que, naquele exato momento, passava pelo local e suavizou o impacto de sua queda. Embora o sineiro não tenha sofrido danos, a doceira precisou receber cuidados médicos e foi levada para o hospital. Em virtude do ocorrido, o sineiro, percebendo as conseqüências do acidente, embrenhou-se em uma capoeira localizada nos fundos da igreja, desaparecendo de vista.

A escravidão foi uma instituição cruel e desumana que persistiu no Brasil durante quase quatro séculos. Desde o início do período colonial até a abolição da escravatura em 1888, milhões de africanos foram sequestrados de suas terras natais e forçados a trabalhar em condições extremamente precárias nas plantações de cana-de-açúcar, café, algodão e outras culturas. Não diferente das demais cidades do país, Itaperuna utilizou-se do trabalho escravo nos mais variados setores da sociedade.

Os contos e relatos, retratam momentos que se tornaram marcas importantes na construção da memória e das crenças populares.

A partir das reflexões realizadas, decidi incorporar fatos históricos locais como parte do meu método de ensino. Sempre que possível, trazia para a sala de aula narrativas instigantes e pouco exploradas, de modo a envolver os alunos com o conteúdo de maneira mais dinâmica e cativante.

Ao refletir sobre a prática escolar sob uma perspectiva crítica, torna-se possível identificar os padrões e as estruturas que influenciam o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, é possível compreender como as percepções sobre a

prática escolar e os caminhos estabelecidos podem moldar a formação acadêmica e profissional de um indivíduo, limitando ou ampliando suas possibilidades de atuação. “Ao se pensar no ensino de História e História local, deve-se priorizar a pesquisa, o aluno não pode acreditar que o conhecimento que o professor lhe transmitiu é único e incontestável” (ASSIS, BELLÉ & BOSCO, 2007).

Ao perceber a influência de padrões pré-estabelecidos em minha prática educativa, fica evidente que também fui moldado por essas estruturas e direcionado para uma posição que, posteriormente, me tornei opositor. Nesse sentido, é fundamental pensar na prática profissional então descrita e buscar compreender como esses padrões influenciaram minha formação e como desconstruí-los, possibilitando uma abordagem que não centralize a figura do professor como aquele que detém o poder e decide o que dizer e quando dizer. Assim,

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 2021 p.81).

Esta observação nos remete a traços evidentes de uma educação que adota uma perspectiva transmissiva de ensino, sem considerar de forma sistemática os processos de assimilação e produção dos conteúdos pelos aprendizes. Nesse sentido, não há uma preocupação em contemplar as condições socioculturais, cognitivas, emocionais e históricas dos estudantes – o que gera um ensino relacionado ao método, ao conteúdo e à avaliação, em detrimento de um ensino comprometido com a dialogicidade, com um currículo tecido por culturas e com uma avaliação formativa.

Após uma década desde a minha formação universitária, atuando nesses anos como professor de história na educação básica, chego ao mestrado ainda com anseios de pesquisar e conhecer os meios pelos quais história regional e local é desenvolvida nas escolas da cidade. Compreendendo a importância da historicidade do município de Itaperuna e seus aspectos políticos, culturais e sociais, bem como nos aprendizados decorrentes da diversidade por mim experimentada.

Fica evidente que percorrer tais caminhos sem os respaldos necessários, torna a

busca mais difícil. Enquanto disciplina, a história nos mostrou, no decorrer dos anos, seus traços moldados pelo positivismo. A visão positivista da história destaca a importância da objetividade e do racionalismo, em detrimento de outras perspectivas, como a subjetividade e a interpretação. Essa abordagem resultou em um histórico de silenciamento de vozes vistas como menos importantes, afetando a compreensão da história em seu todo.

Os pensamentos e análises da história, então, foram influenciados por fatores políticos, trouxeram suas perspectivas baseadas em ideologias e conflitos entre nações e grupos. Isto levou a uma tendência a se concentrar nos "grandes" acontecimentos, como guerras e revoluções, e nos ditos "heróis" que os lideraram. Como resultado, a história foi frequentemente vista como uma narrativa de vencedores e perdedores, com pouco espaço para as experiências e perspectivas das pessoas comuns.

Contudo, ainda nos séculos XIX e XX, vozes se levantaram sob forma de protesto aos padrões idolatrados pelos historiadores da época, questionando as práticas tradicionais que defendiam paradigmas considerados como dogmas inquestionáveis dos estudos históricos, estes, influenciados e enraizados pelo positivismo. Os Annales reforçam a superação desses paradigmas, e ao longo do tempo possibilita uma nova percepção do processo histórico em suas mais variadas conjunturas.

Nesse sentido, propuseram uma abordagem mais rigorosa à análise dos estudos históricos, questionando a influência dos métodos positivistas na história. Defendendo a ideia de que a história não deveria ser vista como uma ciência exata, argumentavam se tratar de uma narrativa complexa e subjetiva que deve ser analisada a partir de várias perspectivas. Assim,

O economista François Simiand, foi mais longe nesse sentido, quando, num famoso artigo, atacou o que chamou de "os ídolos da tribo dos historiadores". Segundo ele, havia três ídolos que deveriam ser derrubados: "o ídolo político", "a eterna preocupação com a história política, os fatos políticos, as guerras, etc., que conferem a esses eventos uma exagerada importância"; o "ídolo individual", isto é, a ênfase excessiva nos chamados grandes homens, de forma que mesmo estudos sobre instituições eram apresentados como "Pontchartrain e o Parlamento de Paris", ou coisas desse gênero; e, finalmente, o "ídolo cronológico", ou seja, "o hábito de perder-se nos estudos das origens" (BURKE, 2010, p. 17).

No que se refere ao ensino de história, não sei se é possível a derrubada do "ídolo

político, do ídolo individual e do ídolo cronológico”, mas esta sinalização nos ajuda a abordar criticamente a história, estremecendo tais ídolos e ampliando os temas que os alimentam. Os “ídolos” apenas perderiam o protagonismo, tornando-se parte de um debate amplo.

A exclusão de perspectivas consideradas menos importantes na disciplina da história gerou um espaço para que outras vozes dominantes possam subsistir. Tais vozes aparecem privilegiadas e perpetuam um entendimento limitado e simplista da história. O resultado, se mostra como uma narrativa seletiva deixando de fora importantes histórias e perspectivas, ocasionando por vezes, certo vazio na compreensão da história. A superação dessa limitação aparecerá a partir do reconhecimento da complexidade da história e a valorização de muitas outras perspectivas e vozes. Isso inclui um interesse renovado na história social, que enfoca a vida diária e as experiências das pessoas comuns, bem como nas histórias de grupos marginalizados e das minorias. O interesse por uma história ampla e descentralizada, aparece também, no século XX, porém necessita de constantes incentivos em seus muitos aspectos.

Assim, a história regional e local só passará a ter sua devida importância, quando conseguirmos nos enxergar como sujeitos ativos da produção histórica, quando conseguirmos atravessar as barreiras impostas pelos muros hegemônicos, superando as distinções e regulações que ditam quem e o que é mais importante.

CAPÍTULO II REVISÃO DE LITERATURA

Itaperuna exceção republicana! Itaperuna pacífica das pequenas quatro mil oitocentas e seis pequenas propriedades registradas. Com seus oito milhões de arroba.

Manoel Bandeira

Este capítulo é dedicado à revisão de literatura, onde trago alguns conceitos acerca da história e de seu ensino, da história regional e local, e sobre o cotidiano. Para tanto, apresento autores e algumas de suas produções que contribuíram diretamente para a formulação deste trabalho, provocando o pensamento e dialogando com as questões que eu me colocava.

De acordo com Robinson (1912) “história inclui qualquer traço ou vestígio das coisas que o homem fez ou pensou, desde o seu surgimento sobre a Terra” (*apud* BURKE, 2010, p. 21). Inicialmente, as percepções dos seres humanos acerca de sua existência eram baseadas em concepções sobrenaturais e mitológicas que explicavam a essência em seus primórdios. Assim, homens e mulheres buscavam respostas através de métodos que lhes eram possíveis para a compreensão de sua vida enquanto sujeitos históricos. Com o passar do tempo, essas noções foram sendo modificadas, e compreendidas a partir de outras esferas, como por exemplo a filosófica. Nesse sentido, a necessidade de entender-se dentro destes processos muda de lugar, a observação passa a se voltar para uma busca no tempo presente, não mais tendo como condutores fatos longínquos. Assim,

Percebe-se, portanto, que os historiadores estão ligados à sua realidade mais imediata, espelhando a preocupação com questões do momento. Não vemos mais uma preocupação com uma origem distante, remota, atemporal (como existia no mito), mas sim a tentativa de entender um momento histórico concreto, presente ou proximo passado. Há uma narração temporal cronológica, referente agora a uma realidade concreta. Não procuram mais conhecer uma realidade atemporal mas a realidade específica que vive a de um determinado tempo e um determinado espaço (BORGES, 1993, p.20).

Partindo deste pressuposto, podemos compreender a história como um meio pelo qual a humanidade, desde seus primórdios, desenvolveu para construir-se e identificar-se enquanto sujeitos sociais. Repleta de conceitos e significados que, contraditoriamente, convergem e divergem entre si, a história é tanto marcada pela complexidade, quanto registrada segundo o que é simples e comum. Em seus significados literais e etimológicos, segundo Le Goff (1996, p.09), a palavra traz “o significado do termo grego e da sua raiz indo-europeia *wid-*, *weid-* "ver". Assim, a história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer: "Eu vi, senti".

A história é costumeiramente ligada ao “estudo do passado”, “ciência que investiga o passado” ou até mesmo “conhecimento através da investigação”, porém, não pode ser entendida e limitada somente ao estudo do passado, mas aquela que estuda o processo de transformação do homem no tempo, assim, “reproduzir ou decalcar a terminologia do passado pode parecer, à primeira vista, um procedimento bastante seguro. Choca-se, porém, na aplicação, com múltiplas dificuldades” (BLOCH, 2001, p.136). Portanto, a história caminha na direção dos tempos futuros, elucidando o passado, desdobrando-se no tempo presente. Homens e mulheres constituíram-se pesquisadores de si mesmos, sujeitos capazes de encontrar respostas para seus dilemas imersos à complexidade indissociável da existência do ser humano.

Tais apontamentos referentes aos significados da história nos remetem a um lugar de reconhecimento de nós mesmos enquanto sujeitos participantes desta história, onde as afirmações acerca destes papéis, situadas nas esferas mais rotineiras dos ambientes acadêmicos e escolares, passam a fazer sentido. Assim, “a história é o privilégio (tantara) que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio. Ela situa o povo no centro dele mesmo, estendendo-o de um passado a um futuro” (CERTEAU, 2010, p.15).

A história carrega consigo a capacidade de estabelecer as conexões necessárias para a preservação das memórias e como instrumento de diálogos que ajudarão nas perspectivas dos desdobramentos do porvir, apresentando-se também como método reflexivo acerca das nossas pretensões.

Os traços pontilhados pela história podem nos indicar a direção de muitos caminhos, porém, torna-se importante a observação de que ela não se constitui de maneira neutra, sem influências. Nesse sentido, a história não se restringe a apenas um

ponto de vista, revela-se a partir de ângulos diversos que trazem à tona suas intenções, sejam elas políticas, religiosas, econômicas, entre outras. Para Certeau (2010, p.51), “o significado do discurso historiográfico são estruturas ideológicas ou imaginárias; mas elas são afetadas por um referente exterior ao discurso”, assim, toda análise histórica passa antes pelos sentidos exteriores ao fato, trazido por aquele que observa, e está alicerçada em algum pressuposto ideológico, que confere à história um caráter parcial.

A possibilidade de encontrar nos fatos passados a compreensão da sociedade e como ela se desenvolve, permitiu à humanidade criar caminhos de dominação, distinguindo os demais, não detentores do poder, os colocando em segundo plano e os submetendo às suas vontades e ideologias. A exemplo desses meios de subjugação,

O primeiro embate total entre antigo e moderno foi, talvez, o dos índios da América com os Europeus, e as suas consequências foram claras: os Índios foram vencidos, conquistados, destruídos e assimilados; raramente as várias formas de imperialismo e colonialismo, do século XIX e princípio do XX, tiveram efeitos tão radicais (LE GOFF, 1996, p.185).

Desse modo, a história emerge como um conjunto de explicações sobre o outro, sobre como a partir de uma visão hegemônica, esse ou aquele é colocado no panorama das relações econômicas, culturais, políticas, culturais e religiosas. O colonialismo europeu evidenciou e fixou estes moldes atribuídos à história nos seus mais variados aspectos e lugares, colocando-se no topo dos pensamentos impostos como úteis. A exploração tornou-se objeto de desejo pelas nações do velho mundo, expandir seus territórios e seu poder, com o tempo, transformou-se em necessidade.

De forma similar, a ideologia colonialista continua a exercer sua influência na sociedade atual, através de mecanismos de controle que moldam o pensamento, monitoram a rotina diária e aprisionam os sentidos. O colonialismo não se limitou apenas a um ato político ou comercial, mas penetrou profundamente na consciência coletiva, persistindo ainda hoje, mesmo que não haja mais colônias.

Esse legado colonial se mantém presente no modo de pensar, moldando as relações sociais e a compreensão da história e da cultura. Ele é mantido por meio de estruturas de poder e de dominação que buscam manter o controle sobre os corpos e as mentes dos indivíduos. Nesse sentido, é necessário um esforço constante para a

superação dessas estruturas e para reconhecer a influência da ideologia colonialista em nossa sociedade.

Dessa forma, esses novos meios de dominação se disfarçam e permeiam todas as esferas do mundo contemporâneo. Eles se manifestam na política, na educação, na religião, na economia e, acima de tudo, no universo da escrita da história. Os ideais colonialistas se apropriam e moldam as formas de pensar, fazendo com que a sociedade fique prisioneira dos princípios dominadores e de suas próprias concepções.

A história, nesse contexto, desempenha um papel crucial na perpetuação da ideologia colonialista, pois é por meio dela que se constrói uma narrativa hegemônica que legitima as estruturas de poder existentes. Ainda assim, é possível resistir a essas formas de dominação e criar novas formas de pensamento, capazes de desafiar a lógica colonialista e construir um ensino decolonial.

A disciplina da história tem um papel fundamental na construção do conhecimento humano, pois permite refletir criticamente sobre o passado e entender os processos históricos que moldaram a sociedade atual. No entanto, essa disciplina não é imune às influências sociopolíticas que a cercam.

Ao longo do tempo, a história sofreu muitas modificações, algumas impostas por regimes autoritários ou grupos dominantes que buscavam controlar a narrativa histórica, enquanto outras foram fruto de uma luta política, em que diferentes grupos sociais se empenharam em denunciar as práticas hegemônicas e propor uma visão mais crítica e inclusiva da história.

Atualmente, a história é vista como um campo de conhecimento plural e dinâmico, que abrange diversas abordagens e perspectivas, e é fundamental para a construção de uma sociedade justa e democrática. No entanto, é preciso lembrar que a história sempre estará sujeita a disputas políticas e ideológicas, e que a busca por uma visão mais crítica e inclusiva da história é um processo constante.

O desenvolvimento da história enquanto ciência, mostrou-se imprescindível. Mergulhar em seu passado para ter em vista melhores condições de enfrentar ou ter um panorama mais palpável dos processos futuros, proporcionou à humanidade um caminho mais concreto para a compreensão de seus desdobramentos e primórdios. Inserido no meio social e mediado por seus interesses e necessidades, o ser humano em suas

variadas condições consegue formar e reformular conceitos acerca de pontos relevantes para a compreensão da sociedade da qual faz parte. Embora em alguns momentos esta disciplina tenha sido sequestrada com propósitos de registro de versões colonialistas e autoritárias, a história direcionou a formação crítica da sociedade, preenchendo lacunas e moldando os currículos escolares com noções temporais, de maneira linear, possibilitando e expandindo conhecimentos que antes se pautavam em saberes filosóficos e teológicos.

O ensino de história mostrou-se amplamente capaz como meio de formação do pensamento crítico, introduzindo-se nas grades acadêmicas universitárias, remodelando os sistemas de ensino no século XIX e, conseqüentemente, “o ensino da história estende-se às crianças. Os pedagogos inserem em suas lições jogos, fábulas, narrativas, que permitem ensinar as bases da história associadas ao divertimento” (LE GOFF, 2015, p.37). Porém, o processo de inserção da história enquanto disciplina nas universidades e posteriormente nas instituições de ensino básico não acontece de maneira imediata, passa ainda por diversos processos de transformações institucionais e práticos.

A história ainda não é, propriamente falando, matéria de ensino. Ela só virá a sê-lo no final do século XVIII e no início do século XIX. O caso francês pode ser tomado como exemplar. O ensino da história foi favorecido na França pela edição regular de fontes efetuadas por especialistas, ancestrais dos historiadores ou os mais antigos dentre eles (LE GOFF, 2015, p.37).

Fica claro que a historiografia se desenvolveu alicerçada em um cenário eurocêntrico, fundamentando-se em uma visão do todo a partir da Europa. Assim, diante das realidades atuais e das ideias emergentes, a descentralização da pesquisa historiográfica torna-se tão óbvia quanto necessária. As grandes figuras e os fatos marcantes da história não se demonstraram suficientes dentro do contexto educacional da formação básica, exige-se cada vez mais uma aproximação de realidades, pautadas nas vivências trazidas pelos alunos bem como as experiências extraclasse do professor.

O século XIX trouxe consigo fortes influências para o universo historiográfico, colocando à prova os padrões instituídos pelos historiadores de outrora, revelando um sentimento de renúncia diante dos métodos considerados incontestáveis e

preestabelecidos. Com o passar do tempo, a história atravessou importantes processos de mudança no mundo, fazendo com que os olhares se voltassem para outros rumos e passassem a contemplar outras experiências e enfrentamentos. O estudo da história é desenvolvido voltando-se para específicos momentos que ganharam destaque e relevância, diante de suas características políticas, econômicas e sociais.

O positivismo de Auguste Comte, durante o século XIX, encontrava-se fortemente presente nos pensamentos e métodos historiográficos de então, sendo que sua atenção se direcionava para fontes documentais e arquivos, excluindo as histórias não políticas e não documentadas. Ainda durante o período do Iluminismo, alguns historiadores, em muitas partes do mundo, buscavam romper com esse tipo de historiografia tentando trazer à tona a “história das sociedades”.

Desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política, tratados de antiquários, e assim por diante. A forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis. Foi durante o Iluminismo que ocorreu, pela primeira vez, uma contestação a esse tipo de narrativa histórica (BURKE, 2010, p.11).

O início do século XX traz consigo novas perspectivas. Os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch fundam a Revista *Annales*, famosa na França por seus estudos focados na história social, os quais mostravam sua insatisfação com a predominância da história política nos estudos históricos, voltada sempre aos grandes acontecimentos e seus importantes personagens – o que pensavam ser insuficiente para a produção historiográfica. Influenciando fortemente a história da historiografia, lideram o movimento intelectual que ficou conhecido como a “Revolução francesa da historiografia”. A escola dos Annales buscou também uma perspectiva de rompimento com os moldes até então estabelecidos para a investigação da história que considerava como inúteis as inúmeras possibilidades de outras contribuições para a construção historiográfica. Os Annales abrem espaço para novas concepções acerca da pesquisa histórica, provocando profundas mudanças na historiografia ocidental. O rompimento e crítica ao Positivismo de Comte ultrapassam as barreiras dominantes, que ridicularizavam essa nova proposta

historiográfica e consideravam como “insignificantes detalhes estudados infantilmente” (BURKE, 2010, p.13).

Movimentos contemporâneos como este representam a constante mutabilidade da história, que se faz importante a cada passo da evolução política, social e cultural da humanidade, bem como seus retrocessos. Os processos não-contemporâneos também aparecem como inspiradores e até mesmo revolucionários, em um sentido mais estrito da palavra, tornando-se referência. Através desses caminhos, muitas possibilidades foram se apresentando, à medida em que os olhares se voltaram em outras direções e expuseram o comum, o corriqueiro, enfim, as individualidades. A observação do indivíduo enquanto produtor de sua própria história, revelou o que durante muito tempo foi deixado em segundo plano: as vozes silenciadas e as relações tecidas que se mantiveram como pano de fundo dos grandes acontecimentos, assim,

Em história, é abstrata toda "doutrina" que recalca sua relação com a sociedade. Ela nega aquilo em função de que se elabora. Sofre, então, os efeitos de distorção devidos à eliminação daquilo que a situa de fato, sem que ela o diga ou o saiba: o poder que tem sua lógica; o lugar que sustenta e "mantém" uma disciplina no seu desdobramento em obras sucessivas etc. O discurso "científico" que *não fala* de sua relação com o corpo social é, precisamente, o objeto da história. Não se poderia tratar dela sem questionar o próprio discurso historiográfico (CERTEAU, 2010, p. 69-70).

A história regional e local emerge como uma estratégia para resistir ao poder opressivo da história oficial. Ao dar voz a acontecimentos e personagens antes negligenciados, essa abordagem da história não apenas revela a pluralidade das experiências humanas, mas também desafia a narrativa hegemônica que busca impor uma única versão da história.

A história regional e local é um espaço de resistência frente ao poder opressivo da história oficial, uma vez que propõe novas formas de narrar a história, dando voz aos personagens e eventos que foram ignorados ou excluídos da história tradicional. Essa abordagem plural e inclusiva não apenas revela a diversidade das experiências humanas, mas também questiona a narrativa hegemônica que busca impor uma única versão da história, validando outras perspectivas e construindo um diálogo intercultural.

Ao reconhecer a importância da história local e regional, é possível valorizar as práticas cotidianas e culturais, recuperando a memória e as tradições de grupos marginalizados, reescrevendo a história a partir de uma perspectiva mais democrática. Essa temática representa uma importante estratégia para resistir ao poder das narrativas dominantes e construir uma história mais plural e inclusiva.

Assim, a história regional e local surge como uma forma de resistência criativa contra as forças homogeneizadoras da história dominante. Ela dá voz às margens e às periferias, permitindo que as narrativas antes silenciadas possam ser contadas e valorizadas. Por meio da apreciação da história social, essa abordagem possibilita a construção de um conhecimento histórico mais inclusivo e plural, que reconhece a complexidade e a diversidade da experiência humana.

Segundo Barros (2006, p. 463), “uma região é uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios”. Neste sentido, a região apresenta, internamente, relações que são desenvolvidas nos âmbitos culturais, políticos, econômicos e sociais, oferecendo movimento à essa delimitação geográfica.

A observação e compreensão desses processos culturais, sociais, econômicos e políticos no âmbito regional e local questionam, criticamente, paradigmas postos no estudo e ensino de história. A história de sujeitos comuns é colocada como centralidade na contribuição das transformações espaciais. Esta visão aparece de forma mais esclarecida a partir dos movimentos revolucionários de renovação historiográfica do século XX, “daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que nela poder ser percebido um certo padrão de inter-relações entre elementos dentro dos seus limites” (BARROS, 2006, p. 463).

Nesse sentido, a historiografia passou por diversos estágios ao longo dos anos, trazendo consigo consideráveis mudanças de paradigmas e conceitos, que com o passar do tempo, já não se fizeram condizentes com o desenvolvimento da produção histórica. O estudo da história local e regional aparece a partir desta compreensão, quando se percebe que outros meios de investigação seriam possíveis e a visão do historiador sempre será local e que toda a sua observação estaria pautada através de seu presente. Portanto, compreendendo que “Toda História é Local, pretende-se lembrar a todos que,

assim como toda história é pronunciada de um certo momento no tempo, qualquer história é produzida também a partir de um lugar” (BARROS, 2013, p.03-04).

Assim, o historiador não consegue se colocar em uma posição de neutralidade, visto que sempre estará sujeito ao que acontece ao seu redor, no momento em que produz. A produção historiográfica passa a ser analisada e constituída a partir de outros olhares, evidenciando a historicidade marcada pelo local. Dessa forma, como nos aponta José d’Assunção Barros:

Michel de Certeau já refletiu longamente sobre o fato de que todo trabalho historiográfico está relacionado a um determinado “lugar de produção”, com todas as implicações que isto traz para o trabalho historiográfico e para as pressões que se exercem sobre o historiador. De igual maneira, “toda história é local” porque a sua prática se exerce a partir de um local – seja uma metrópole como São Paulo ou Rio de Janeiro, seja a partir de uma localidade menor como Santo Antônio de Jesus, seja a partir de algum ponto sem nenhuma referência cidadina, e que mais adequadamente deveria ser definido em termos de um lugar de produção mais inserido integralmente na ruralidade (BARROS, 2013, p.04).

Um importante fator trazido por este recorte denominado história regional, encontra-se na interdisciplinaridade, que aparece como uma abordagem que busca integrar diferentes disciplinas e áreas de conhecimento para entender de forma mais completa um fenômeno ou tema específico. No caso da história regional e local, a interdisciplinaridade torna-se uma ferramenta importante para compreender melhor a história de uma determinada região ou localidade.

A análise da história de uma região ou localidade pode se beneficiar do emprego de diferentes disciplinas. A geografia, por exemplo, pode ajudar a compreender a influência do ambiente natural nessa história, enquanto a antropologia pode fornecer informações sobre as culturas e tradições locais. A sociologia, por sua vez, pode ser utilizada para examinar as relações sociais que se desenvolvem ao longo do tempo na região, e a arqueologia pode ser útil na identificação de evidências materiais da história local.

Essa aproximação e relação interdisciplinar com outras áreas de conhecimento torna-se de grande valia, pois tratando-se de recortes de espaços geográficos a serem observados, a geografia funciona como ótima orientação e apoio. Desta forma, ambas

as disciplinas, tornam-se complementares, dando um sentido mais claro uma a outra. Temos então que,

A interdisciplinaridade entre a história e a geografia é estabelecida, entre outros aspectos, através de conceitos como “espaço”, “território”, “região”, e é sobre eles que passaremos a refletir nas próximas linhas. Em uma de suas instâncias mais primárias, o *espaço* pode ser abordado como uma área indeterminada que existe previamente na materialidade física (e, neste caso, ainda não estaremos considerando as noções de ‘espaço social’, de ‘espaço imaginário’ e de ‘espaço literário’ que já foram mencionadas). Foi a partir desta noção fundadora que, na Geografia tradicional, começaram a emergir outras categorias como a de “paisagem”, de “território” e de “Região” — noções de que logo os historiadores começariam a se apropriar para seus próprios fins (BARROS, 2006, p.463).

Ainda que as abordagens e os debates acerca da história regional e local tenham ganhado força no universo acadêmico e nas pesquisas historiográficas nos últimos anos, existem muitos obstáculos que dificultam o seu desenvolvimento de forma mais vertiginosa. Dificuldades que passam desde a insuficiências de bibliografias produzidas, até os problemas relacionados ao acesso às fontes, sejam elas documentadas ou orais, muitas vezes perdidas pela ação do tempo e por uma não preservação adequada. Assim, as fontes nos proporcionam compreender e “encontrar materialmente e reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao seu processo de produção. Para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: não basta olhar, é necessário ver” (RAGAZZINI, 2001, p.14).

Em sequência, essas dificuldades são estendidas, por exemplo, na aplicação da história regional e local de maneira prática no âmbito escolar, quando surgem novos problemas, tais como a capacitação do profissional para essa nova abordagem; o estímulo na aprendizagem voltada, por exemplo às comemorações específicas da cidade. Muitos outros fatores engolem de maneira cruel os saberes de maneira mais ampla, e refreiam cada vez mais a abordagem de novas percepções.

Esta pesquisa não somente encontra-se baseada em métodos e conceitos que me direcionam durante os processos, mas também atravessa outros campos, como o da busca dos saberes pessoais e produzidos coletivamente, levando-me a entender e a indagar quem sou, por que sou e para onde vou.

Os caminhos que são traçados não acontecem por obra do acaso ou por mera vontade nossa de seguir tais direções, uma vez que passamos por inúmeros momentos

de nossa existência em que as compreensões acerca dos pensamentos e sobre o mundo foram sendo tecidas, por meio das vivências, experiências, leituras, influência de pessoas, heranças conceituais e produções coletivas. Assim, para entender os meios pelos quais teci meus interesses e questionamentos, é necessário retornar à infância distante, como expõe Freire (1989). Dialogando com os escritos do mestre, posso compreender melhor o que me trouxe até aqui, e assim repenso, recrio, reescrevo, me refaço. Nesse movimento, com clareza, recordo-me dos momentos em que as ideias se enraizaram.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 1989, p. 09).

Percebo hoje, na concretude das palavras de Paulo Freire, que a "leitura do mundo precede a leitura da palavra", dando sentido às coisas antes mesmo das palavras faladas e escritas. Minha leitura de mundo estava acontecendo nos mais variados momentos e, conseqüentemente, me levou à academia, à história regional e à educação.

Na contemporaneidade, é preciso refletir sobre o papel do conhecimento científico e sua conexão com a sociedade. É necessário compreender o propósito da produção científica, buscando atribuir-lhe um significado que a torne acessível tanto para os pesquisadores quanto para a população em geral.

Para alcançar esse objetivo, é importante considerar as diferentes formas de expressão do conhecimento, bem como o público que se pretende atingir. Desse modo, é possível promover um diálogo mais aberto e inclusivo entre a ciência e a sociedade, contribuindo para a formação de uma cultura científica mais democrática e crítica.

É importante refletir sobre suas contribuições pessoais e sociais. Esta transformação requer a compreensão das necessidades e demandas da sociedade, bem

como uma abordagem colaborativa e inclusiva que valorize a diversidade de perspectivas e experiências.

A análise das realidades locais deste estudo evidencia a importância de compreender que o conhecimento não pode ser delimitado e imposto de forma unilateral. Pelo contrário, o conhecimento é fruto de um processo dinâmico e plural, que envolve múltiplas perspectivas e abordagens.

Assim, a compreensão da história é inevitavelmente afetada pelo contexto em que é observada. Como Barros (2006) enfatiza, "toda história é local", porque a perspectiva do observador é moldada pelas influências do lugar de onde ele observa. No entanto, à medida que o conhecimento avança, ele se espalha para outras áreas e busca novas formas de sabedoria e compreensão. Isso permite que a história local seja vista em um contexto mais amplo e integrada a outras narrativas históricas, enriquecendo assim o entendimento global da história.

Para melhor elucidação e compreensão desses percursos trilhados, tornou-se fundamental estabelecer conexões também com o pensamento cotidiano, compreendendo que estas trajetórias estão interligadas aos acontecimentos diários. A saber que os variados processos históricos da humanidade caminham nesta perspectiva, desde o mais poderoso até a figura dos sujeitos mais comuns, ambos estão imersos nas práticas cotidianas e por meio delas inventam, desconstruem e tornam a criar.

Através da obra de Certeau (1998), pode-se compreender que as relações estabelecidas no cotidiano são organizadas como uma rota de fuga, desviando-se do poder dominante que limita e busca tomar posse do lugar (próprio). O "fraco", por outro lado, utiliza-se do tempo e de diversas estratégias para escapar das imposições e práticas instituídas pelo poder. Isso demonstra a importância da resistência cotidiana como forma de enfrentar as opressões impostas pelo poder dominante e buscar manter a autonomia e a liberdade do indivíduo.

Portanto, "o próprio é uma vitória do lugar sobre o tempo. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias" (CERTEAU, 1998, p. 99). É exatamente nesses espaços, onde estão instituídas as vontades do poder dominante,

que são colocadas em prática as “táticas” (CERTEAU, 1998) que configuram uma forma de desviar-se das imposições estabelecidas.

Dessa maneira, esses caminhos que inicialmente parecem não obter sentido claro, aos poucos vão sendo elucidados, à medida em que a observação é voltada para os meios criados para sobressair àquilo que está posto pelo poder maior. Isto porque, “ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem de uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo, distinguem as maneiras de agir” (CERTEAU, 1998, p. 102). Assim, pensar a educação e o cotidiano escolar dentro deste contexto, nos possibilita entender como as instituições delimitam seus lugares e de que maneira professores, professoras e alunos desviam-se das realidades postas, criando outros caminhos que superem a ausência daquilo que lhes é fundamental.

CAPÍTULO III

TRABALHOS RELACIONADOS

Neste capítulo são apresentados trabalhos relacionados ao tema da pesquisa – o ensino da história regional e local. Para a produção deste capítulo, foram buscados artigos, teses e dissertações produzidos na última década, disponíveis nas plataformas de periódicos científicos e no repositório do banco de teses e dissertações da Capes⁴. Os critérios de seleção dos trabalhos apresentados foram: (i) temática similar à destacada no presente estudo; (ii) abordagem crítica; (iii) fundamentação teórica dos dados apresentados.

O primeiro trabalho a ser analisado, intitulado “A importância da história regional e local no Ensino Fundamental”, foi produzido por Luís Carlos Borges da Silva, no ano de 2015. Em seu artigo, o autor fomenta a importância do estudo da história regional e local no ensino fundamental, estabelecendo experiências e novas percepções aos alunos enquanto agentes e construtores de sua própria história.

De acordo com o autor, o estudo da história regional nem sempre foi apreciado com veemência pelo mundo acadêmico e, somente a partir do final da década de 1980, é que surgem trabalhos mais direcionados ao tema.

A partir de uma nova concepção metodológica chamada ‘Nova História’, surgida no ano de 1929, houve uma mudança sistemática na maneira de se enxergar a história e a noção tradicional foi aos poucos sendo deixada de lado, dando espaço à uma história problema.

Assim, para Silva (2015) percebe-se a importância do estudo da história regional e local no mundo historiográfico, visto que propicia uma aproximação do historiador com o seu objeto de estudo. A partir de seu trabalho, Silva (2015) traz uma sugestão aos professores e professoras do ensino fundamental que se baseia na urgência em se trabalhar em sala de aula essa nova concepção historiográfica, na qual é perceptível o destaque oferecido aos livros didáticos apenas para a história geral e história do Brasil, tornando-se, muitas vezes, sem significados para o aluno. Portanto, o conteúdo de história deveria se tornar mais aplicável e menos mecanizado.

⁴ Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Ainda para Silva (2015), o que se estuda da história no âmbito do ensino fundamental, gira em torno de uma esfera nacional, sem ser levado em conta as relações sociais, símbolos e práticas políticas regionais. Notoriamente, como expõe o autor, a história regional e local não consegue ser desassociada de uma conjuntura mais extensa de região, porém não significa definir equivalência de valores entre um tema e outro. Tais colocações de Silva (2015) corroboram a iniciativa deste estudo, uma vez que critica a escassez de temas regionais e locais nos currículos escolares.

Silva (2015) conclui seu trabalho apontando as diferentes maneiras de se produzir história regional e local e reitera a importância do estudo das esferas regionais e locais, bem como do papel do professor na aplicação desta metodologia. O autor dá a entender, em consonância com os interesses deste trabalho, que a discussão sobre a história Local propicia ao aluno a consciência de que ele, independentemente de qualquer realidade, é construtor e participante ativo da história.

Outro trabalho utilizado como fonte de pesquisa, foi produzido por Natania Aparecida da Silva Nogueira (2001), com o título: “O ensino da história local: um grande desafio para os educadores”.

Segundo a autora, a abordagem da memória local sempre foi um desafio a ser enfrentado por pesquisadores e historiadores. Para Nogueira (2001), a memória perde-se quando não se dá a devida atenção à documentação, aos monumentos e aos costumes locais. Natania descreve a realidade da cidade de Leopoldina/MG, quando relata como a memória local é utilizada e trabalhada no ambiente escolar. A autora destaca que “todos os anos os professores pedem que os alunos façam pesquisas sobre a história da cidade e é sempre o mesmo material que aparece reproduzido” (NOGUEIRA, 2001, p. 01).

Tais apontamentos da autora reforçam minhas proposições abordadas nesta produção: torna-se necessário pensar nos problemas que aparecem a cada dia e que dificultam o desenvolvimento teórico e prático dos temas relacionados à história regional e local nas escolas e a maneira como eles acontecem. Penso que a discussão acerca da preservação da memória regional e local deveria considerar as redes formativas, os saberes locais, os sentidos compartilhados pelos sujeitos e as versões que foram apagadas pela lógica hegemônica.

Em seguida, levanta algumas questões que contribuem diretamente com meu processo de pesquisa. Quando a autora questiona “como ensinar a história do Município quando faltam dados concretos e material de pesquisa?” (NOGUEIRA, 2001, p. 01), ela traz à tona uma reflexão sobre a formação de profissionais pesquisadores e os impactos causados por essa falta de direcionamento nos cursos acadêmicos de formação docente à pesquisa. Como expõe Nogueira (2001, p. 01), “se por um lado as universidades públicas privilegiam a formação dos bacharéis, as particulares dedicam-se à licenciatura, colocando o estímulo à pesquisa em segundo plano.” A autora apresenta a realidade profissional acadêmica em que os planos de carreira diferem-se: se por um lado as universidades públicas investem na pesquisa e capacitam seus profissionais, nas particulares, não acontece da mesma maneira, os focos e objetivos são outros que não contemplam a pesquisa.

Esta discussão leva a pensar sobre um Programa de Pós-Graduação no interior, no qual grande parte dos estudantes são provenientes de faculdades isoladas e, em muitos casos, sem experiência com pesquisa durante a graduação. Para muitos destes estudantes, o curso de pós-graduação se apresenta como a primeira experiência investigativa – experiência, esta, que se torna impregnada da formação conteudista recebida. Vale à pena pensar, portanto, se é pertinente converter esta população de estudantes ao modelo acadêmico hegemônico, ou se seria interessante reconhecer outros modos de desenvolvimento da atividade científica: uma ciência proveniente de sujeitos constituídos em relações de proximidade com o outro que investiga, e cuja própria história se enreda na história do lugar investigado.

Trabalhar a história local no ensino fundamental torna-se um desafio diante deste cenário, “a tarefa de formar o cidadão, acaba esquecendo que a cidadania começa a partir da valorização do regional para então remeter-se ao nacional” (NOGUEIRA, 2001, p. 02). Desta maneira, valorizar a memória de um município impulsiona o surgimento da criticidade e comprometimento com o bem comum. Em minha pesquisa, as reflexões referentes a este problema se dão no sentido de que, no âmbito da disciplina história, as questões locais e globais são indissociáveis, não havendo, portanto, a configuração de pré-requisitos. Penso que os estudantes precisam conhecer e produzir conhecimentos

que relacionem sua realidade imediata, a conjuntura mais ampla e os movimentos que abrangem diferentes espaços e tempos.

As colocações da autora acerca da importância da formação do aluno, bem como as dificuldades encontradas em sua aprendizagem e desenvolvimento, principalmente no ensino fundamental, perpassam os caminhos traçados da pesquisa a que se propõe, pois demonstram os percursos traçados pela educação.

Nogueira (2001) também destaca a questão curricular, e pode-se perceber que o ensino de história não sofreu grandes alterações nas primeiras séries em Minas Gerais, estado em que o estudo foi realizado. Embora se tenha falado muito em renovação curricular neste estado, o ensino de história continua o mesmo há mais de duas décadas. É preciso considerar, contudo, que o estudo de Nogueira foi desenvolvido antes da implementação da BNCC, e que suas críticas se referem a um período no qual ainda era inexistente uma “estrutura” curricular. A autora sinaliza que o ensino de história, no período estudado, utilizava métodos e conceitos já superados, revelando indícios desta realidade. Ainda segundo a autora, o estudo do município se restringe aos dois últimos anos do primeiro ciclo, 3º e 4º séries, no entanto é dada uma grande ênfase no ensino de uma história que se volta para a exclusão e alienação do estudante. A leitura do trabalho de Nogueira (2001) influenciou minha busca na Base Nacional Comum Curricular nesta pesquisa, pois traçou um panorama indicando que, mesmo depois de muitas reformas e possíveis mudanças, o ensino de história permanece engessado e mantendo os padrões.

É importante considerar, nas práticas de ensino, o fato de que o desenvolvimento da “capacidade de ordenar e criar conhecimento é através da pesquisa, tirando do professor o *status* de “dono do saber” e fazendo com que o aluno se torne orientador e produtor de conhecimento” (NOGUEIRA, 2001, p.03). Nesse sentido, a pesquisa se torna instrumento de produção de versões críticas, alterando os papéis instituídos e padronizados, permitindo ao aluno entender-se como autor e não mais como coadjuvante. Os modelos e metodologias educacionais vão expandindo e dando lugar a um processo de ensino libertador.

Assim, a autora propõe algumas sugestões de trabalho. A primeira está no conhecimento dos documentos pelo professor, em seguida aponta as visitas guiadas a

espaços culturais, podendo aguçar nas crianças novas percepções acerca do seu meio social e trazer uma proximidade histórica a partir de então. Segundo a autora,

O professor tem o direito e o dever de exigir que isso aconteça e deve aprender a se enxergar com elemento crucial para a formação do indivíduo que enxerga a sociedade como um espaço de realizações (NOGUEIRA, 2001, p. 03).

Por fim, a autora traz uma reflexão sobre o ensino e produção da história e memória local no ensino fundamental, explicitando um dos pilares da pesquisa proposta. O desenvolvimento e pesquisa da história Regional ou Local, tira da história “o estigma de ser uma ‘matéria descoberta’ mostrando que não basta apenas saber de cor os fatos para se saber história, que história se cria a cada momento” (NOGUEIRA, 2001, p. 03).

O trabalho denominado “O ensino da história Local e sua importância”, de Elisabete Xavier de Assis, Kássia Bellé e Vania Dilma Bosco, contribuiu diretamente para a reflexão sobre a prática cotidiana apresentada em minha pesquisa. O artigo corrobora a importância do estudo da história local de maneira prática, apontando caminhos possíveis para um ensino efetivo. Segundo as autoras, entende-se que a compreensão do ambiente social se dá pelo conhecimento da história local. Ao se pensar no ensino de história e história local, deve-se priorizar a pesquisa, o aluno não pode acreditar que o conhecimento que o professor lhe transmitiu é único e incontestável (ASSIS; BELLÉ & BOSCO, 2013).

As autoras evidenciam em sua pesquisa a importância do estudo da história local, indicando a necessidade de inclusão deste tema nos currículos e materiais didáticos, assim, contribuem de forma ativa na formulação do meu trabalho, que é atravessado a todo momento por estas questões.

Outro ponto relevante a ser destacado, é a utilização do livro didático no ensino de história. Diante do exposto, pude pensar e investigar sobre os materiais didáticos que abordem o tema de forma direta e materiais produzidos especificamente com a história do Município de Itaperuna/RJ. Assim, segundo Assis, Bellé & Bosco (2013) a utilização do livro didático ajuda muitos professores e professoras a ministrarem suas aulas e devem ser utilizadas publicações locais, escritas por moradores do Município, como uma maneira de oportunizar o aprendizado da história local. Estas publicações, trazem, além da história, a experiência do autor na sua cidade, tornando-se objeto de investigação que

convida o estudante a pensar sobre a escrita da história. Aqui, podemos indagar: a quem compete esta escrita?

Minha investigação passa também pela observação das maneiras em que, diante da ausência desses materiais didáticos, a escola traz para a realidade cotidiana do aluno a história regional e local que se faz tão importante para a formação crítica e cidadã. Assim, segundo as autoras, o município se apoia em materiais didáticos próprios para auxiliar o professor, pois “para se ensinar história Local é necessário dar voz aos sujeitos que estiveram outrora excluídos dos conteúdos ensinados. Necessita-se trazer as memórias e lembranças mais profundas daquela sociedade” (ASSIS, BELLÉ & BOSCO, 2013, p. 07).

O artigo denominado “História local: Discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil”, de Sandra Cristina Donner, traz à tona alguns conceitos acerca da produção da história regional e local, bem como sua produção de maneira prática.

A produção historiográfica voltada à história regional e local, conforme destaca Donner (2012, p. 223), ocorre há bastante tempo no Ocidente, sendo possível encontrar muitos trabalhos em quase todos os lugares da Europa e América, existindo países europeus com associações promovedoras da pesquisa Regional. Assim, a análise dos materiais direcionados ao estudo das regionalidades no cotidiano escolar, é colocada em pauta em minha pesquisa. A autora traz em seu texto uma discussão acerca das produções de materiais que apontam para este assunto, reafirmando sua importância e relatando os impactos trazidos do cotidiano da sociedade e na vida escolar.

“Este material é utilizado nas escolas como um “manual”, é relembrado nas festas e datas comemorativas da região e é ali que muitos dos mitos de fundação da cidade e do povoado estão escritos” (DONNER, 2012, p. 223) – o que leva a pensar que a utilização desses materiais também é importantíssima na desconstrução do discurso hegemônico. Pesquisar a história regional e local traz para dentro da comunidade as vozes dos sujeitos silenciados. Quanto aos autores destes materiais, “a maior parte deles são diletantes, amadores, intelectuais, pessoas letradas que se dispõem, por vários motivos, a coletar a história de sua comunidade” (DONNER, 2012, p. 227).

A comunicação de Sandra Cristina Donner (2012) reafirma também a importância da pesquisa voltada ao regional, fazendo com que muitas pessoas se interessem e lutem por legitimar sua própria história, trazendo um sentimento de pertença e de lugar no mundo. Desta forma, a autora contribui para a minha pesquisa na reafirmação dos sentimentos de entender-se como autor da sua história, do seu lugar.

Uma problematização trazida pela autora e que contribui diretamente no desenvolvimento da minha pesquisa, está ligada ao estudo da história Local na academia, na formação docente e principalmente na escolarização básica. Considerando o ano em que o estudo de Donner foi realizado (2012), naquele momento a história local no Brasil ainda necessitava de “mais reflexão por parte da academia, seja como objeto (que produtos são elaborados por ela? Qual passado é apresentado?), seja como prática (quem são estes pesquisadores? Quais seus objetivos?)” (DONNER, 2012, p. 230). Embora as respostas a estas questões já possam ter sido respondidas em estudos mais recentes, penso que a existência destas perguntas alimenta uma epistemologia relacionada à prática de quem se envolve com a história.

A análise proposta nesta pesquisa, passa pela observação de como a história local é desenvolvida no ambiente educacional, bem como nas demais instituições públicas municipais. Segundo Donner (2012), outro tipo de história local acontece através dos Círculos Literários Municipais, pelas Secretarias de Cultura, sob encomenda das prefeituras. A maior parte destes trabalhos é realizada de forma prática, por meio de fontes oficiais, sem um olhar crítico acerca da construção delas, incluindo memórias pessoais e coletivas sem certa reflexão sobre as implicações disso.

O próximo trabalho a ser analisado foi produzido por Geysa Germinari e Gerson Buczenko e se intitula: “História local e identidade: Um estudo de caso na perspectiva da educação histórica” (2012). Neste estudo, os autores realizam uma investigação acerca do estudo da história local trabalhada no 3º ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal da cidade de Campo Largo/PR.

Os autores enaltecem a importância deste estudo na educação básica, principalmente quando se referem à primeira etapa do ensino fundamental, conforme destacam, “deve-se priorizar, nesta etapa da educação básica, a abordagem da história

local, notadamente como estratégia pedagógica para o ensino de história” (GERMINARI E BUCZENKO, 2012, p.126).

Desta forma, este estudo reforça minha proposta de análise e me leva a pensar um pouco mais além, onde não somente este tipo de estratégia pedagógica deve ser evidenciado na primeira etapa do ensino fundamental, mas também na segunda etapa, e conseqüentemente nas demais, como os 3 anos do ensino médio, que de fato mostram-se enfraquecidos em relação a este tema.

Os autores buscam evidenciar em sua pesquisa quais as ideias de identidade histórica são abordadas na prática do ensino de história local no 3º ano. Para tanto, buscam alcançar respostas para tal abordagem, através da utilização de entrevistas com profissionais que trabalham neste segmento e análise de dados. Assim, como o uso destas metodologias é vantajoso para um estudo desta natureza, utilizo este trabalho como influência quando, através destes mesmos métodos, proponho a consecução de minha pesquisa, observando a fala dos que estão inseridos neste cenário escolar cotidiano.

Trazem no presente trabalho indicações de como a abordagem da história local se desenvolve na educação brasileira e de que maneira ela impacta a educação e o processo de formação e aprendizado do estudante. Assim, os autores destacam que este estudo que se volta para a história local já é discutido há alguns anos e que “nas décadas de 1970 e 1980, as propostas curriculares foram organizadas em círculos concêntricos, com abordagem dos estudos sociais partindo da realidade mais próxima do aluno” (GERMINARI E BUCZENKO, 2012, p.128).

Desta maneira, as discussões sobre a história regional e local encontram-se nas pautas acadêmicas há algum tempo, mas ainda caminham de forma lenta no que diz respeito à introdução deste assunto no desenvolvimento das práticas escolares e principalmente nos currículos orientadores, como a própria BNCC. Os autores trazem as experiências norteadoras contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois a BNCC nacional ainda não existia no ano de 2012. Assim, os questionamentos levantados em minha pesquisa também atravessam por estes caminhos legais. Analiso a aplicação destes conteúdos na BNCC e no currículo das instituições escolares municipais de Itaperuna/RJ.

Germinari e Buczenko (2012) abordam também a questão da utilização da história local como meio de formar a identidade da criança e permitir um reconhecimento enquanto autor de sua própria história. Dentro deste contexto, este trabalho vai de encontro à minha proposta quando enfatizam estes desdobramentos e seus impactos que giram em torno do âmbito social, afetivo, identitário dos estudantes. Penso na prática deste ensino em minha pesquisa como processo formativo capaz de despertar sentimentos e noções antes não percebidas pelas crianças e pelos educadores. Voltar-se para história local torna-se um exercício de expansão dos conhecimentos antes baseados em conceitos distantes para suas realidades mais próximas, fazendo com que haja a compreensão de um “eu” participativo nestes processos.

O trabalho indica várias possibilidades de conhecimento quando se é trabalhada a história local e regional no contexto do ensino fundamental. Tal como indicam Germinari e Buczenko (2012), podem inserir a criança em seu ambiente comunitário levando-a a refletir sobre sua posição nela, fomentando o despertar do desejo investigativo refletindo sobre os desdobramentos de seu cotidiano. Os autores trazem também as contribuições a partir história regional e local quando utilizada como um processo estratégico inserido na etapa dos anos iniciais do ensino fundamental, possibilitando “relações específicas entre o passado, o presente e o futuro, e, portanto, a construção de determinadas identidades históricas as quais precisam ser investigadas” (GERMINARI E BUCZENKO, 2012, p.138). A estrutura da pesquisa a qual proponho acredita que esses caminhos são possíveis quando o estudo da história regional e local forem trabalhadas de maneira ativa no cotidiano escolar, contribuindo para a formação concreta do cidadão e que essas orientações vão além dos portões institucionais e alcançam espaços muito mais amplos dentro das perspectivas sociais deste aluno.

Em seguida, o trabalho nos apresenta dados obtidos através de questionários que foram utilizados para sua produção, quando duas perguntas foram direcionadas a profissionais da área de história. A primeira refere-se ao conceito de identidade histórica e a segunda acerca de como é o sentimento de se trabalhar com a história local para a construção desta identidade. O resultado indicou um caminho que explicita que esta metodologia aproxima a relação do aluno com o conhecimento histórico em geral. Assim, este estudo também contribui com minha pesquisa ao trazer à tona o debate sobre os

impactos causados por meio do estudo da história local, bem como por evidenciar a importância por trazer outras vozes na construção da minha pesquisa. Por fim, os autores destacam mais uma vez a relevância deste conhecimento na construção da identidade histórica, possibilitando às crianças “ouvirem, verem e lerem sobre a história e especialmente sobre história local, podem à sua maneira, participar da história” (GERMINARI e BUCZENKO, 2012, p.140).

Além do conhecimento de temas relacionados ao meu interesse de estudo, a busca por trabalhos relacionados também oportunizou o conhecimento de diferentes metodologias de pesquisa, produção e apropriação de material de pesquisa e tratamento oferecido a este material. A leitura dos estudos que me precederam é fonte de grande aprendizado, uma vez que oferece indícios e direcionamentos à minha prática, ao mesmo tempo que atravessa a minha formação enquanto pesquisador.

CAPÍTULO IV METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se o delineamento metodológico adotado para a realização deste estudo, pautado na perspectiva da Pesquisa com os Cotidianos. Cabe destacar que, para a construção e desenvolvimento desta investigação, diferentes influências metodológicas foram incorporadas e percorridas, o que resulta em uma pesquisa que não se restringe a um único método, mas é atravessada pela pesquisa bibliográfica, documental e narrativa (auto)biográfica. Com o objetivo de melhor compreender a trajetória investigativa e torná-la mais didática, serão apresentadas inicialmente essas influências metodológicas até chegar à Pesquisa com os Cotidianos.

Defronte as legislações que versam sobre a educação no país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – 9.394/96) nos propõe em seu artigo quarto que a educação básica será organizada da seguinte forma: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim como nos recortes históricos feitos para se fazer uma análise mais específica de determinado objeto de pesquisa, me debrucei, durante este processo investigativo, à segunda etapa do ensino fundamental, que vai do sexto ao nono ano.

Nesta etapa da vida escolar, nos deparamos com educandos que vivenciam um processo complexo, de crianças que se encontram imersas na experiência da infância, ao mesmo tempo em que se deparam com as questões da adolescência. Ao ingressar no sexto ano, a configuração do espaço escolar desencadeia novas relações à experiência dos estudantes, introduzindo dimensões propícias a novas descobertas e conflitos. Neste novo contexto, eles convivem com outras perspectivas, vivenciando realidades com as quais até então não tinham contato. Não se trata somente de mudanças nas relações sociais, mas também nas demandas acadêmicas e interpessoais que lhes são apresentadas.

Enquanto produzem e reproduzem as tramas de suas próprias histórias, os estudantes também participam da história local e global. Por certo, é preciso percorrer os caminhos cotidianos em que se desdobram as inúmeras faces ainda desconhecidas e que são produtoras anônimas de sua história e cultura.

Enxergar-se como peça fundamental para a construção de uma história, que se desdobra muito mais próxima do que se imagina, a sua própria história e de sua comunidade, ainda é uma premissa a ser alcançada. Inúmeros são os métodos e as possibilidades que podem modificar tal realidade, orientações legais, currículos e diretrizes, no entanto, cabe-nos a reflexão ou no mínimo uma análise mais elaborada sobre como tais colocações encontram-se na prática, no decorrer dos dias do cotidiano escolar e como são elaborados nas salas de aula.

Como realizar as conexões necessárias? Como falar da cidade em que se vive quando a atenção se volta com força para os gregos e romanos? Como entender o processo histórico que acontece muito perto tendo como referência principal o que se passa tão distante? E como reconhecer a presença dos grandes eventos e dinâmicas históricas no acontecer cotidiano – e também o seu contrário? E isso não significa ignorá-los, mas sim adequá-los a uma realidade mais concreta.

Assim, os primeiros passos se desdobram em um aprofundamento teórico, na busca por fontes e autores utilizados como base e que são convidados a participar desta jornada. A pesquisa bibliográfica se faz presente bem antes da escrita, uma procura contínua e torna-se imprescindível, aproximando a teoria da prática, ampliando os horizontes. Logo, o método bibliográfico pode ser entendido, como nos aponta Macedo, (1994) na busca e seleção de literatura que define um problema de pesquisa, por meio de livros, artigos, trabalhos de congressos e outros meios de divulgação científica.

Desta forma, utilizei-me deste procedimento na elaboração dos capítulos firmando os conhecimentos acerca do cotidiano e da história em suas implicações gerais e regionais, trazendo para minha produção autores diversos, consagrados no campo da historiografia, bem como pesquisadores mais recentes. Neste contexto, a pesquisa bibliográfica, “trata-se do primeiro passo de qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação” (MACEDO, 1994 p.13).

A pesquisa bibliográfica também abrange outros conceitos que vão além dos procedimentos iniciais. A escolha dos autores passa por vários cuidados estratégicos, a escolha de um teórico é um convite para se caminhar junto, à medida que os passos são dados, os horizontes se ampliam, trazendo para dentro do seu trabalho outros

pensamentos, novas formas de dizer, ocasionando em certo respaldo, segurança, mas nunca certezas.

Posteriormente, quando proponho a análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do currículo das instituições municipais da cidade de Itaperuna/RJ, para averiguar as ocorrências em seu texto da história regional e local, utilizo-me da pesquisa documental, onde “os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas” [...] (KRIPKA, SCHELLER & BONOTTO 2015, p. 58). Assim, a fonte documental se apresenta como um meio de análise, onde dados são expostos e trazidos para essa pesquisa.

Por meio de uma pesquisa detalhada e atenta às ocorrências, a utilização metodológica para a construção inicial do capítulo III desta pesquisa, aconteceu de maneira diferente dos passos iniciais. Primeiramente, realizei a busca de resultados por meio de palavras-chaves no texto da BNCC que remetessem ao tema história regional e local de maneira clara e direta. Não obtendo resultados satisfatórios, a busca passou a acontecer de maneira manual, a fim de encontrar orientações que fossem análogas ao tema e através da leitura de cada objeto de conhecimento e habilidades, demandando tempo e esforço. Os resultados obtidos foram colocados em evidência por meio de tabelas, que indicam sua respectiva localização e número de ocorrências dentro do documento da Base Nacional Comum Curricular.

Assim, a obtenção dessas informações foi possível por meio da pesquisa documental, que apesar de muito se parecer com a pesquisa bibliográfica, por terem como fonte o documento, tem-se que

O que as diferencia é a fonte, ou seja, a característica do documento: no primeiro caso, denominam-se de fontes primárias, as quais não receberam nenhum tratamento analítico como relatórios de pesquisas ou estudos, memorandos, atas, arquivos escolares, autobiografias, reportagens, cartas, diários pessoais, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação; no segundo, as fontes são secundárias, abrangem toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema (KRIPKA, SCHELLER & BONOTTO 2015, p.59).

Na construção introdutória desta pesquisa, exponho a ideia de que esta produção é atravessada pelo comum e que assim sendo, faz-se necessário a elucidação de minha própria história, trazendo à tona os caminhos que me fizeram ser quem sou e o que sou,

minhas influências culturais e afetos, para tanto, trouxe para este trabalho, orientações e influências da pesquisa narrativa (auto)biográfica, onde me coloco como participante e sujeito inserido no cotidiano, compreendendo que não cheguei até aqui por acaso e que uma teia de relações, construídas durante muito tempo, com pessoas, lugares, conversas, leituras, me colocou diante das proposições e implicações contidas nesta pesquisa. Assim, tal qual a ideia do rizoma, conceito filosófico de Deleuze e Guattari (1995-1997), em seu sentido mais amplo, como no contexto biológico em que as plantas criam ramificações e se conectam, expandindo-se sem um ponto de chegada fixo,

O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 1995-1997, p.32).

Portanto, inicio esta pesquisa trazendo as experiências vividas e as conexões estabelecidas no decorrer do tempo, me aproximando das realidades sobre as quais tenho me debruçado. A beleza filosófica deste conceito, “rizoma”, encontra-se aí, nas suas ramificações que orientam para caminhos nunca pensados em ser caminhado. Entre o ponto de partida, que se configurou a partir das influências sejam elas quais foram até o interesse pelo objeto de pesquisa a ser analisado, muitas pessoas, vozes, olhares, leituras, vivências, e afetos passaram por mim, me conectando ao estudo da história regional e local.

Imersos em um fluxo diário que revela movimentos rotineiros e aparentemente lineares, desconstruímos o que está posto, reinventamos, tecemos relações e somos abraçados pelo comum, por aquilo que inevitavelmente nos coloca em um degrau de igualdade. Cotidianamente participamos das mais simples ações, mas que se fazem únicas quando observadas com atenção. Esta pesquisa encontra-se abarcada pelos caminhos do cotidiano, nesse sentido, me coloco, assim como Certeau (1998), como aquele que caminha, observa e ouve, busca o que se faz importante em diferentes meios, despede-se e continua a caminhar, nunca limitando-se, tampouco fazendo distinções.

Mas afinal, o que é o cotidiano? O rotineiro, comum, banal, aquilo que acontece diariamente diante de nosso ir e vir. Assim, podemos entender que “independentemente

de onde estamos e quem somos, acordamos pela manhã e entramos no dia que temos pela frente; dia este que nada mais é que um fluxo de fragmentos corriqueiros e de acontecimentos em micro-lugares” (SPINK, 2008, p. 70).

Não seria possível adentrar neste campo de pesquisa, da história regional e local no âmbito da educação básica, sem voltar meu olhar para os caminhos do cotidiano, no qual se revela o movimento que talvez possa nos indicar e nos ajudar a compreender o desenvolvimento das práticas que se desdobram dentro do ensino da história e de seus currículos. Ainda nos leva a pensar nas “táticas” (CERTEAU, 1998) utilizadas para se sobressair aos espaços dominantes aos quais os sujeitos estão inseridos e alheios à vontade desse lugar de poder. Rompe-se com as artimanhas do hegemônico e cria-se espaços que indicam outras saídas, desviando-se, reinventando-se. Assim,

Produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista, os consumidores produzem uma coisa que se assemelha às “linhas de erre” de que fala Deligny. Traçam “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam (CERTEAU, 1998, p. 97).

Nesse sentido, estes percursos se fazem objetos de observação e apreciação desta pesquisa, os caminhos criados e traçados pelos comuns, em uma tentativa de desviar-se daquilo que está posto, criando possibilidades e oportunizando aprendizagens não contempladas pelo “próprio” (CERTEAU, 1998). Por isso, pesquisar o/com cotidiano não se restringe a essa ou aquela metodologia, é preciso acompanhar as linhas traçadas, que nos direcionam a caminhos talvez nunca pensados, fazendo com que nos utilizemos da influência de muitos outros métodos. Assim não caminhamos sozinhos, estamos sempre acompanhados das descobertas, individuais e coletivas.

Nesta perspectiva, busco por meio da pesquisa do/com cotidiano, trazer para esta investigação as vozes daqueles que estão inseridos nesse lugar comum. Diante desses apontamentos, proponho para este trabalho, uma análise que esteja disposta e aberta às realidades onde não podemos impor nossas vontades, aberto aos imprevistos, de maneira a enriquecer a pesquisa com o outro, nunca sozinho. Portanto, diferentemente das outras tantas maneiras, que se encontram esquematizadas e repletas de

planejamentos, “ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados” (SPINK, 2008, p. 72).

Portanto, para a produção do capítulo V, realizou-se a elaboração de entrevistas que aconteceram como conversas sem pautas previamente definidas, foram gravadas e posteriormente transcritas. Logo, trouxe para minha pesquisa outras vozes e outras perspectivas, ampliando as possibilidades e de maneira conjunta construindo novos saberes e reflexões que serão de grande importância, visto que, trazendo suas realidades práticas possam esclarecer e proporcionar outros caminhos, orientando e acima de tudo, participando também como coautores desses processos. Por conseguinte, essa metodologia de pesquisa torna possível um exame mais aprofundado dos variados desdobramentos emergentes das falas dos sujeitos, “quando suas histórias de vida se entrecruzam com os contextos sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos e, para além deles, de uma coletividade” (SOUZA E OLIVEIRA, 2016, p. 188).

Ao mesmo tempo, compreendendo o cotidiano não como um lugar delimitado e fixo, mas como um espaço de relações que acontecem a todo momento e em todos os lugares, não perdendo sua essência. Para tanto, penso que as conversas foram espontâneas e não estiveram presas a delimitações que influenciam as falas e as tornam artificiais e mecanizadas. Assim, os encontros realizados aconteceram de maneira natural, até mesmo longe do ambiente profissional.

Em um primeiro momento se propôs conhecer, através destas falas, de que maneira o estudo da história regional e local é trabalhado e desenvolvido nas salas de aula e como os professores e professoras enxergam a utilização deste tema na formação dos educandos da segunda etapa do ensino fundamental. Posteriormente a pesquisa analisou a utilização dos materiais didáticos, se existem ou não, valendo-se, como descrito antes, da pesquisa documental e através da entrevista narrativa, trará a voz de um importante expoente na produção desse material ainda na década de 1980.

A partir de então, tornou-se necessário buscar outros meios que nos possibilitassem a realização dos processos descritos, assim, busquei por influência da história oral as ferramentas que se apresentam como fonte metodológica, que preocupasse com a criação de diferentes formas de “manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a "tradicional" quanto a contemporânea, e que não possuem

formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais” (GUEDES-PINTO, 2002, p. 92).

Torna-se importante salientar que algumas precauções no sentido ético foram tomadas, as conversas aconteceram em única reunião em dias e horários diferentes, os participantes também assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido onde estão contidas informações sobre a pesquisa, que seria voluntária e juntamente solicitará autorização para gravação e transcrição, garantindo sigilo de informações de identificação. Após cada conversa, foram anotadas as ponderações do pesquisador, sendo produzido um diário de campo. “Desta forma, a utilização do diário de campo configura-se como espaço/lugar das anotações das diversas itinerâncias no/do processo da pesquisa” (SOUZA & OLIVEIRA, 2016, p.194).

Os métodos empregados nesta pesquisa desempenharam um papel importante no desenvolvimento da escrita e na construção estrutural do trabalho. Eles permitiram que explorasse de forma sistemática as questões que emergiram no processo, coletando e analisando dados de maneira cuidadosa.

Através desses métodos, foi possível responder e analisar com precisão algumas das questões fundamentais da pesquisa, estabelecendo uma base sólida para o desenvolvimento do trabalho. Ao mesmo tempo, esses métodos também permitiram que explorasse as margens daquilo que é conhecido, abrindo caminho para novas possibilidades e descobertas.

CAPÍTULO V

O ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA BNCC E NO CURRÍCULO DAS ESCOLAS ITAPERUNA/RJ

Algumas das atuais legislações vigentes no país que versam sobre educação, trazem consigo um importante papel de direcionamento para a disciplina de história. Assim, faz-se necessário apontar a maneira em que os textos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentam suas propostas de ensino no que se refere aos recortes regionais e locais.

A BNCC foi homologada no ano de 2017, após um longo trabalho realizado com vários segmentos da educação. Segundo o portal do Ministério da Educação (MEC), o objetivo principal da BNCC é definir “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens que todos os alunos deverão desenvolver no decorrer das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular enquanto documento normativo, volta-se “exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos” (BRASIL, 2018, p. 07). Em seu texto, a Base é formulada através de competências, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, assim,

competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p.08).

Desse modo, de acordo com o portal do Ministério da Educação (MEC) e suas orientações para a BNCC, cabe a este documento ser condutor de todos os currículos dos “sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil” (BRASIL, 2018). Ao centralizar o propósito de aquisição de “habilidades e competências”, a BNCC reafirma sua orientação

neoliberal, uma vez que restringe a complexa prática de ensino e aprendizagem ao domínio de uma série destas habilidades e competências, bem aos moldes mercantis⁵.

Esses entraves que distanciam e limitam o conhecimento histórico, que deveria ser apreciado de maneira mais aprofundada, certamente encontram-se diretamente ligados a pensamentos ideológicos e políticos mais obscuros em sua forma mais literal da palavra. A dinâmica da produção e reprodução do currículo comum nasce em um momento de instabilidades políticas, onde a democracia esteve em constantes ataques.

Desde a sua formulação, a Base Nacional Comum Curricular tem sido alvo de críticas por parte de diversos setores da sociedade. Inicialmente o governo federal realizava a promoção de debates com especialistas da área da educação e revisões pontuais da base, mas, após a chegada de Michel Temer à presidência, o processo de elaboração da base sofreu mudanças preocupantes.

Decide-se acelerar o processo e restringe-se a elaboração da base a uma pequena comissão. Essa abordagem não permitiu uma discussão ampla e democrática sobre a base e que sua versão final não reflète adequadamente as necessidades e demandas da sociedade brasileira.

Inúmeras tentativas de obstruções à ordem democrática abalaram intensamente as propostas de mudanças das realidades educacionais no país, que por anos foram forjadas e defendidas por educadores que doaram sua vida e lutaram por uma transformação real de todo este cenário.

É perceptível que a BNCC desde então vem sendo utilizada como mero instrumento ideológico de controle, estando diretamente relacionada a essa conjuntura política em que o país esteve inserido. As políticas educacionais foram moldadas por discursos autoritários e traçados por padrões neoliberais desde o ano de 2017, quando por meio de atos golpistas, tentou-se interromper, apagar e calar as vozes daqueles que com a seriedade devida foram reconhecidos como pilares do pensamento educacional brasileiro.

⁵ É importante destacar que o desenvolvimento deste estudo (2021-2023) e a redação da dissertação se deram no momento de transição entre um governo neoliberal e autoritário, e um governo comprometido com pautas progressistas.

Durante os últimos quatro anos, a educação no Brasil enfrentou verdadeiros desastres decorrentes de políticas governamentais controversas. Além de cortes nos recursos destinados à educação, o setor sofreu com a instabilidade causada pelas frequentes trocas de ministros responsáveis pela pasta. Essa falta de continuidade na gestão da educação contribuiu para agravar os problemas enfrentados.

A educação foi afetada por uma intensa guerra de ideologias no ambiente escolar, gerando polarização e conflitos que prejudicaram o diálogo e a construção de soluções conjuntas. A corrupção também foi um problema que afetou a educação, comprometendo a transparência e a eficiência na aplicação dos recursos destinados. Todos esses fatores contribuíram para dificultar o desenvolvimento da educação no Brasil e para acentuar as desigualdades educacionais que já existiam no país, deixando evidente a que veio o governo de Jair Bolsonaro e de seu antecessor Michel Temer.

Como professor de história na rede pública de ensino, percebi que os temas relacionados à história regional e memória local geralmente não eram abordados de forma adequada. Na maioria das vezes, estes temas eram tratados de forma superficial, restritos a datas específicas e "comemorações" isoladas. Essa ausência de conteúdo revela um problema estrutural e formativo que afeta profundamente a educação básica. Ao questionar o motivo dessa falta de conteúdo, encontrei diversas respostas que revelam profundos dilemas institucionais.

Em muitos casos, as escolas seguem um currículo padrão, que muitas vezes negligencia a história regional e local. Além disso, muitos professores não possuem o conhecimento necessário sobre a história da região em que lecionam, o que torna difícil abordar esses temas em sala de aula.

Nas últimas décadas, o tema da historiografia regional e da memória local tem se tornado cada vez mais presente nas discussões acadêmicas. Apesar disso, muitos profissionais da educação básica ainda seguem as orientações curriculares que privilegiam a história nacional em detrimento das especificidades regionais. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre essa é a realidade. Há profissionais que buscam alternativas para superar esses padrões impostos e contribuir para uma educação mais próxima das realidades.

Assim, é fundamental pensar em estratégias que possam viabilizar a incorporação da história regional no ensino. Isto porque o conhecimento das particularidades locais e regionais pode contribuir para a visibilidade dos sujeitos históricos, além de proporcionar uma compreensão mais ampla da história e da sociedade em que se está inserido. Nesse sentido, é preciso que os profissionais da educação estejam abertos para buscar novas referências, materiais e metodologias que possam subsidiar a abordagem desses temas em sala de aula. No entanto, vale ressaltar que essa mudança de paradigma não depende somente dos profissionais da educação. A sociedade como um todo também deve estar consciente da importância da valorização da história e da cultura regionais. Dessa forma, é possível construir uma rede de colaboração entre diferentes atores sociais para que o ensino da história regional e local apareça com a devida legitimidade no currículo escolar e, conseqüentemente, contribua para uma formação cidadã mais completa e crítica.

Assim, neste capítulo, o objetivo foi analisar a aplicação do tema "história regional e local" na Base Nacional Comum Curricular de história na segunda etapa do ensino fundamental, considerando as orientações legais e os currículos das escolas públicas municipais da cidade de Itaperuna/RJ. Para isso, foram realizadas pesquisas a fim de compreender como esses conteúdos são abordados nas diretrizes curriculares nacionais, bem como nas propostas pedagógicas das escolas municipais, buscando identificar possíveis desafios e lacunas na implementação desses temas.

Com base nestas análises, buscou-se fornecer subsídios para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, que valorizem a história e a cultura local, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua realidade histórica e social. Além disso, pretendeu-se contribuir para o fortalecimento do protagonismo do aluno enquanto construtor de sua própria história e para a promoção de uma educação mais inclusiva e contextualizada, capaz de estimular a reflexão sobre a diversidade cultural sobre a importância do patrimônio histórico e cultural local.

Dessa maneira, para uma análise mais detalhada e coleta das informações, foi realizada uma busca diretamente no documento Base Nacional Comum Curricular de história, disponível no *site* do Ministério da Educação (MEC). A pesquisa deu-se da seguinte forma: foram definidas as palavras-chave "Regional" e "Local" para a realização

da busca através da ferramenta “Localizar” que se encontra no documento em formato PDF.

A partir deste procedimento, foram encontradas quatro ocorrências para a palavra "Regional" direcionado à segunda etapa do Ensino Fundamental. Dentre essas ocorrências, três foram relacionadas a habilidades e uma se referiu a um objeto de conhecimento. Já para a palavra "Local", houve duas ocorrências, ambas relacionadas a habilidades e objetos de conhecimento do nono ano. Apoiando-se na pesquisa documental, os resultados desta análise foram transcritos de maneira literal para os quadros a seguir:

Quadro 1 – O ensino de história regional e local na BNCC de história (busca com o emprego da ferramenta “localizar”)

BNCC – Base Nacional Comum Curricular de história – ensino fundamental II
(EF08HI16) Habilidades - 8ºano: a habilidade propõe identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e Regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado.
(EF09HL02): Habilidades - 9º ano: caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história Local e Regional até 1954.
(EF09HI06) Habilidades - 9º ano: Identificar, discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).
Objetos de conhecimento – 9º ano: As pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no debate local, regional, nacional e internacional.

Fonte: BRASIL, 2018

Após analisar os dados coletados, ficou evidente a falta de abordagem do tema de história regional e local na BNCC de história direcionada ao ensino fundamental II.

É importante ressaltar que as habilidades e objetos de conhecimento apresentados na BNCC ocorrem devido à sua vinculação com o pensamento neoliberal. É próprio desta perspectiva reduzir a relação com o saber à transmissão e domínio de

competências e habilidades, de forma a alcançar uma suposta eficácia na educação e sua submissão ao mercado. A BNCC ignora o currículo enquanto “porção da cultura [...] que, por ser considerada relevante num dado momento histórico, é trazida para a escola” (VEIGA-NETO, 2004, p. 52).

A dispersão na abordagem dessas habilidades e objetos de conhecimento torna-se um obstáculo para a implementação efetiva das políticas curriculares. As lacunas entre as diretrizes e as realidades locais podem resultar em desafios para os professores e alunos que buscam aplicar esses conceitos em suas práticas diárias.

As orientações para aplicação de tais conteúdos aparecem com tamanha complexidade, que acabam não sendo compatíveis com as realidades vivenciadas nas instituições escolares. Não são compatíveis em um sentido amplo, onde os professores enxugam conteúdos que são essenciais, contemplados apenas em âmbito burocrático, na formulação dos planos de aula por exemplo, e em um sentido mais estrito, não sendo compatível com os níveis de criticidade que deveriam ter sido trabalhados de maneira prévia.

É difícil discutir a diversidade política das diferentes épocas da história sem uma compreensão da dinâmica do trabalho e das relações políticas locais atuais. A conscientização das relações políticas e trabalhistas é fundamental para uma análise histórica mais precisa e para entender as mudanças políticas e sociais que ocorreram ao longo do tempo.

Sem essa premissa, pode ser difícil compreender como as estruturas políticas evoluíram ou mudaram ao longo do tempo, bem como as forças sociais que as impulsionaram. A história política não é algo separado da vida cotidiana, mas está profundamente ligada a ela. Portanto, uma análise histórica eficaz deve levar em consideração o contexto político e social atual, a fim de entender a evolução da política em uma determinada sociedade e época.

Os objetos de conhecimento apresentados e direcionados ao nono ano orientam o trabalho com os alunos nas pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no debate local, regional, nacional e internacional. Nesse sentido, vale ressaltar que essas propostas estão longe de ser condizentes com a realidade

apresentada aos adolescentes nesta etapa, uma vez que eles têm um total desconhecimento das causas dos povos indígenas.

Como trabalhar puramente essas pautas sem antes discutir a colonização do país, o genocídio indígena, a desapropriação de terras e muitos outros problemas enfrentados? A apresentação de um currículo construído de maneira fragmentada produz ignorâncias que, ao longo do tempo, se consolidam como verdades. Uma abordagem mais ampla é fundamental para que os estudantes possam compreender as causas e os efeitos dos problemas que afetam esses povos e, assim, ampliar e aprofundar seu conhecimento sobre o tema.

Com o objetivo de buscar uma orientação mais específica sobre história local e regional, realizei uma busca manual por habilidades e objetos de conhecimento que pudessem expressar de maneira clara o estudo dessa temática.

A busca teve como objetivo encontrar orientações mais precisas sobre o estudo da história e memória da cidade e região em que se vive, porém, infelizmente, não foi encontrado nenhum resultado que conduzisse a esse conteúdo. A ausência de referências claras e objetivas sobre o estudo da história local e regional dificulta a inclusão desse tema no ensino fundamental II, gerando um *déficit* na formação dos estudantes sobre a história de seu próprio contexto.

Essa constatação ressalta a importância de se repensar as diretrizes curriculares voltadas para a história no ensino fundamental II, de forma a contemplar a história local e regional de forma mais direta.

Dando prosseguimento à análise do documento de maneira mais ampla, percebeu-se que o documento por si só explicita o que seria uma resposta para tal carência do conteúdo em seus apontamentos direcionados ao ensino fundamental II. Como consta no texto da BNCC (2018),

Se a ênfase no Ensino Fundamental – Anos Iniciais está na compreensão do tempo e do espaço, no sentido de pertencimento a uma comunidade, no Ensino Fundamental – Anos Finais a dimensão espacial e temporal vincula-se à mobilidade das populações e suas diferentes formas de inserção ou marginalização nas sociedades estudadas (BRASIL, 2018, p. 417).

Fica claro que a proposta não contempla a história local e regional de maneira mais abrangente os anos finais do ensino fundamental. Dar prosseguimento no conhecimento das realidades próximas do cotidiano do aluno não parece ser pauta do que foi estabelecido na Base Nacional Comum Curricular, tornando assim, a estruturação desse conhecimento uma abordagem superficial.

Assim, tornou-se necessário realizar uma análise também na BNCC de história da primeira etapa do ensino fundamental, apesar deste trabalho estar voltado à segunda etapa, repetindo os mesmos procedimentos sucedidos na primeira parte da pesquisa. Assim como anteriormente, realizei a busca através da ferramenta “Localizar” das palavras “Regional” e “Local”, obtive apenas uma ocorrência da palavra “Local” em “habilidades” do 3º ano e nenhuma apuração para a palavra “Regional”. Por conseguinte, acrescentei a palavra “Região”, almejando maior abrangência do tema, o resultado da pesquisa da palavra “Região” se deu por quatro ocorrências em habilidades do 3º ano. Esses resultados iniciais foram importantes para o direcionamento das próximas etapas da pesquisa.

Quadro 2 – Acréscimo da palavra “região” na busca por meio da ferramenta “Localizar”

BNCC – Base Nacional Comum Curricular de história – ensino fundamental I
Habilidades - 3º ano (EF03HI03): Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes
Habilidades – 3º ano (EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
Habilidades – 3º ano (EF03HI02) Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.

Habilidades – 3º ano (EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.

Habilidades – 3º ano (EF03HI07) Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.

Fonte: BRASIL, 2018

As propostas que se apresentam na primeira etapa do ensino fundamental, aparecem como meio introdutório das relações sociais e culturais no âmbito local e regional da criança e suas dinâmicas presentes em seu entorno imediato. Assim, possuem um grau de importância para a formação inicial do aluno.

No entanto, essa importância não é sustentada na segunda etapa do ensino fundamental, uma vez que há uma descontinuidade do tema, interrompendo o processo de ensino e aprendizagem. Isso significa que, em vez de construir sobre as informações adquiridas na primeira etapa, os alunos são apresentados a outros assuntos desconexos. Os temas com atribuição aos aspectos locais, aparecem novamente de maneira bastante sintetizada. Essa abordagem fragmentada reduz a compreensão dos alunos sobre o assunto e prejudica seu desenvolvimento.

Para complementar a busca por palavras-chave e obter resultados mais precisos, foi realizada uma pesquisa manual. Nessa etapa, foram analisadas com atenção as unidades temáticas e seus objetos de conhecimento e habilidades, buscando direcionamentos que se aproximam de maneira direta ou indireta do tema proposto pela pesquisa. Essa abordagem permitiu que os resultados fossem mais específicos e relevantes para o tema em questão. Assim, no processo de coleta de dados, foram encontradas quatro ocorrências relacionadas a habilidades no primeiro ano do ensino fundamental I.

Quadro 3 - Busca manual na BNCC de história no 1º ano do ensino fundamental

BNCC – Base Nacional Comum Curricular de história – 1º ano do ensino fundamental I
(EF01HI01) Habilidades –1º ano: Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.
(EF01HI02) Habilidades –1º ano: Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.
(EF01HI03) Habilidades –1º ano: Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.
(EF01HI08) Habilidades –1º ano: Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.

Fonte: BRASIL, 2018

Quadro 4 – Busca manual na BNCC de história no 2º ano do ensino fundamental

BNCC – Base Nacional Comum Curricular de história – 2º ano do ensino fundamental I
Objetos de conhecimento –2º ano: A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas
Objetos de conhecimento –2º ano: A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço
Objetos de conhecimento - 2º ano: As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, Vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais
(EF02HI02) Habilidades – 2º ano: Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.
(EF02HI03) Habilidades – 2º ano: Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.
(EF02HI04) Habilidades – 2º ano: Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.

(EF02HI07) Habilidades – 2º ano: Identificar e utilizar diferentes marcadores do tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário.
(EF02HI08) Habilidades – 2º ano: Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes
(EF02HI09) Habilidades – 2º ano: Identificar objetos e documentos pessoais que remetam à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados.
(EF02HI10) Habilidades – 2º ano: Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância.
(EF02HI11) Habilidades – 2º ano: Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive.

Fonte: BRASIL, 2018

Quadro 5 – Busca manual na BNCC de história no 3º ano do ensino fundamental

BNCC – Base Nacional Comum Curricular de história – 3º do ensino fundamental I
Objetos de conhecimento – 3º ano: O “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive
Objetos de conhecimento – 3º ano: Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive
Objetos de conhecimento – 3º ano: A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.)
Objetos de conhecimento – 3º ano: A produção dos marcos da memória: formação cultural da população
Objetos de conhecimento – 3º ano: A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças

Objetos de conhecimento – 3º ano: A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental
Objetos de conhecimento – 3º ano: A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer
(EF03HI05) Habilidades – 3º ano: Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados.
(EF03HI06) Habilidades – 3º ano: Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.
(EF03HI09) Habilidades – 3º ano: Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.) e identificar suas funções.

Fonte: BRASIL, 2018

As orientações apresentadas nos quadros 3, 4 e 5, apresentam propostas do currículo nacional para os anos iniciais do ensino fundamental. É aparente a superficialidade e falta de rigor conceitual na abordagem da história e das conjunturas pessoais e comunitárias.

As orientações descritas tendem a enfatizar a simples identificação e descrição de elementos pré-definidos, como objetos pessoais, registros de memória e marcos históricos da cidade, sem proporcionar uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldaram essas realidades.

Além disso, não estimulam o pensamento crítico e reflexivo dos alunos, limitando-se a atividades de mapeamento e memorização de informações pré-estabelecidas. Isso resulta em uma abordagem passiva da história, impedindo que os alunos desenvolvam uma visão mais complexa e contextualizada do mundo ao seu redor. Além disso, negligencia-se a diversidade de perspectivas e experiências presentes nas comunidades, não abordando a importância do diálogo intercultural e da valorização das múltiplas narrativas históricas, perpetuando um conhecimento raso e superficial da história local.

A ênfase nos aspectos locais é particularmente evidente nas séries iniciais da primeira etapa do ensino fundamental, entretanto, é essencial considerar a forma como

esses conteúdos são abordados. Nesse contexto, é possível perceber que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não prioriza uma formação crítica mais aprofundada, deixando pouco espaço para discussões que abordem conteúdos mais próximos da realidade dos estudantes. Para Nogueira,

Nesse sentido, o município é estudado nos dois últimos anos do 1º ciclo (3ª e 4ª séries), explorando seus aspectos físicos, econômicos, institucionais e históricos. A criança irá localizar-se dentro do seu Estado e do seu país; irá aprender a identificar a economia local, distinguir atividades como agricultura e comércio de forma mais complexa; irá entender como funciona, grosso modo, as instituições políticas locais; e finalmente, terá contato com a História de seu município. No entanto, dá-se uma grande ênfase ao ensino de uma história voltada para a exclusão, para a alienação do educando. Uma história de conteúdo fragmentado que divide o território em grandes porções e que valoriza aspectos econômicos em detrimento dos aspectos humanos. Fala-se de população, como dado estatístico e não de povo, enquanto agente social (NOGUEIRA, 2001, p. 03).

A abordagem predominante na BNCC tende a privilegiar uma perspectiva de ensino que enfatiza a integração de conteúdos de natureza mais abstrata e generalizada, distanciando-se, assim, dos aspectos locais e imediatos do cotidiano dos estudantes. Essa abordagem, embora possa contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos amplos, acaba por limitar a formação crítica dos alunos, uma vez que não oportuniza uma análise aprofundada das questões presentes em seu entorno imediato. Portanto, é necessário repensar e buscar alternativas que permitam uma abordagem mais engajada e contextualizada dos aspectos locais.

A partir dos resultados obtidos, das palavras-chave e dos direcionamentos que apontam para um caminho próximo ao tema que a pesquisa propõe investigar, nota-se ainda a existência de lacunas a serem preenchidas. Fica perceptível o esgotamento do assunto na segunda etapa do ensino fundamental de maneira rápida, sendo assim, a BNCC de história dedica um tempo muito extenso a temas muito específicos e distantes da realidade do aluno. Portanto,

Em um debate que se concentra exclusivamente nos componentes curriculares não há espaço para discutir os problemas cotidianos vividos no ambiente escolar e que são razão fundamental dos resultados insatisfatórios: corte de recursos, precarização do trabalho docente, baixos salários, fechamento de turmas e aumento do número de estudantes por turma, ausência efetivas de políticas de

permanência dos estudantes, carência de estrutura e equipamentos, etc, etc, etc (CALIL, 2015, p.40).

É possível observar que essa abordagem restringe autônias e expande problemas, tendo em vista que nem sempre os conteúdos propostos atendem às particularidades e diversidades culturais dos estudantes. A ideia de um currículo comum vem sendo criticada ao longo dos anos por sua tendência a negligenciar e silenciar aspectos relevantes das realidades sociais e históricas. Essa abordagem tem se mostrado limitante e pouco efetiva, uma vez que não leva em consideração as diferenças e singularidades dos contextos em que a educação é desenvolvida.

É importante destacar a necessidade de repensar o ensino da história na segunda etapa do ensino fundamental, a fim de torná-lo mais possível diante das necessidades reais dos alunos. A busca por novas abordagens e metodologias que permitam um aprendizado mais conectado com as realidades se faz presente a todo momento.

Assim, à luz dos resultados obtidos nas duas fases do ensino fundamental, que revelam a importância e os impactos do currículo não apenas no ambiente escolar, mas também no contexto social mais amplo, torna-se evidente a carência de abordagem desse tema na segunda etapa do ensino fundamental. Essa etapa é crucial em termos de formação, pois é nesse período que os estudantes internalizam de maneira mais crítica os conceitos relacionados à construção de suas próprias realidades. Portanto, é fundamental reconhecer a necessidade de fortalecer e ampliar a presença desse assunto no currículo, a fim de promover um desenvolvimento mais abrangente e reflexivo dos estudantes durante essa fase formativa essencial.

A reflexão sobre os fatores motivadores que impulsionam a investigação e o estudo da história local revela-se essencial para compreender a relevância desse campo de estudo diante das vivências cotidianas dos estudantes, que frequentemente se encontram marginalizados em relação a tais questões. Esses impulsionadores possibilitam a compreensão dos processos de construção pessoal, bem como das dinâmicas de poder que permeiam a experiência dos estudantes, oferecendo-lhes a oportunidade de ressignificar suas narrativas individuais e coletivas.

“Podemos “desfragmentar” esse conhecimento e ir além daquela história que busca apenas introduzir as primeiras noções de socialização, mas uma história que a

coloca como ser que participa de um todo maior” (NOGUEIRA, 2001). A valorização do estudo da história local não apenas capacita os estudantes a recuperarem e reivindicarem vozes e perspectivas que foram subalternizadas, mas também amplia seu repertório cognitivo e crítico, fornecendo-lhes instrumentos para desafiar as estruturas de poder que moldam suas experiências.

Dessa forma, a interação com a história regional e local não se limita a um ou outro aspecto relevante, mas evidencia-se como um processo em constante expansão conforme o estudo é aprofundado. À medida em que os estudantes se aprofundam nesse estudo, torna-se cada vez mais evidente a amplitude e a complexidade das conexões entre a história local e as narrativas mais amplas da sociedade. Segundo Natania,

A valorização da História Local é o ponto de partida para esse processo de formação do cidadão, do agente histórico, pois ela irá romper com a noção de história que se prende apenas ao passado, aos grandes nomes e aos grandes feitos (NOGUEIRA, 2001, p. 03).

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender que a história transcende as fronteiras temporais e, sobretudo, penetra nas relações contemporâneas cotidianas. Ao ser abordada em níveis regional e local, a história traz à tona realidades que anteriormente pareciam distantes e desconectadas da vida real. Essa abordagem oferece uma proximidade que permite aos indivíduos reconhecerem a influência e a relevância histórica nas dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldam seu contexto atual. Essa abordagem progressiva possibilita uma compreensão mais abrangente e aprofundada das dinâmicas históricas e de como elas moldaram e continuam a influenciar a realidade presente. Assim, o contato contínuo e aprofundado com a história regional e local expandem as perspectivas dos estudantes e enriquecem sua compreensão do passado e do presente.

A educação, ao desconsiderar a investigação da história regional e local, submete-se às demandas da lógica hegemônica, relegando o estudante a uma posição distante da própria história. Nesse contexto, ele não se insere como agente ativo em um processo dinâmico de transformação, mas se reduz a um mero espectador dos eventos concretizados por outros, em tempos e espaços distintos. Essa exclusão da dimensão histórica mais próxima e pessoal acaba por perpetuar uma visão limitada e desarticulada

do mundo, na qual o conhecimento é dissociado da experiência vivida e da capacidade de construir significados próprios.

Tudo isso remete ao pensamento colonizador, que silencia, anula, extingue. Ao defender o ensino da história regional e local contribuimos para que o estudante se veja representado na história e ativo na transformação do mundo. Uma revolução ocorrida no século XVIII deixa de ser um episódio a ser memorizado – ela acontece todos os dias, na contemporaneidade, nas lutas cotidianas por liberdade, por direitos sociais, por justiça. Essa compreensão histórica nos convida a reconhecer que as sementes da revolução estão presentes nas ações e movimentos sociais que desafiam as estruturas opressivas e buscam transformar a realidade. A história não é apenas um relato distante, mas uma força viva que impulsiona as lutas atuais por um mundo mais igualitário e digno.

CAPÍTULO VI

ENTREVISTAS COM PROFESSORES E PROFESSORAS DE HISTÓRIA NO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA/RJ

Durante o processo de elaboração desta pesquisa, foram explorados vários caminhos e foram feitas diversas tentativas de compreender e apreciar o que o estudo propõe. No entanto, para dar sentido e clareza às ideias apresentadas até então, tornou-se necessário olhar para os desdobramentos a partir de outras perspectivas. Isto levou a uma abordagem que leva em consideração o cotidiano dos professores que estão imersos em uma realidade complexa, onde muitas vezes linhas se cruzam e se contradizem.

Com o objetivo de trazer mais profundidade à pesquisa, buscou-se explorar as narrativas de professores que atuam na segunda etapa do ensino fundamental em escolas municipais da cidade de Itaperuna/RJ. Estas narrativas forneceram uma visão particular das dificuldades e desafios enfrentados pelos professores, bem como das estratégias utilizadas para superá-los.

A partir destas narrativas, foram identificadas várias questões importantes que afetam a vida profissional dos professores. Através da análise dessas narrativas, emergiram uma série de questões cruciais que permeiam não apenas a realidade dos professores locais, mas também lançam luz sobre desafios mais amplos que afetam a carreira docente em âmbito nacional. Estas preocupações englobam, por exemplo, a carência de recursos materiais e financeiros nas escolas, bem como a insuficiência de apoio administrativo para os educadores. Ao elevar as vozes dos professores como um reflexo dessa problemática, esta pesquisa se propõe a contribuir para uma compreensão mais abrangente das complexidades e obstáculos que permeiam a atuação dos profissionais da educação em toda a nação, bem como, o contexto municipal específico de Itaperuna/RJ.

O capítulo em questão apresenta conversas realizadas com três profissionais da educação de três escolas distintas, sendo um professor e uma professora de história e um diretor da rede municipal que também é professor de história. A fim de salvaguardar a confidencialidade dos profissionais envolvidos nas entrevistas, adotou-se a medida de atribuir pseudônimos como meio de preservar suas identidades. Identificados como

Paulo, Maria e Francisco⁶, esses docentes compartilharam suas experiências e particularidades em relação ao ensino de história regional e local na segunda etapa do ensino fundamental. As conversas evidenciam a importância de se trabalhar o contexto histórico local para uma compreensão mais ampla da história e suas diversas esferas.

Além disso, o capítulo inclui uma entrevista com a professora Dulce Diniz, autora dos livros “O desenvolver de um município, Itaperuna, do germinar à frutificação” (1985) e “No caminho da pedra preta” (1988). A professora Dulce destaca a necessidade de se envolver os alunos nesse processo de pesquisa e preservação histórica, tornando-os protagonistas do seu próprio aprendizado.

Segundo os relatos dos profissionais da educação e a entrevista com a professora Dulce Diniz, o ensino da história regional e local se apresenta não apenas como uma maneira de valorização da cultura e da historicidade de Itaperuna, mas também como uma ferramenta de resistência e questionamento, capaz de instigar lutas e anseios por mudanças.

Dessa forma, o ensino da história regional e local emerge como um meio de fortalecimento de professores e alunos, que através da compreensão das peculiaridades de seu lugar de origem, tornam-se capazes de reivindicar mudanças e transformações.

Durante a conversa com professores de história de Itaperuna/RJ, foram apresentados os principais objetivos desta pesquisa. O intuito foi conhecer as percepções destes profissionais sobre a história regional e local e suas implicações dentro do espaço escolar, a fim de explorar suas experiências cotidianas. Por meio do processo de escuta e da troca de relatos, evidenciaram-se muitos pontos em comum entre os docentes, gerando questionamentos e expondo realidades que precisam ser debatidas.

Em resposta ao segundo objetivo específico do presente estudo, por meio da condução de entrevistas com docentes, foi possível constatar que não há uma formulação de currículo específico sendo utilizado nas escolas municipais de Itaperuna.

⁶ Os pseudônimos atribuídos aos professores entrevistados prestam homenagem a personagens importantes da história e educação do país como Paulo Freire, Maria da Penha e Francisco Mendes (Chico Mendes)

Os professores, por sua vez, afirmaram que desenvolvem suas atividades diretamente baseados nas orientações propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir da pesquisa com os professores de história, foi possível identificar que muitos deles enfrentam desafios em relação à forma como a história regional e local é abordada no contexto escolar. Os profissionais ressaltaram a importância de incluir a história da cidade e da região no ensino de história, já que essa abordagem permite uma maior conexão dos alunos com a realidade em que estão inseridos.

Outro ponto relevante identificado pelos docentes é a falta de material didático específico sobre a história regional e local. Muitos professores precisam recorrer a materiais que não contemplam a história da cidade e da região, o que dificulta a construção de uma aula mais dinâmica e contextualizada. Além disso, alguns professores destacaram que é preciso investir em capacitação e formação continuada para que possam aprimorar seus conhecimentos e práticas pedagógicas em relação à história regional e local.

Por fim, a pesquisa realizada com professores de história de Itaperuna/RJ evidenciou a necessidade de repensar as práticas pedagógicas em relação à história regional e local. É preciso investir em materiais didáticos específicos, capacitação e formação continuada dos professores e envolver a comunidade no processo de ensino e aprendizagem. Tais ações podem contribuir para a construção de uma aula mais dinâmica e contextualizada, que promova uma maior conexão dos alunos com a realidade em que estão inseridos. Vamos, pois, às entrevistas.

6.1 A história regional e local: reducionismo às efemérides municipais

O presidente da Província, Conselheiro José Bento Araújo, por deliberação de 23 de março de 1889, designou o dia 10 de maio deste ano para se proceder à eleição dos vereadores da Câmara municipal da Vila de São José do Avaí.

Dulce Diniz

Em um primeiro momento, quando os entrevistados relatam como a história regional e local é trabalhada no ensino fundamental, suas falas trazem pontos

semelhantes, mostrando uma realidade vivida muito parecida com os demais. Segundo Paulo:

Esse assunto, sobre a história do município, é cobrado para ser trabalhado e quando são, acontece no mês de maio, porém de maneira muito generalizada, o que acaba não rendendo algum fruto nas crianças que logo esquecem o que foi dito. Sempre tem uma coisa ou outra sobre, mas na prática não existe muita preocupação em relação a esse assunto, quando fazem algo sobre, fazem alguma feira ou homenagem ao município, se canta o hino, pinta a bandeira e nada além disso, não existe um aprofundamento (ENTREVISTADO Paulo, 2023).

Nesta conversa com Paulo, é possível notar a escolha do mês de maio como período para abordar o tema “município’ nas escolas, devido aos festejos anuais que comemoram o suposto aniversário da cidade, datado em 10 de maio. Contudo, essa data não corresponde à criação do município, mas sim ao estabelecimento de uma câmara de vereadores republicanos em pleno regime monárquico, o que representou um marco importante na história política da cidade.

O trecho sugere que a falta de conhecimento histórico sobre a cidade é reiterada a cada ano. Isso revela uma educação que não valoriza a história regional e local. A data celebra erroneamente em maio, relacionada à instalação da câmara republicana, confunde-se com o aniversário de criação do município, ocorrido em dezembro de 1889. Desse modo, a celebração no mês de maio perpetua a ignorância sobre a história real da cidade, evidenciando a necessidade de valorização e estudo da história local e regional de uma maneira mais cuidadosa.

Conforme relatado, a secretaria de educação estabelece a realização de projetos que contemplem a história da cidade no mês de maio, porém segundo a fala, esses projetos não dão devida relevância ao tema. Nesse sentido, o professor denuncia uma educação de cunho tecnicista, desenvolvida de maneira mecânica, onde os conteúdos são transmitidos padronizados e os educandos recebem tais informações passivamente. Veja que não há aqui, uma absorção profunda do conhecimento, tampouco o desenvolvimento do pensamento crítico. Portanto, na prática, nas relações que se dão no espaço escolar, a história local e regional é ignorada

Do mesmo modo, os professores salientam que os conteúdos trabalhados se limitam ao que está expresso na BNCC, não incluindo conteúdos complementares. Informam que não há um currículo específico para essas escolas e que os conteúdos

ensinados seguem apenas as orientações expressas na Base Nacional Comum Curricular. Dessa forma, o planejamento das atividades pedagógicas é baseado nos “objetivos e competências” previstos na BNCC, que estabelece as aprendizagens que os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica, de acordo com cada etapa e modalidade de ensino. Quando questionados sobre como a história regional e local aparece no currículo e em seu cotidiano escolar, afirmam que,

A gente segue mais o currículo, né! O plano pedagógico, mas infelizmente a gente não trabalha a história local, geralmente se faz um projeto no dia 10 de maio que é o aniversário da cidade! Nós fazemos um projeto voltado para o aluno conhecer um pouco da história da cidade e é somente isso, infelizmente, aí canta-se o hino da cidade, pinta a bandeira etc. Mas uma história aprofundada da história local mesmo, das raízes da cidade, infelizmente não acontece, não tem isso dentro do currículo (ENTREVISTADA Maria, 2023).

A fala da professora revela uma questão crucial na educação: a compreensão do currículo como algo fixo, uma lista prescrita do que deve ser seguido, um cardápio de conteúdos que devem ser reproduzidos. Nesse sentido, as práticas educacionais acabam sendo guiadas por uma abordagem mecânica, que limita a aprendizagem à simples reprodução e recepção dos conteúdos, sem espaço para a criação e a experimentação.

A partir desse raciocínio, o papel do professor é visto como o de um simples transmissor de conhecimentos previamente estabelecidos em um documento entendido como um acervo de informações que devem ser seguidas de maneira uniforme. Dessa forma, a figura do professor é despojada de sua capacidade de estimular a reflexão crítica e criativa dos aprendizes, limitando-se a uma função técnica e burocrática de reprodução de conteúdos.

Ao restringir-se a um projeto efêmero no aniversário da cidade, que se limita a cantar o hino e a colorir a bandeira, a escola está reforçando a concepção de que a história é algo remoto e inacessível, sem conexão com a vida cotidiana dos alunos. Essa abordagem técnica e uniformizada não favorece a construção de indivíduos críticos, capazes de compreender e transformar a realidade que os cerca.

Sobre currículo o que temos agora é a BNCC, o que nós temos é isso, e dentro dela temos autonomia para introduzir outros assuntos como a história regional.

Eles dão essas brechas para que cada região possa incluir a sua realidade, mas isso é complicado, em nível de educação básica é muito complicado, vai muito do professor, do conhecimento desse profissional, da boa vontade dele, pra incluir esse assunto (ENTREVISTADO Francisco, 2023).

A crítica de Francisco em relação à BNCC revela uma situação contraditória. Por um lado, o tom de conformismo presente em seu comentário sugere que ele se sente impotente diante das limitações impostas pelo sistema educacional. Por outro lado, no entanto, essa situação é resultado da regulação do sistema sobre o trabalho do professor, que o obriga a se concentrar exclusivamente na transmissão de conteúdos e limita sua atuação em outras esferas da educação.

A crítica do professor aponta para a necessidade de se repensar o currículo escolar de forma mais ampla e dinâmica, de modo a permitir que os professores tenham mais liberdade e autonomia em sua prática educativa. Em vez de se concentrar em uma lista fixa de conteúdos a serem transmitidos, o currículo deve ser concebido como um espaço de negociação e diálogo, em que os alunos são incentivados a explorar suas próprias experiências e interesses, e a construir suas próprias narrativas de aprendizagem.

O comentário do professor destaca uma realidade a ser pensada, embora seja regulatória, ela deixa "brechas" para que temas locais possam ser incluídos no currículo escolar. No entanto, como observa, essa inclusão depende da "boa vontade" do professor em explorar essas oportunidades. Ao mencionar a "boa vontade" do professor, parece sugerir que a BNCC pode ser interpretada de maneiras diferentes e que há certo espaço para que os professores possam exercer de maneira autônoma sua prática pedagógica.

No entanto, como ele também destaca, essa possibilidade está condicionada pelas estruturas de poder que regulam a educação e que podem limitar a atuação dos professores. A questão que emerge é a de como garantir uma educação que promova a participação e a criatividade dos professores e dos alunos, desviando-se da regulamentação, da burocratização curricular e do controle?

Francisco, relata com ênfase acerca das realidades estruturais e curriculares, levando um mesmo ponto de vista sobre a história regional no cotidiano escolar.

Trazendo em suas experiências cotidianas o olhar de quem vivencia perspectivas e cargos distintos, disse que:

Temos que falar das realidades das escolas também, trabalhar esse básico já é muito difícil, por que o desinteresse é muito grande, e esse desinteresse gera também uma acomodação do professor, ele não vai querer ficar pesquisando e implementando o conteúdo para falar da história local. Para mim história local e regional que é trabalhado é muito superficial, fala-se só sobre o nome da cidade, sobre o hino e pronto, eu vejo a história regional em uma posição muito limitada na educação básica (ENTREVISTADO Francisco, 2023).

Segundo os entrevistados, existe em determinado momento do ano, a realização de projetos que visam, através das comemorações e festividades, abordar questões relativas ao município, sua história e emblemas. Ainda conforme o relato dos professores entrevistados, esses projetos acontecem geralmente no mês de maio, quando é comemorado o aniversário da cidade. Ficou demonstrado que tais projetos abordam de maneira muito superficial a história do município, não se aprofundando em mais detalhes históricos, políticos e culturais. A fala de Paulo expressa essa realidade quando afirma que “Sempre tem uma coisa ou outra sobre, mas na prática não existe muita preocupação em relação a esse assunto, quando fazem algo sobre, fazem alguma feira ou homenagem ao município, se canta o hino, pinta a bandeira e nada além disso, não existe um aprofundamento.”

Ainda sobre a realização desses projetos, foi ressaltada certa superficialidade e que, de alguma maneira, não agregam o conhecimento que seria necessário, assim, segundo Maria, “Os projetos da secretaria são muito soltos, não sabemos exatamente quais são as finalidades desses projetos, tampouco os alunos sabem.”

Durante a conversa com Francisco, quando levantada a questão dos projetos realizados pela secretaria de educação, com bastante surpresa ele relata seu desconhecimento sobre tais projetos, colocando mais uma vez a superficialidade e falta de aprofundamento em evidência. Assim destacou:

Rapaz, eu não tenho conhecimento disso não, nunca chegou à minha pessoa isso não. Pedem tanta coisa pra você cumprir que acabam fazendo as coisas porcosamente, não é nada, coisa séria realmente não tem. É aquilo, o diretor que até então era indicado, quer fazer bonito e permanecer no cargo, então ele vai ali: canta o hino de Itaperuna, pinta a bandeira, coloca as crianças com as bandeirinhas na mão, tira foto, e “dá-lhe pedra preta” e tá legal. Em foto e vídeo

aquilo fica bacana, mas nada que seja feito seriamente (ENTREVISTADO Francisco, 2023).

“Nada que seja feito seriamente”. Os professores investigados têm clareza quanto ao fato de que a Secretaria de Educação reduz a história a temas para as efemérides, e que incentiva a representação da prática sob a forma de registro fotográfico do que foi determinado e cumprido. Os traços positivistas persistem na atualidade, tornando o conteúdo e a experiência irrelevantes em face da demonstração empírica do que foi realizado.

É curioso ressaltar que a “clareza” que os professores dispõem acerca desta mecanização curricular, aparentemente não alimenta a consciência crítica e, com isso, a luta contra a prática sem sentido. “Mas uma história aprofundada da história local mesmo, das raízes da cidade, infelizmente não acontece, não tem isso dentro do currículo” – disse o professor. O professor sabe disso, assim como também sabe das amarras impostas pela estrutura curricular e pela regulação institucional. Há, porém, uma saída: a construção coletiva de um Projeto Político Pedagógico (PPP) que adentre as discussões sobre a história regional e local, desvinculando esta temática de sua redução a uma mera efeméride escolar.

Compreendendo as realidades distintas de cada instituição e o trabalho proposto por cada direção, professores e comunidade escolar, vale ressaltar a importância do trabalho em conjunto para a construção de saberes e diálogos democráticos. Nesse sentido, a elaboração do PPP torna-se imprescindível para se alcançar novas abordagens, organizando com responsabilidade propostas e projetos que farão a diferença na vida dos alunos e da comunidade em geral, portanto,

O Projeto Político Pedagógico, enquanto instrumento orientador do fazer escolar deve conter objetivos, metas e ações que tragam, implicitamente, reflexões aprofundadas sobre a finalidade da instituição, sua função social e as escolhas teórico-metodológicas da sua trajetória cotidiana, partindo de ações necessárias à concepção transformadora da realidade, objetivando alterações nas práticas conservadoras e tradicionalistas que vigoram no sistema público de ensino. Essas ações devem ser desenvolvidas pela escola e alicerçadas na busca pela qualidade do ensino e melhoria dos resultados de aprendizagem, tendo como meta a formação de indivíduos críticos e atuantes no meio social (NASCIMENTO, NASCIMENTO & LIMA, 2020, p. 124-125).

O PPP (Projeto Político Pedagógico) é um documento importante que orienta a prática pedagógica da escola e deve ser encarado não apenas como uma obrigação burocrática, mas como um instrumento reflexivo e prático baseado nos anseios e necessidades de toda a comunidade escolar. A história regional e local pode desempenhar um papel fundamental na construção desse projeto, permitindo a aproximação das realidades da escola com os pais, professores e alunos.

Entendendo a história regional e local como uma forma de valorizar a diversidade cultural e de permitir que os alunos e professores sejam agentes ativos na construção do currículo escolar. Essa abordagem rumo para uma educação mais contextualizada e conectada com as demandas e necessidades da comunidade local.

Diante das realidades apresentadas por meio da conversa com os professores, fica evidente que, assim como os dados apresentados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a história regional e local diante do cotidiano das escolas municipais de Itaperuna/RJ, ainda é apresentada de maneira tímida ou superficial. Temos então um claro exemplo de processos de construção curricular edificados a partir de padrões hegemônicos e excludentes, assim,

Falamos de processos curriculares que, ao legitimarem determinados conhecimentos e modos de conhecer e de se constituir, buscam enfraquecer outros, forjando caminhos únicos e tentando impedir rotas alternativas. Falamos de uma ideia de currículo que, ao tentar constituir majorias, alija minorias ao mesmo tempo em que as produz (SOARES & NOLASCO, 2015, p.03).

6.2 Prática profissional docente: currículo, valorização docente e formação

Cabe ressaltar mais uma vez a atuação marcante do padre Humberto Lindelauf que se lançou, com toda coragem e persistência, na realização desse grandioso empreendimento, possibilitando aos habitantes da localidade e das cidades vizinhas, a conclusão de um curso superior, até então impossível, sem se deslocar de Itaperuna.

Dulce Diniz

A experiência cotidiana e relatos dos profissionais entrevistados, nos traz percepções acerca do que acontece em todo esse processo de construção pessoal,

profissional, curricular, suas ausências e dificuldades. Outra questão levantada pelos professores, aparecendo com frequência em suas falas e que tem se tornado impeditivo no desenvolvimento da história regional e de outros temas complementares, seria o desgaste cotidiano, tendo em vista a extensão curricular e do que se propõe para ser realizado durante os bimestres.

Paulo expõe suas realidades diárias quando questionado sobre a aplicação da história local:

E aí entra essa outra questão que impede e atrapalha muito a gente fugir um pouco daquilo que o currículo traz, é muita coisa para se falar, para se estudar e quando vemos, já estamos no final do bimestre e ainda falta um monte de coisa para ser trabalhada. É exaustivo, principalmente a gente que trabalha em mais de uma escola. O excesso de trabalho e o cansaço mental nos impede de inovar (ENTREVISTADO Paulo, 2023).

Ao utilizar o termo "fugir", Paulo sugere que está preso a algo, e isso pode ser interpretado como a sensação de aprisionamento causada pelos padrões curriculares fixados – um currículo prescrito. De fato, a "grade curricular" pode limitar a atuação do professor e impedir a realização de práticas pedagógicas mais autônomas e criativas, restringindo a liberdade de pensamento e ação. A própria ideia de "grade curricular" também sugere uma forma de prisão, que limita a capacidade do professor de inovar e adaptar a educação às necessidades dos alunos e da comunidade.

A grande quantidade de conteúdos a serem desenvolvidos, somada às estruturas que muitas vezes impedem os professores de irem além do que é estipulado, gera a exaustão, limitando a criação de alternativas para a prática pedagógica.

Em uma mesma linha de pensamento e de realidades que se esbarram, Francisco expõe suas experiências, reafirmando e reiterando suas falas anteriores e dos outros professores:

E a gente vai se sentindo acomodado, e o que mata nisso é que envolve muitas coisas, não é só conhecimento nem falta de interesse, esse professor que está ali, igual na prefeitura, o indivíduo não tem uma carga horária de planejamento, ele trabalha as 18 horas dele, dentro de sala de aula, ele não tem tempo de planejamento e com o salário que a prefeitura paga, não tem como ele ficar só dando aula em um lugar. ele se desdobra trabalhando em um emprego e em outro, pega um cargo gratificado, ele não tem tempo para ficar se munindo de

mais conhecimento, infelizmente, se ganhasse bem, tivesse exclusividade, talvez a postura seria diferente (ENTREVISTADO Francisco, 2023).

O tempo é um elemento que também aparece no processo de aprisionamento descrito pelos professores, que se veem limitados pela falta desse mesmo tempo para explorar temas locais e regionais de forma mais aprofundada. Esse cenário resulta de um excesso de conteúdos programados e da rigidez do sistema educacional, que impõe padrões fixos e estabelecidos a serem cumpridos.

Essa limitação de tempo e a necessidade de cumprir padrões curriculares impedem os professores de explorar outras possibilidades e perspectivas no ensino, como a história local. Faz-se importante então, questionar os modelos de ensino que privilegiam a quantidade em detrimento da qualidade e da relevância dos temas abordados, buscando novas formas de organizar o tempo e o conteúdo para um ensino mais dinâmico e aberto a múltiplas perspectivas.

Sobre o tempo, Michel de Certeau (1998) nos ensina que o “forte” domina o espaço, e ao “fraco”, só resta o tempo. O forte se apropria do espaço, conquistando-o, expropriando-o, colonizando-o. Ali, no espaço, o forte impõe suas leis, sua gramática, sua ordenação. Resta ao fraco, o tempo. O fraco espera, no tempo. Espera o momento propício para burlar, para escapar, para criar. Não demorou muito, porém, para que o forte notasse esta tática do fraco, e então ele criou a burocracia. A burocracia toma o tempo, ela determina as atribuições, ela estipula o consumo do tempo. A BNCC é pródiga em assaltar o tempo docente, inscrevendo burocraticamente um currículo prescrito que, dificilmente, disponibiliza tempo para a criação e a novidade.

Por outro lado, Maria, apresentou uma opinião pessoal que em parte se difere dos relatos dos demais entrevistados, levantando um questionamento também muito válido para a compreensão do desenvolvimento das práticas cotidianas nas escolas. Há, porém, sempre um retorno à questão do desgaste e acomodação. Segundo Maria,

O sistema é ruim, mas a gente fica olhando gente que chegou ontem, não tem tempo para estar cansado! Gente, se não é o que gosta de fazer, não faça! Sabe por que, eu sou uma entusiasta da educação, eu gosto do que eu faço e cada dia eu gosto mais. Acho que falta esse desejo também por parte do professor. Tem muito profissional que já chega com um desânimo, porque sabe que o sistema é difícil, e logo já se acomoda. Mas dá para fazer diferente (ENTREVISTADA Maria, 2023).

É recorrente a justificativa segundo a qual os docentes se tornam acomodados. Nas falas apresentadas, é possível notar que a “culpa” por esta acomodação é dos próprios professores e professoras, e isso leva a pensar na lógica da regulação que leva à culpabilização da vítima. Temos um sistema educacional que não investe na valorização docente, que oferece uma formação precária aos docentes egressos de faculdades isoladas, além de um currículo único imposto e tramado com dispositivos que determinam sua aplicação. Todo este cenário produz desconfortos diversos em quem tem a tarefa de educar, e o entendimento que disso se faz é que são os próprios docentes os responsáveis pela não consecução das “metas”.

A história regional e local aparece de forma análoga na BNCC e é apresentada como tema complementar a depender da etapa, possibilitando a cada escola, em suas realidades particulares, trabalharem com seus alunos. Essas particularidades apresentam-se de forma bastante condicional. Francisco, no desdobramento da conversa diz que “Dentro da BNCC a gente tem autonomia de incluir a história regional, eles dão essa brecha pra que cada região possa incluir sua realidade, mas isso é complicado, em nível de educação básica é complicado, vai muito do professor, do conhecimento desse profissional, da boa vontade dele pra ele incluir isso ali.”

A partir da conversa sobre as dificuldades encontradas durante o decorrer dos bimestres e os entraves pessoais do dia a dia, tais como: avaliações, desinteresse por parte dos alunos e das instituições, falta de incentivo e a relação com a história regional e local, tornou-se considerável pensar nas “linhas de erre” e “rotas de fuga” (CERTEAU, 1998) que modificam as práticas institucionais, traçando novos caminhos e transformando as realidades impostas. Assim,

A imagem das linhas de erre usada por Certeau (1994) potencializa os usos desviacionistas, subversivos e aleatórios que acontecem com a invenção de trilhas alternativas nas selvas da racionalidade funcionalista constituída por espaçotempos tecnocraticamente determinados e sustentados por prescrições e normas. Assim, as linhas de erre teriam como potência traçar trajetórias indeterminadas, aparentemente desprovidas de sentido, sem coerência com os espaçotempos pré-fabricados por onde se movimentam (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018, p.14-15).

Adentrando nesta proposta, a conversa sugeriu o conhecimento das práticas realizadas por esses profissionais que indicavam esse caminho, buscando por meio de

outras rotas além das curriculares pré-estabelecidas, trabalhar com os alunos e com a comunidade escolar, a história do município de Itaperuna/RJ.

Percebeu-se que acontecem tentativas de aproximação dos discentes com a história regional e local, porém, diante dos múltiplos obstáculos enraizados nos afazeres profissionais e pessoais, na falta de incentivo por parte das instâncias superiores, no desinteresse causado por diversos fatores, não dão continuidade no trabalho realizado. Em conversa com Paulo, ele aponta essas tentativas e esclarece:

Fiz essa tentativa de atividade umas duas vezes, só que acaba dando muito trabalho sem nenhum respaldo e aí a gente acaba se acomodando também, quando nos deparamos com a pilha de prova pra corrigir, os conteúdos que temos que trabalhar nas aulas futuras, e que a cada dia que passa, aumentam mais e mais, não que isso seja ruim nem seja importante, mas é cansativo mesmo (ENTREVISTADO Paulo, 2023).

Por outro lado, observa-se que não há um esforço maior para a inovação e aplicação de conteúdos complementares que possam suprir as deficiências apontadas. Nesse contexto, a história regional e local não tem sido contemplada como um conteúdo imprescindível para a formação do aluno, sendo frequentemente relegada a segundo plano em detrimento de uma carga horária extensa e de outros desafios estruturais. A fala dos professores C e B demonstram essas realidades:

Eu mesmo, de verdade, fazer algo mais aprofundado sobre nunca fiz, eu fico com a maioria, as vezes em um comentário, falar sobre algo mais específico sobre a cidade, uma curiosidade, tentando fazer alguma ressalva sobre, mas só assim de comentário, nada de aprofundado. O currículo não é tão mínimo e 99% dos nossos alunos não se interessam, estão só para cumprir uma obrigação (ENTREVISTADO Francisco, 2023).

A afirmação de que "o currículo não é tão mínimo", feita por Francisco, revela a extensão dos conteúdos que precisam ser transmitidos e a falta de espaço para abordagens complementares. Isso evidencia a maneira como os profissionais da educação se veem limitados pela escassez de tempo e recursos para explorar diferentes perspectivas e metodologias de ensino.

Pra ser bem sincera, tenho muita vergonha, realmente é uma falha minha, é tudo muito corrido, então de fato eu não fiz. O sistema é ruim e nós vamos indo na onda desse sistema e nos acomodando (ENTREVISTADA Maria, 2023).

A acomodação relatada faz parte de um dinamismo falho dentro de um sistema educacional desgastado, onde profissionais dão início à profissão, sem estarem devidamente preparados para o seu exercício. Nesse sentido, os relatos nos levam para um cenário revelador que se inicia muito antes, na formação desse profissional. Inserir-se no mercado de trabalho e estar preparado para lidar com os desafios de uma sala de aula, torna-se uma frequente preocupação para os professores recém-formados. Adentrar no ambiente escolar, sem estar devidamente preparado pode tornar-se forte desestímulo ao novo profissional.

É curioso notar que nas falas dos docentes entrevistados aparece, de forma recorrente, sua auto-culpabilização pela ausência dos estudos da história regional e local. Isto pode estar relacionado ao próprio projeto colonizador e opressor que, para ocultar seu propósito de apagamento do outro, produz neste outro a percepção de que a culpa é dele: é ele quem não se esforça, quem não toma a iniciativa, quem não trabalha. Ao serem levados a se culpabilizar, os docentes perdem a dimensão crítica de que seu trabalho deve ser orientado pela iniciativa e autonomia, reforçando uma estrutura educacional orientada pela subalternização do outro.

Quadro 6 – Formação e tempo de exercício profissional dos docentes entrevistados

Docente	Formação	Tempo de exercício profissional
Paulo	História, UNIFSJ – Centro universitário São José de Itaperuna,	10 anos
Maria	História, UNIFSJ – Centro universitário São José de Itaperuna,	15 anos
Francisco	História, UNIFSJ – Centro universitário São José de Itaperuna,	11 anos

Fonte: Pesquisa direta, 2023

O estudo em questão não tem como objetivo analisar a relação entre formação e exercício profissional, no entanto, é importante destacar o Quadro 1 e observar que, no que diz respeito à formação, é possível notar que profissionais formados na mesma instituição e em períodos distintos podem ter recebido formações e treinamentos diferentes, dependendo de mudanças no currículo ou no corpo docente ao longo do

tempo. Isso pode influenciar a maneira como os profissionais abordam e suas experiências.

Mesmo que esses profissionais tenham recebido a mesma formação teórica, suas habilidades e experiências podem ser diferentes, dependendo de seus estágios e práticas profissionais. Essas diferenças podem influenciar a abordagem e a prática desses profissionais no exercício de suas profissões.

É importante destacar que a formação profissional não é um processo estático e pode ser influenciado por fatores externos, como mudanças na legislação, nas necessidades do mercado de trabalho e nas demandas da sociedade. Os três docentes se licenciaram em história na mesma faculdade isolada, em um município no qual há três instituições privadas de ensino superior e duas instituições públicas, sendo um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, o qual oferece bacharelados em Sistema de Informação e Engenharia Mecânica, licenciatura em Química e cursos técnicos. O município de Itaperuna faz parte da mesorregião do Noroeste Fluminense, sua população é estimada em 104.354 habitantes (IBGE, 2021) e seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de 0,730, é considerado alto.

Entendendo o currículo não apenas como um conjunto de conteúdos e orientações disciplinares, torna-se importante enxergá-lo mais além, como a construção de ideias e a compreensão do mundo, como um processo dinâmico e livre de grades, não devendo ser visto como um conjunto fixo e estático de conhecimentos a serem transmitidos, mas sim como um espaço de interação entre diferentes saberes e práticas.

A construção curricular deve ser compreendida como movimentos que acontecem nas mais variadas esferas do ambiente escolar: as interações entre os alunos na sala de aula, as brincadeiras nos intervalos, as atividades realizadas dentro e fora do ambiente escolar e no cotidiano como um todo, o currículo acontece em todos os lugares, em todos os lugares ele está sendo tecido, deve ser concebido como um campo aberto de possibilidades, em que os alunos têm a liberdade de explorar suas próprias experiências e interesses, e de construir seus próprios caminhos de aprendizagem.

Assim, “os currículos, desse modo, são feitos nas escolas, por criações próprias e por influência de múltiplas forças sociais. Micro e macropolíticas articulam-se e transformam-se mutuamente, convertendo-se em experiências possíveis” (SOARES &

NOLASCO, 2015, p.05). Destacando a importância da interação entre a instituição educacional e o contexto cultural no qual ela está inserida, entendemos que "O currículo se situa na articulação entre escola e cultura" (VEIGA-NETO, 2004). Esta premissa ressalta que o currículo escolar não pode ser concebido de forma isolada, mas sim como um ponto de conexão entre a escola e as culturas dos aprendizes. Deveria estar relacionado com aquilo que está acontecendo na vida dos discentes, na vida cotidiana. Estar presente nas práticas, dentro e fora das escolas, no mundo.

Ao reconhecer que a cultura desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, a afirmativa enfatiza a necessidade de um currículo que considere e incorpore as diversas expressões culturais presentes na comunidade escolar. O currículo deve refletir a diversidade de origens étnicas, crenças, tradições dos educandos, valorizando e promovendo o diálogo entre as diferentes manifestações culturais. Portanto, ressalta a importância de uma abordagem educacional que não se restrinja apenas aos conteúdos acadêmicos, mas que também leve em conta as características e experiências culturais dos estudantes.

Assim, as aplicações dos conteúdos complementares passam a ter um novo significado, fazendo sentido dentro da sala de aula, bem como em todos os espaços da escola, tornando-se também mais amplo, não se restringindo apenas na disciplina de história, mas transformando como um todo a noção de currículo. Faz-se como um processo dinâmico, em que os saberes são construídos e reconstruídos em um processo constante de negociação e diálogo entre diferentes perspectivas e experiências culturais.

Ao trazer a temática acerca da história regional e local no ensino fundamental, coloca-se em pauta a construção também de saberes críticos e noções de pertencimento por parte dos alunos bem como dos profissionais, temos então que,

Preferimos, então, indicar as táticas, as linhas de fuga, as multiplicidades, as hibridizações, os atravessamentos, as singularizações e as diferenciações como processos vitais que criam outros modos de existência que não se limitam a reproduzir as formas de subjetividades dominantes (SOARES & NOLASCO, 2015, p.03).

Assim, as orientações curriculares devem ser consideradas como um reflexo das práticas cotidianas, as quais são moldadas pelas forças dominantes do sistema

educacional. No entanto, é possível contornar os caminhos pré-estabelecidos criando possibilidades em meio a realidades frequentemente hostis e impraticáveis.

É preciso explorar as margens, onde as estratégias de resistência e adaptação são gestadas e desenvolvidas, a fim de construir um currículo mais flexível e capaz de atender às necessidades reais dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Desse modo, é possível transformar a própria prática pedagógica em uma forma de resistência contra as estruturas de poder que tentam limitar a liberdade e a criatividade humanas.

6.3 “Outras perspectivas”

No ano de 2023, a Secretaria de Educação de Itaperuna - SEMEDITA, em parceria com o acadêmico Professor Anizio Pirozzi, empreendeu uma iniciativa de notável relevância no âmbito educacional local. Este movimento consistiu na oferta de cursos de capacitação direcionados aos professores da região, com enfoque primordial na abordagem histórica do município. Esse esforço conjunto torna-se parte de um anseio de mudança no panorama educacional do município, alinhado à crescente compreensão da necessidade de enriquecer o repertório e dos profissionais da educação em relação a essa temática. Segundo informações do portal da secretaria de educação,

Durante o curso, os professores tiveram acesso a informações e materiais pedagógicos para tornar o ensino da história de Itaperuna mais dinâmico e interessante para os alunos. A cultura local, a economia e as transformações urbanas também foram abordadas. A capacitação foi uma oportunidade para os professores aprimorarem seus conhecimentos e se tornarem ainda mais preparados para transmitir uma educação de qualidade aos alunos (SEMED, 2023).

O curso de capacitação ministrado nessa iniciativa representa uma etapa fundamental no processo de aprimoramento pedagógico dos educadores de Itaperuna. Estes se deparam com a responsabilidade crucial de disseminar conhecimento histórico aos estudantes, e, portanto, aprofundar sua própria formação sobre a história local é uma prerrogativa incontestável.

Através desse compromisso com o saber histórico, a Secretaria de Educação corrobora a importância intrínseca do estudo e da capacitação continuada para os

profissionais do ensino, instrumentalizando-os para um exercício fundamental de suas funções pedagógicas.

Além disso, foram implementadas diversas outras medidas no âmbito das atividades culturais e históricas do município, dentre as quais se destaca a organização de uma exposição itinerante que contemplou uma rica seleção de fotografias históricas e contemporâneas da região.

Esta iniciativa se revelou de suma importância para a preservação e difusão do patrimônio visual e documental local, proporcionando uma valiosa oportunidade para os educandos e visitantes conhecerem a evolução histórica do município por meio de imagens, estimulando, assim, uma apreciação mais profunda de sua realidade histórica.

Nesse contexto, é importante enfatizar que a Secretaria de Educação desempenha um papel de grande relevância por intermédio desses projetos, promovendo não somente a capacitação de seus educandos, mas também estreitando os laços entre as instituições de ensino e a rica história municipal. Tais iniciativas, ao longo deste período, demonstraram-se instrumentais no fomento do conhecimento histórico local, estimulando uma apreciação mais profunda da herança cultural e contribuindo para o enriquecimento do aprendizado dos discentes.

6.4 “A terra da promessa”

“Ita” – quer dizer, em guarani, pedra; “una” – preta, e, “per” – caminho, o que vem a ser: caminho da pedra preta: Itaperuna.

Major Porphirio Henriques

O nome da cidade de Itaperuna carrega consigo uma dualidade interpretativa que revela sua história. A primeira interpretação surge quando o Dr. Francisco Portella, médico originário de Campos dos Goytacazes e posteriormente presidente da estrada de ferro Carangola, explorava a região durante uma de suas caçadas. Nesse contexto, ele se deparou com uma imponente elevação rochosa que se assemelhava às costas de um elefante, localizada atualmente na cidade de Porciúcula/RJ. Para se chegar até lá, era preciso passar por onde se situa a cidade de Itaperuna.

A partir dessa abordagem, "Itaperuna" pode ser decomposto em duas palavras, que pode ser traduzido como negra ou escura. Essa interpretação sugere uma conexão com a presença de uma pedra escura na região, acrescentando uma camada de significado ao nome da cidade. Em uma segunda perspectiva interpretativa, o nome da cidade de Itaperuna também encontra suas raízes na língua Guarani. "Itaperuna – itapiira-uma (anta preta, com o i provavelmente eufônico). Por ext.: o lugar da anta preta" (DINIZ, 1985).

A preservação da memória de cidades interioranas é um processo que passa pela esfera memorialista, isto é, pela dedicação de indivíduos que se empenham em preservar e documentar a memória histórica de pessoas, lugares, eventos ou épocas específicas. O memorialista, contudo, não se submete às normas e métodos teóricos exigidos pela produção acadêmica, podendo atuar de forma mais livre e criativa.

Além da documentação escrita, o trabalho do memorialista pode abranger diversas linguagens e mídias, como fotografia, cinema, música, artes visuais, entre outras. Desse modo, a atividade memorialista se revela como um espaço plural e multifacetado de produção e difusão de conhecimentos sobre a história das cidades interioranas, contribuindo para a preservação e valorização das culturas locais.

Na produção memorialista, a memória é resgatada por meio de uma visão particular, que pode ser determinada pela perspectiva de classe, gênero, etnia, entre outras categorias sociais. Assim, as narrativas elaboradas pelos memorialistas podem reproduzir e reforçar as estruturas de poder existentes em uma sociedade, perpetuando as desigualdades e silenciando as vozes daqueles que foram marginalizados.

É importante, portanto, que a memória seja vista como uma construção social e histórica, sujeita a múltiplas interpretações e perspectivas. É preciso questionar as visões hegemônicas da história e incluir nas narrativas memorialistas as vozes e experiências de grupos historicamente marginalizados, como forma de resgatar uma história mais plural e inclusiva.

Ao se debruçar sobre a história regional e local, é quase impossível não se deparar com a figura do memorialista, já que ele é uma das principais fontes de produção de conhecimento histórico nessas regiões. No entanto, é preciso reconhecer que essas produções nem sempre são neutras ou imparciais, já que muitas vezes são utilizadas

para reafirmar ideologias políticas de uma determinada época, destacar os feitos de uma elite dominante e heroificar alguns personagens específicos.

Isso significa que, apesar de sua importância na preservação da memória local, o trabalho do memorialista precisa ser visto com certo cuidado e criticidade, a fim de evitar a perpetuação de narrativas tendenciosas e excludentes.

Ao analisar as produções memorialistas, é possível perceber a relação intrínseca entre memória, poder e ideologia. Esses relatos históricos são construídos a partir de uma visão particular do passado, que muitas vezes reflete as ideologias e interesses políticos das elites dominantes. Dessa forma, a história regional e local é contada de forma seletiva, destacando aspectos que reforçam a imagem da hegemonia dominante, enquanto muitas vezes, negligencia a história de outros grupos sociais e a pluralidade de vozes que compõem a sociedade.

Apesar disso, é importante reconhecer a relevância do trabalho do memorialista na preservação e documentação da memória histórica de regiões e cidades. Essas produções são capazes de resgatar aspectos culturais, sociais e econômicos que seriam esquecidos pela história oficial. Porém, é necessário que esses relatos sejam analisados de forma crítica, considerando as visões ideológicas e políticas que os permeiam, e que sejam complementados por outras perspectivas históricas que deem voz a outros grupos sociais e a pluralidade de experiências que constituem a sociedade.

No entanto, ao refletir sobre essa contribuição, faz-se imprescindível considerar como essa história é reapropriada no ambiente escolar e de que maneira é possível dar voz aos personagens secundários, outrora marginalizados. Na obra intitulada "A terra da promessa" (1956), redigida pelo Major Porphírio Henriques, é possível identificar o início de um referencial historiográfico e memorialístico. Portanto,

O livro do Major, neste sentido, deve ser entendido como fonte sistematizadora de uma visão tradicionalista e ufanista da cidade. Sua linguagem, expressa a materialidade de uma ideologia. O memorialista, por meio de sua narrativa, resguardou aos segmentos denominados "classes conservadoras" – relacionados à lavoura – o papel de sujeitos dessa história. Ao mesmo tempo, reafirmou um passado de riqueza e projetou um futuro de grandes possibilidades para a cidade, caracterizada como a Canaã – terra destinada a grandes destinos e prometida a um "povo de eleição" (ALVES, 2019, p.136).

A obra intitulada "A terra da promessa", do Major Porfírio Henriques (Fig. 1), revela, desde seu título, uma abordagem típica das produções memorialistas de sua época. A figura de uma terra prometida, de um futuro auspicioso, permeia grande parte da obra, refletindo uma linguagem ideológica que busca preservar o papel das classes conservadoras daquele período.

Essa perspectiva revela a mentalidade da época em que a obra foi produzida, imersa em costumes e tradições, e expressa, em sua linguagem, uma concepção particular de história, marcada pela ideia de progresso e pela celebração das elites locais. Nesse sentido, a obra do Major Porfírio Henriques pode ser entendida como um documento histórico que ilustra as tensões e disputas que marcaram a construção da memória da cidade de Itaperuna.

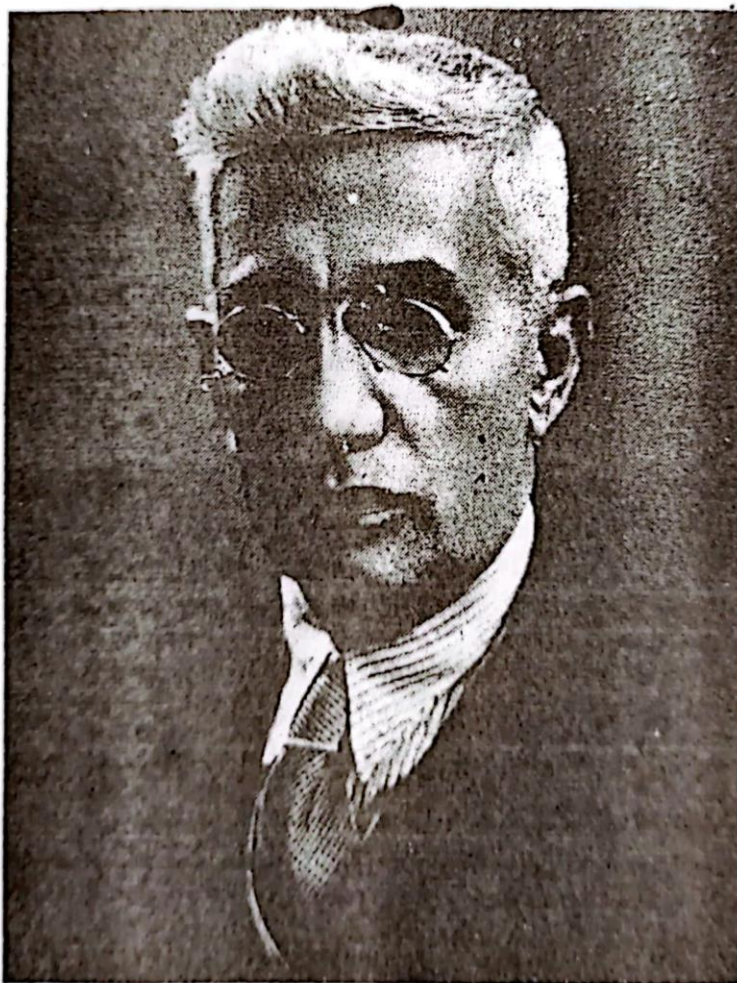
A obra do Major Porfírio Henriques instiga a uma reflexão sobre a relação entre memória, ideologia e poder, evidenciando como as narrativas construídas podem perpetuar as estruturas sociais e políticas de determinada época ou, alternativamente, servir como base para questioná-las.

Nesse sentido, é fundamental compreender como as produções memorialistas, como a obra em questão, são fruto de um determinado contexto histórico e social, carregando em si valores, crenças e ideologias que podem tanto reforçar quanto desafiar as relações de poder existentes. A obra do Major Porfírio Henriques, portanto, pode ser entendida como um convite à reflexão crítica sobre a construção da memória e suas implicações no presente e no futuro da cidade de Itaperuna e de outras comunidades.

MAJOR PORPHIRIO HENRIQUES

A TERRA DA PROMISSÃO

— HISTÓRIA DE ITAPERUNA



EDITORA AURORA

RIO DE JANEIRO

Figura 1 – Reprodução da capa do livro “A terra da promessa”
Fonte – Pesquisa direta, 2023

6.5 “No caminho da pedra preta”: a produção de um livro paradigmático

As coisas admiráveis que vocês aprendem a conhecer em suas escolas, o trabalho de várias gerações, realizado em todos os países da terra, custou grandes sacrifícios e esforços apaixonados. Tudo isso é posto em suas mãos, para que vocês recolham, desenvolvam e um dia transmitam aos seus filhos. Desta forma, nós, mortais, nos imortalizamos naquilo que criamos em comum, na realização de obras imperecíveis. Se vocês pensarem nisto, adquirirão uma opinião justa sobre outros povos e outros tempos.

Albert Einstein

Trinta anos após, impulsionada pelo desejo de ampliar e aprofundar esses saberes de forma mais acessível e elaborada, por meio de pesquisas mais abrangentes e sistematizadas, Dulce Diniz empreende a tarefa de organizar e redigir a obra "O desenvolver de um município, Itaperuna – do germinar à frutificação", na qual aborda a história da cidade e suas características sociais, políticas, culturais e geográficas. (Fig. 2).

Nessa empreitada, Dulce Diniz assume o papel de uma autêntica historiadora, comprometida com a tarefa de traduzir e difundir o saber histórico para o público em geral, sem deixar de lado a profundidade e rigor que a pesquisa acadêmica demanda. Ao fazer isso, ela contribui para a ampliação do horizonte cultural da cidade e para a construção de uma memória viva, capaz de consolidar a historicidade local e de fortalecer os vínculos afetivos entre os habitantes do município.

Destaca-se, de maneira crucial e imprescindível, a coragem de uma professora que, ainda na década de 1980, dedicou-se incansavelmente à pesquisa, mergulhando profundamente em uma história que há muito vinha sendo esquecida e negligenciada. Enfrentou obstáculos e adversidades em sua busca pelo conhecimento histórico, lutando contra a falta de reconhecimento e o descaso em relação à história local. Trazendo

novamente à tona uma história condenada ao esquecimento, sua escrita avançou e desvelou o que antes havia sido registrado somente por poucos pontos de vista.

Mais do que uma simples investigação acadêmica, a obra da professora representa um ato de coragem, na medida em que resgata memórias e empodera seus alunos, despertando neles o interesse pela história de sua cidade e fortalecendo neles o senso de pertencimento e da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa histórica revela-se como uma prática que transcende os limites da academia, transformando-se em uma ferramenta de resistência e mobilização social.

Em um contexto anterior à promulgação da Constituição Cidadã, a professora enfrentou desafios profundos e intensos, impostos às mulheres de sua época. Submetida a diversos tipos de abusos de poder, Dulce reuniu forças e encontrou aliados, inspirando muitos de seus alunos a se engajarem em um projeto inovador e transformador, que renovou os olhares e pensamentos em relação à história da cidade de Itaperuna.

O Desenvolver de Um Município

Itaperuna

Dulce Diniz



**Do Germinar
à Frutificação**



Figura 2 – Reprodução da capa do livro “O desenvolver de um município, Itaperuna”
Fonte – Pesquisa direta, 2023

Esse trabalho tem sua gênese e desenvolvimento na colaboração dos alunos do curso de Ciências Sociais da faculdade de Filosofia de Itaperuna, conforme mencionado em entrevista concedida. Esse processo colaborativo revela como o conhecimento é construído socialmente e como os indivíduos podem contribuir para o avanço da ciência e da cultura de forma coletiva. Segundo a autora,

Como o último material que havia era de 1950, eu fiz um material na faculdade para que pudesse atualizar esses dados para trazer um pouco mais pra frente dessa época, então eu juntei a turma de ciências sociais que era o período de metodologia e começamos a fazer pesquisa. Essa pesquisa durou dois anos, levantando informações em campo, juntando material fonográfico, fotográfico, entrevistas, pegando nos distritos a parte anterior à emancipação e aí viemos fazendo esse levantamento. Depois que vi que existia material o bastante, resolvi que já que tinha conteúdo maior, deveria ter acesso a outras pessoas e começamos a organizar esse material que meus alunos recolheram sob a minha organização e eu comecei a escrever o livro (ENTREVISTADA, Dulce Diniz, 2023).

A busca por informações atualizadas e mais condizentes revelou uma preocupação em tornar o conhecimento acessível à sociedade em geral, não se limitando apenas à transmissão de tais informações. Esse esforço e cuidado dedicados à pesquisa, que resultou na disponibilização do material, merecem ser reconhecidos e valorizados, pois marcou intensamente uma geração de alunos e professores.

O compromisso em oferecer um conteúdo acessível demonstrou a importância de se pensar em práticas educacionais mais dinâmicas, que valorizam essa produção de conhecimento a partir de perspectivas locais e regionais.

Assim, a publicação do material aconteceu no ano de 1985, por meio da editora Damadá, que distribuía para uma antiga livraria chamada Casa da Cultura, onde eram realizadas as vendas. Obteve êxito nas esferas acadêmicas e sociais, adentrando também nos meios da educação básica e de suas etapas. Dulce relata que

O livro foi muito bem aceito, era o único material organizado do município, mas aí eu percebi que as escolas começaram a bater fotocópia do livro, pegavam partes do livro, tiravam fotocópia pra dar para as crianças de terceira série, e ensinavam as crianças com aquela linguagem toda técnica, porque é um livro com padrão universitário, com a linguagem toda rebuscada e davam aquelas

informações para crianças responderem no terceiro período (ENTREVISTADA, Dulce Diniz, 2023).

A emergência da necessidade de um material direcionado à história regional e local é uma manifestação do interesse crescente em conteúdos que contemplem aspectos peculiares de determinado território. É através do contato com esses conteúdos, que pode-se compreender melhor o desenvolvimento de uma comunidade e suas particularidades. É nesse contexto que surge o interesse pelo livro “O desenvolver de um município, Itaperuna”, que desperta a atenção de alunos e professores de diferentes esferas, por não terem ainda, material específico para crianças.

Diante desse interesse crescente, Dulce Diniz decide empenhar-se na produção de um novo material, dessa vez, voltado especificamente para o ensino fundamental. Essa iniciativa representou uma tentativa de levar para a sala de aula um conteúdo que pudesse ser assimilado pelos alunos de forma mais próxima. É como se, ao levar para o ensino fundamental a história regional e local, estivéssemos contribuindo para uma formação crítica mais dinâmica, construindo e deixando marcas culturais de uma forma rica e diversificada. Dulce relata que

Nessa época meus filhos iam estudar, principalmente meu filho Rafael e minha sobrinha Augusta, iam fazer o terceiro período. Quando eu vi que eles iam estudar o próximo semestre fazendo aquelas fotocópias das páginas do meu livro que não possuíam uma linguagem pra eles, eu me empenhei em fazer uma linguagem mais acessível para as crianças, empenhei em fazer o “Caminho da pedra preta”. Comecei com uma linguagem mais fácil pegando aquele conteúdo mais técnico e transformando em uma linguagem infantil, tanto que no caminho da pedra pretas os meus três filhos, são os personagens principais (ENTREVISTADA, Dulce Diniz, 2023).

Como falar para crianças sobre a história, quando não se possui uma linguagem acessível ao seu entendimento? Como transmitir aos pequenos uma compreensão reflexiva, quando as conexões conceituais não estão acessíveis para eles? Por que trabalhar com crianças a partir de uma metodologia e fala acadêmica? Como desenvolver uma continuidade de pensamento reflexivo, quando as conexões necessárias não são claras para elas?

Essas são questões complexas se fizeram presentes no próprio cotidiano de Dulce, vendo seus próprios filhos vivenciando esses dilemas. A resposta a essas

questões reside em uma abordagem que leve em conta as necessidades da criança, de serem vistas como tal.

O processo de construção de um material didático acessível para crianças surge a partir de então. Dulce pesquisou e selecionou informações e adaptou-as à linguagem infantil, utilizando imagens, ilustrações e jogos para facilitar a assimilação dos conteúdos. Além disso, ela desenvolveu atividades que promoviam o pensamento crítico e reflexivo, estimulando os pequenos leitores a fazerem conexões entre a história e o mundo contemporâneo.

As indagações pessoais e a preocupação de Dulce com a educação de seus filhos deram origem a uma produção singular que marcou profundamente a vida de muitos estudantes. Seu livro "No caminho da pedra preta" transmitiu um conhecimento profundo sobre a história de sua cidade de uma forma acessível e lúdica.

O livro "No caminho da pedra preta" (Fig. 3), é um projeto precursor na criação de material didático local, que emergiu no final da década de 1980. Este livro foi elaborado como uma proposta de estudos sociais para a terceira série do ensino fundamental, com o propósito de tratar da história regional e local de modo lúdico e didático. O material se destaca por apresentar o desenvolvimento histórico da cidade de Itaperuna/RJ e suas principais características sociais, geográficas, demográficas, culturais e políticas, com uma abordagem contextualizada e específica que possibilitou uma maior identificação dos alunos com o conteúdo, fomentando a interação.

Através do uso de imagens, ilustrações e jogos, o livro de Dulce Diniz tornou-se uma ferramenta pedagógica efetiva, que facilitou a assimilação do conhecimento histórico pelos alunos. Ademais, o enfoque localizado do livro possibilitou que as crianças se conectassem com sua própria realidade, entendendo as transformações sociais, culturais e políticas de sua cidade e tornando-se conscientes de sua formação cultural.

A obra de Dulce tornou possível que muitos estudantes pudessem acessar e compreender a importância de preservar a memória e as tradições de suas comunidades. Essa marca duradoura persiste na vida desses alunos até os dias de hoje, pois o livro permitiu que eles conhecessem a história local de forma mais próxima de suas perspectivas.

Com essa proposta, o livro "No caminho da pedra preta" se tornou um marco na produção de material didático local e influenciou a produção de muitos outros materiais com enfoque regional, demonstrando a importância de valorizar a produção cultural regional e de reconhecer a diversidade presente em cada território.

No Caminho da Pedra Preta

Dulce Diniz

UMA PROPOSTA DE
ESTUDOS SOCIAIS
PARA A 3ª SÉRIE - 1º GRAU

Dulce
Diniz



damadá
artes gráficas
e editora ltda.

Figura 3 – Reprodução da capa do livro “No caminho da pedra preta”
Fonte – Pesquisa direta, 2023

Apesar deste trabalho não ter sido direcionado à segunda etapa do primeiro grau, hoje ensino fundamental 2, ao qual esta pesquisa se debruça, esse material durante muito tempo ultrapassou os limites das etapas da educação básica, sendo apreciado e desenvolvido com alunos das mais variadas esferas das instituições públicas municipais e privadas.

O livro apresenta uma descrição minuciosa e acessível da história do município, oferecendo uma valiosa contribuição para o currículo escolar. O prefácio, por sua vez, oferece uma síntese da perspectiva e do conteúdo do livro, destacando sua relevância para a formação dos estudantes.

A citação da então secretária de educação do município de Itaperuna/RJ em 1988, Vera Lucia Garcia Barroso, ilustra a importância atribuída ao livro no âmbito da educação local. Ao valorizar a obra como recurso pedagógico, ela reconhece seu potencial para ampliar o conhecimento dos alunos sobre a história da região, contribuindo para uma educação mais abrangente, assim

O livro trata da realidade que cerca o aluno, ou melhor, da qual ele faz parte, e nada mais é que o resgate da memória do Município de Itaperuna, antes que ela se perca para sempre. Desenvolve noções de espaço e tempo e nessas noções, traz como instrumento o conteúdo do município, historiografando sua vida econômica e política, dando ênfase ao humano. O livro é um apelo em favor da liberdade infantil, usando o diálogo como estratégia motivadora e como técnica eficaz no relacionamento entre professor e aluno (DINIZ, 1988, p.06).

Embora o prefácio do presente livro tenha sido redigido pela secretária de educação do município de Itaperuna/RJ, é importante ressaltar que a Prefeitura municipal e a secretaria de educação não participaram diretamente na produção do material e nem forneceram incentivos para tal. Dessa forma, pode-se afirmar que a obra foi construída de maneira autônoma, sem a interferência ou o apoio das instâncias governamentais locais.

Segundo Dulce, “A Vera foi minha professora na segunda série primária, a gente tinha uma relação muito legal, por isso pedi a ela que escrevesse o prefácio e como

secretária o nome dela tinha um peso, mas não que a prefeitura comprasse, foi tudo particular. Tanto que eu autorizei para que pudesse bater as fotocópias.”

Questionada acerca da participação do poder público municipal como incentivador, incluindo exemplares em suas propostas curriculares como apoio didático, Dulce esclarece que,

A ementa do terceiro período era o conteúdo sobre a história do município, e aí os professores precisavam ter acesso às fontes, então as escolas começaram a adotar para trabalhar com as crianças, principalmente as escolas particulares, e as municipais também, quem podia comprar, comprava, mas o município não comprou coisa nenhuma, a prefeitura nunca comprou nenhum exemplar, os alunos que começaram a comprar. Os professores incentivavam e compravam, por isso esgotaram essas edições... A iniciativa era dos professores, as escolas autorizavam, mas foi totalmente particular, nunca tive o menor incentivo público, agora, particular eu tive muito, os patrocinadores do primeiro livro financiaram totalmente o livro, não gastei nenhum centavo, inclusive o lançamento do livro, a festa de lançamento, foi muito bonita, saiu na televisão local e jornais da época, as pessoas tinham uma confiança no meu trabalho (ENTREVISTADA, Dulce Diniz, 2023).

Observa-se que, há muito tempo, a construção dos currículos escolares tem sido pautada por orientações e conteúdos que frequentemente se apresentam como excessivamente extensos, sem levar em consideração a realidade das instituições e dos alunos. Tais diretrizes parecem buscar unicamente atender às demandas burocráticas, em detrimento da valorização das particularidades e das necessidades reais dos estudantes e das escolas. E estamos falando de um contexto acontecido há quase quatro décadas, perpetuando-se até os dias atuais.

Da mesma maneira, é possível notar que aos professores não é oferecido o tempo necessário, nem tampouco um suporte adequado, para que possam trabalhar com todas as exigências previstas nos currículos escolares. Isso é o que pode ser percebido no relato apresentado pela professora, que se dá conta de todas essas dificuldades enfrentadas pelos colegas e pelos próprios alunos para cumprir todas as tarefas demandadas, dadas as limitações impostas pelo sistema de ensino.

A receptividade e o interesse dos professores e, sobretudo, dos alunos, foram claramente perceptíveis após o lançamento do livro didático. Dulce foi convidada por diversas escolas para falar sobre o processo de produção do material e para conversar com as crianças acerca de seu conteúdo. Dessa forma, pode-se afirmar que o objetivo

inicial da obra foi plenamente alcançado, o de narrar a história da cidade de Itaperuna/RJ por meio de uma linguagem infantil e, dessa forma, despertar a curiosidade e o interesse de seu público-alvo. Dulce relata que,

Publiquei o livro, o André Cunha fez a diagramação e os desenhos, publicamos e foi um sucesso, as escolas começaram a usar, aí veio a primeira edição e esgotou todinha. Eu ia até as escolas e as crianças tinham muito interesse em saber como foi feito aquilo, fazia, entrevistas, perguntavam, e havia um interesse por participar daquela história que eles achavam que era tão difícil fazer um livro e percebiam que era fácil. Veio a segunda edição e esgotou e depois a terceira e esgotou... A professora me chamava, eu ia até a sala, as crianças ficavam com os livrinhos nas mãos, eles tinham perguntas sobre os livrinhos, sobre as coisas que estavam no livro, por exemplo, perguntavam quem é Carla e Rafael, os personagens do livro. Eles perguntavam como é que eu fiz pra escrever. Era muito comum na hora que acabava as entrevistas, as crianças dizerem: Também vou fazer um livro professora! Também vou escrever! (ENTREVISTADA, Dulce Diniz, 2023).

O interesse demonstrado pelo livro paradidático demonstrou grande avanço no ensino de história em Itaperuna, ao promover a aproximação do aluno com sua realidade local. Essa abordagem, que valorizou o meio de convivência e o cotidiano dos estudantes como elementos fundamentais para a compreensão social, cultural e política, representou uma perceptível mudança em relação aos métodos tradicionais de ensino de história naquele contexto.

Ao incluir conteúdos locais nos currículos escolares, os alunos passaram a se identificar com a história de sua região e reconhecê-la como parte integrante de seu próprio cotidiano.

Durante vários anos de experiência no magistério venho observando uma situação bastante comum: a preocupação dos currículos e conteúdos programáticos desenvolvidos nas escolas é, geralmente, com enfoque numa realidade muito distante do aluno, tanto no tempo quanto no espaço. Prova disto é que o aluno, termina o 2º grau depois de ter aprendido sobre o Egito, Grécia e Roma, etc, sem uma preocupação real com o seu Estado e o seu Município. O máximo que se encontra é a introdução de um bimestre ou semestre corrido, de informações soltas (DINIZ, 1984, p.17).

Assim, existe uma preocupação em trazer o aluno para dentro da sua própria história e fazê-lo enxergar sua realidade como parte desse processo. O livro “No caminho

da pedra preta” aparece como forte instrumento para o alcance destas propostas, mas não se viu livre das dificuldades.

Dulce, em seu relato, aborda essas problemáticas e afirma que, apesar de todos os obstáculos encontrados, ainda é possível alçar voos maiores nos caminhos da história regional e local. É importante ressaltar a persistência necessária para se superar as barreiras impostas pelo sistema educacional e buscar alternativas criativas para o ensino de história.

Em conversa, a professora Dulce enfatiza: “eu acho também, que por exemplo, a prefeitura nunca fez, mas você tem como fazer, basta ter o empenho de certas escolas, de formar movimentos mesmo, de se organizar e mostrar pra o que veio.”

A falta de incentivo por parte do poder público é abordada ao longo da conversa e revela um problema crônico na área educacional. No entanto, é possível perceber que a persistência na luta diária pode levar a novos caminhos, por meio do próprio esforço e daqueles que acreditam na mudança. O relato da professora Dulce enfatiza a importância de não se render às dificuldades e de se buscar alternativas criativas para superar as barreiras impostas pelo sistema. Dulce encerra a conversa ressaltando a importância da força do aluno disposto a mudar os rumos da história com o docente:

E eu vou te falar, eu não conheço força mais eficiente do que a vontade de crianças e adolescentes, tem um poder impressionante, toda vez que eu acionei essa força, elas me surpreenderam de tal maneira e como que eram capazes de criar, só precisa de certas pessoas que acionem o botão, claro se o poder público puder fazer isso será uma maravilha, mas não conta com isso! (ENTREVISTADA, Dulce Diniz, 2023).

Dessa forma, a luta de Dulce por uma educação que valoriza o humano e aproxime o aluno de sua realidade se perpetua até os dias de hoje, por meio de suas obras que permanecem vivas no contexto escolar. Seus esforços em promover mudanças e libertação evidenciaram que é possível transformar a realidade, mas requer coragem e perseverança para superar os desafios impostos pelo sistema educacional.

A trajetória de Dulce ilustra a importância de uma atuação persistente na busca por uma educação mais humana. Suas obras e sua luta em prol da mudança de paradigmas, são exemplos de que a transformação é possível, mesmo em meio às

dificuldades. A coragem em se libertar dos padrões estabelecidos pelo sistema é crucial para criar caminhos na educação. Mudar é possível! Libertar-se é um ato de coragem!

6.6 Tão perto e tão longe

*Minha cidade querida, cheia de encantos sem par,
floresce em ti minha vida, meus belos sonhos, meu lar.
Amo-te e sempre hei de amar, tudo o que fala de ti. Ouço
a voz do teu rio murmurante no arrepio do vento a cantar*

Hino da cidade de Itaperuna

A realização das entrevistas com os professores e a professora, bem como com a autora de um livro paradidático sobre a história de Itaperuna/RJ, trouxe importantes reflexões. Dentre elas, cabe pensar no paradoxo do ensino da história que nega as histórias locais: embora as pessoas habitem o município, e embora elas sejam partícipes na construção histórica deste espaço habitado, esta experiência não costuma ser registrada e socializada. Embora próximos à realidade local, os sujeitos são projetados para realidades distantes. Como um jovem estudante pode atribuir sentidos às revoluções históricas se ele desconhece as lutas pela construção do lugar onde vive? Como pode se indignar frente à colonização e ao racismo, se não é levado a discutir a presença destas mesmas práticas em seu contexto? Como pode aprender sobre a relação com o trabalho, se ignora a profunda produção de desigualdades em seu município? O estudo da história regional e local não se presta tão somente ao problema do pertencimento, pois que ele implica na ampliação da leitura de mundo.

A imposição dos padrões dominantes na educação histórica, sem levar em conta a multiplicidade de perspectivas e experiências cotidianas, acaba por comprometer a formação sólida e ampla dos alunos. Contudo, a história regional e local pode atuar como uma via de acesso a essas vivências e percepções, proporcionando um conhecimento mais profundo e crítico sobre a sociedade e suas estruturas. Assim, a incorporação desses saberes na formação dos estudantes é fundamental para uma educação mais plural e consciente.

Ao adotar uma perspectiva que abrange uma pluralidade de visões e narrativas, os estudantes são conduzidos a se engajarem com as complexidades do seu cotidiano e a questionarem as relações de poder que moldam suas vivências. Isso implica em uma

educação crítica que não se contenta em reproduzir um único discurso dominante, mas busca explorar as múltiplas possibilidades de entendimento e interpretação da realidade.

É importante destacar que essa abordagem não deve ser vista como um fim em si mesma e não substitui o conhecimento de outras transformações históricas que marcaram a sociedade. No entanto, essa abordagem fornece uma compreensão mais completa e detalhada da história.

A formação docente para o ensino de história ainda enfrenta desafios e problemas pontuais que necessitam ser superados ao longo do tempo. Os professores ainda enfrentam dificuldades para trabalhar com os conceitos históricos com seus alunos. A falta de uma formação continuada de qualidade, a falta de recursos e materiais didáticos apropriados, além de uma abordagem pouco inovadora e pouco envolvente, distante das realidades do estudante, fazem com que a disciplina de história se torne algo maçante e desestimulante.

De acordo com os profissionais entrevistados, há uma série de obstáculos na formação da docência, e que esses problemas afetam a qualidade da educação. Segundo os relatos, problemas relacionados ao financiamento, tendências pedagógicas e posicionamento político-ideológico afetam diretamente o trabalho que os professores realizam com os estudantes. São levantados muitos caminhos para a resolução de alguns dos problemas, os professores e a professora afirmam em suas falas que esses obstáculos precisam ser abordados de maneira abrangente, por meio de investimentos em programas de formação de professores mais robustos e inclusivos, além de políticas educacionais mais amplas que visem melhorar a qualidade da educação em geral.

Assim, a formação do professor é diretamente afetada pelos obstáculos na formação, o que tem um impacto direto na qualidade da educação e, conseqüentemente, afeta a formação do discente. Portanto, a qualidade da educação vai sendo desestruturada, limitando as oportunidades de aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Por meio dos relatos apresentados, fica evidente que a formação docente é um processo fundamental para o desenvolvimento de uma educação de qualidade e que os professores são sujeitos que trabalham, junto com os estudantes, na produção e transformação dos conhecimentos. Assim, uma formação que passa por uma cuidadosa

e atenta orientação, torna-se essencial para garantir o acesso à uma educação mais abrangente e inclusiva.

Portanto, essa formação pode ser compreendida como um processo contínuo e complexo que envolve diversos aspectos. Assim, que os professores que estão sendo formados adquiram conhecimentos teóricos e práticos sobre sua área de ensino, bem como sobre metodologias de ensino e aprendizagem que atendam uma demanda próxima à realidade de seus alunos. Junto a isso, é imprescindível a reflexão crítica através da qual o professor levantará os sentidos que ele e os estudantes atribuem à realidade.

Infelizmente, mesmo com a sua importância reconhecida, a formação docente ainda é afetada por reducionismos que tendem a abstrair a prática em detrimento do saber teórico. Muitas vezes, os programas de formação docente focam exclusivamente na transmissão de conhecimentos teóricos, sem levar em conta a necessidade de integração entre teoria e prática. Essa abordagem pode ser problemática, pois os professores precisam estar preparados para lidar com a realidade palpável das salas de aula, que muitas vezes são complexas e desafiadoras. Além disso, muitas vezes os conteúdos teóricos apresentados nos cursos de formação docente não estão alinhados com as realidades concretas das escolas e das comunidades em que os professores irão atuar.

Os entrevistados destacam a urgência de mudanças, que devem ter como foco principal a valorização do professor e o desenvolvimento de competências e estruturas fundamentais para a prática do magistério. Eles apontam a necessidade de se investir na formação e capacitação contínua dos professores, assim como em medidas que incentivem a dedicação e aperfeiçoamento dos profissionais.

Como concretizar avanços quando o interesse por uma educação mais crítica e eficiente não aparece como indispensável? Como homenagear e promover festividades a uma cidade quando não é dada a devida importância aos seus aspectos históricos, culturais e patrimoniais? Após a conversa com os professores, ficou evidente a falta de incentivo do poder público para o ensino da história regional e local. Contudo, é preciso uma conscientização mais concreta da população e dos poderes públicos municipais sobre a importância do conhecimento histórico e cultural da região.

De acordo com os professores, as ações adotadas para incentivar a conscientização sobre esse assunto são limitadas e não conseguem gerar um interesse permanente nos estudantes. Essas iniciativas podem até ter um impacto inicial, mas acabam perdendo força ao longo do tempo, falhando em garantir uma mudança duradoura em relação ao tema.

As faltas mencionadas têm como consequência uma lacuna na compreensão dos alunos em relação à sua própria história. Ao não terem acesso a informações sobre sua cultura e sua história, encontram dificuldades em entender quem são, de onde vêm e como se encaixam no mundo e na sociedade em que vivem. Gradualmente, essa falta de compreensão vai enfraquecendo a conexão com suas raízes culturais.

É fundamental destacar que, para alcançar mudanças na educação que a promovam enquanto educação popular, é necessário, também, o envolvimento de agentes externos. Embora as escolas desempenhem um papel central na formação dos alunos, outros atores também têm um papel importante a desempenhar, como as representações políticas da cidade. Esses agentes externos podem oferecer recursos, que enriquecem o processo educacional e ampliam as oportunidades de aprendizagem dos alunos. Além disso, o envolvimento desses atores pode ajudar a construir pontes entre a escola e a comunidade, facilitando a integração das questões locais e regionais nos currículos escolares. Assim, é crucial que os poderes constituídos se envolvam em ações concretas e efetivas para que o ensino da história regional e local seja valorizado e incentivado.

A conversa com os profissionais revelou um outro ponto importante a ser destacado: a falta de materiais didáticos específicos para apoiar tanto os professores quanto os alunos no ensino da história local. Sem acesso a esses materiais adequados e específicos, os profissionais encontram dificuldades para o ensino de maneira mais clara e objetiva do tema.

Atualmente, há alguns pesquisadores que estão trabalhando na pesquisa e produção de materiais sobre a história da cidade de Itaperuna/RJ, o que é uma iniciativa muito positiva. No entanto, esses materiais são voltados para um público acadêmico e não necessariamente para o público em geral, leigo. Isso aparece como mais um degrau pulado, um obstáculo para a conscientização e valorização da história local por parte da

população, limitando o acesso a informações importantes sobre a cidade. Assim, é urgente que os pesquisadores considerem também a produção de materiais didáticos acessíveis e direcionados ao público escolar e a sociedade em geral. Dessa forma, a democratização do acesso ao conhecimento histórico e a valorização da identidade cultural da cidade se tornará possível.

Nesse sentido, a autora do livro paradidático "No caminho da pedra preta", Dulce Diniz, relata as dificuldades enfrentadas durante a produção de sua obra, principalmente a falta de incentivo por parte do poder público municipal. A ausência de um apoio financeiro e institucional dificultou o processo de elaboração e pesquisa de seu material. No entanto, mesmo diante desses obstáculos, Dulce Diniz foi capaz de produzir um material valioso para a comunidade escolar, destacando a importância de iniciativas individuais e independentes que possam preencher as lacunas deixadas pela falta de investimento público.

A seguir, podemos observar a reprodução de uma página do livro de Dulce Diniz (Fig. 5). Nesta página, encontramos a proposição de uma atividade relacionada ao "aniversário da cidade". Diferente do que fora relatado pelos docentes entrevistados, esta atividade não anuncia cópias do hino municipal, nem oferece a bandeira de Itaperuna para ser colorida. A atividade propõe a aproximação à realidade concreta das crianças, indagando, primeiramente, sobre os seus próprios aniversários. Em continuidade, é tratado o fato de que uma cidade também comemora seu aniversário e, aproveitando a discussão, a autora narra a importante composição da Câmara Municipal de Itaperuna que, no ano de 1889, seis meses antes da Proclamação da República, elege, em sua maioria, vereadores republicanos.

12ª ATIVIDADE: Descobrindo Datas



—A professora chegou dentro da sala de aula, perguntando:

— Quando você faz aniversário?

— Por que seu aniversário é comemorado todos os anos nessa mesma data?

— Porque é o dia em que nasci, respondeu Carla.

— Isso mesmo, disse a professora, continuando a explicar:

A nossa cidade também faz aniversário todos os anos. Você sabe quando é o aniversário de Itaperuna.?

— Claro, é o dia em que o colégio desfila para comemorar. Precisamente 10 de maio. Disse Rafael.

— Sabe por que essa data foi escolhida? Porque no dia 10 de maio de 1889, foi feita a primeira eleição para vereadores da Câmara Municipal da Vila São José do Avai. Nessa época o partido Republicano (favorável a Proclamação da República) já estava organizado, concorrendo com seus candidatos. A Câmara Municipal de Campos fez a apuração e o resultado foi: eleição de 7 membros, sendo 4 republicanos.

No dia 4 de julho de 1889, foi realizada a posse dos vereadores eleitos, constituindo a primeira Câmara de maioria republicana em pleno regime monárquico.

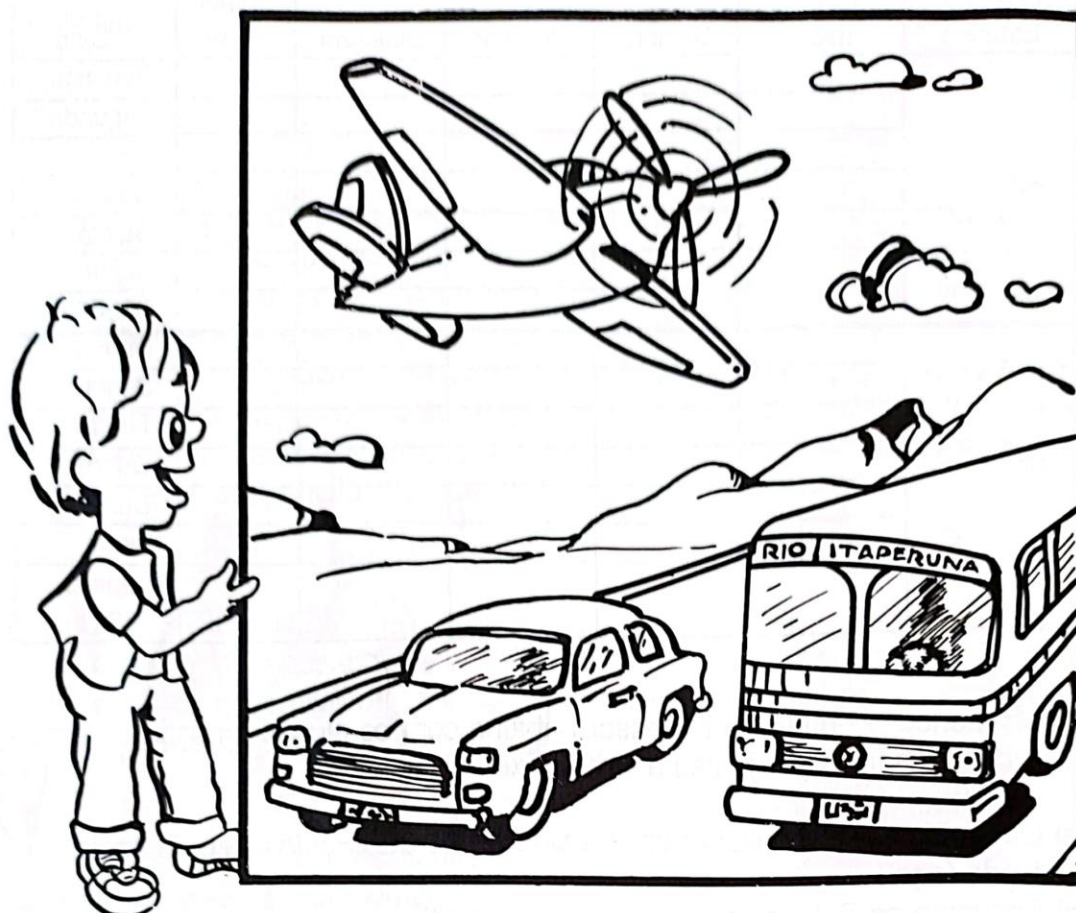
Este é um fato muito importante, porque o Brasil ainda iria proclamar a República no dia 15 de novembro de 1889, e nossa vila já havia instalado aqui, uma Câmara Municipal no dia 4 de julho, isto é, 4 meses antes da República. Somente, no dia 6 de dezembro de 1889 é que a Vila São José do Avai foi elevada a categoria de cidade, com denominação de Itaperuna.

Figura 4 – Reprodução de uma página do livro “No caminho da pedra preta”
Fonte – Pesquisa direta, 2023

Trata-se, portanto, de uma vitória do povo itaperunense no ano de 1889, que opta pela República ao votar em representantes republicanos. Esta narrativa, atravessada por elementos de lucidade e de materialidade, sinaliza um contexto ótimo à discussão crítica e ao posicionamento político das crianças.

Em outra atividade presente no livro de Dulce Diniz (Fig. 6), encontramos a referência ao fluxo de passageiros que fazia uso do aeroporto no município, interligando Itaperuna com grandes centros. Em seu texto, a autora mais uma vez relaciona o tempo e espaço passados, ao presente – ao fazer referências aos ultra-leves que ocupam o lugar do antigo aeroporto na atualidade, e também provocar conversações dos personagens da história com seus familiares mais velhos.

16ª ATIVIDADE: Transporte



Carla e Inês, eufóricas, contavam pra todo mundo que tinham dado uma volta de avião.

– Vocês sabiam, que na década de 1950 nós tínhamos 3 linhas regulares de Aviação, transportando passageiros para o Rio de Janeiro, Vitória, Bahia etc.? Disse a professora.

– Lá no Aeroporto, onde tem os ultra-leves? Perguntou Rafael.

– Isso mesmo. O nosso Aeroporto, Ernane do Amaral Peixoto, já teve grande movimento diário de passageiros, para várias partes do Brasil.

– Por que acabou esse serviço de transporte regular? Perguntou Inês.

– Não é só o transporte aéreo que entrou em decadência. Também o transporte ferroviário decaiu até acabar totalmente.

Um dos fatores que contribuiu para essa queda, foi a criação de Indústrias automobilísticas com um grande aumento de veículos rodoviários e de estradas asfaltadas, ocorrendo assim uma redução gradativa no transporte de cargas e passageiros por via férrea e aérea.

– Vovó disse, que levava o dia todo para ir até o Rio de Janeiro de Maria Fumaça (apelido do trem). Disse Carla.

– Isso quando levava menos tempo, porque geralmente era mais demorado ainda. Hoje, tudo é muito mais fácil com várias linhas de ônibus e muitas transportadoras atuando no Município.

Figura 5 – Reprodução de uma página do livro “No caminho da pedra preta”
Fonte – Pesquisa direta, 2023

Observa-se a atenção voltada à orientação da escrita direcionada à audiência infantil e a conexão direta entre a narrativa regional e local com o cotidiano do aluno, o que viabiliza uma compreensão mais profunda de sua participação no desenvolvimento histórico e social do município. Isso permite ao estudante não apenas assimilar, mas também contribuir ativamente para a construção do tecido histórico e social que permeia sua comunidade.

Contudo, não se detectou uma preocupação com a reprodução desse tipo de material voltado à educação básica para atender às necessidades das escolas públicas do município. Desde a década de 1980, esse tipo de material não faz parte das orientações curriculares das escolas públicas locais, o que pode ter contribuído para a falta de incentivo e investimento em sua produção e disseminação. A ausência de materiais didáticos de qualidade que abordem a história e a cultura local pode impactar profundamente e negativamente a formação dos estudantes, privando-os do acesso a informações importantes sobre sua própria comunidade e identidade cultural.

Portanto, as dificuldades e situações apresentadas passam por etapas de tamanha complexidade e vão encontrando espaço e se desenvolvendo gradualmente, gerando consequências negativas que por sua vez se repetem, acarretando novos problemas.

Resulta em perplexidade saber que, mesmo estando tão próximos à realidade local, a escola ainda a ignore e se mantenha tão distante. Os docentes entrevistados relataram a insuficiência do ensino da história local e regional em Itaperuna, sentiram-se culpados pelo fato e informaram que cumprem as prescrições da BNCC. Enquanto isso, há em Itaperuna um material paradidático que apresentou grande relevância na década de 1980, e que poderia fomentar sua atualização e até mesmo a publicação de novos materiais voltados à temática.

Estamos tão perto e tão longe... mas jamais separados. É possível a retomada da escrita da história, de sua socialização, de sua discussão. Que a iniciativa de Dulce Diniz seja lembrada, e que aqueles e aquelas que se dedicam à história, possam se

aprofundar cada vez mais no conhecimento da história global, sem se esquecerem que são eles – os que vivem no plano local – os responsáveis por seu registro.

CONCLUSÃO

O presente trabalho é fruto da necessidade de se levantar discussões acerca do desenvolvimento do ensino da história regional e local. Diante da importância de uma compreensão aprofundada das peculiaridades e dinâmicas presentes em determinada região ou localidade, torna-se fundamental promover reflexões sobre estratégias pedagógicas que possibilitem a valorização e a contextualização desses aspectos no currículo escolar.

Ao levantar essa temática, buscou-se fomentar a conscientização sobre a importância do estudo desse tema no ambiente educacional. Reconhecendo que, explorando as particularidades históricas do município de Itaperuna, é possível enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo conexões entre os conteúdos abordados e o cotidiano dos educandos.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir para o debate e o aprimoramento do ensino da história regional e local nas instituições escolares municipais de Itaperuna, a fim de fortalecer a formação dos aprendizes e torná-los capazes de enxergar-se conscientes de sua própria história e do meio em que estão inseridos.

Os depoimentos pessoais apresentados neste estudo desempenharam um papel crucial na fundamentação e exemplificação de como as diversas realidades culturais e sociais que experienciei tiveram um impacto na minha formação ao longo dos anos e na seleção do tema de pesquisa. Através dessas narrativas, pode-se elucidar de que forma tais vivências contribuíram também para a formação da minha identidade acadêmica, fornecendo subsídios para uma compreensão mais abrangente das influências contextuais que moldaram minha perspectiva de pesquisa.

Cada avanço obtido nesta pesquisa resultou em um crescimento do conhecimento adquirido, proporcionando a oportunidade de explorar e compreender as complexidades inerentes ao campo acadêmico.

A seleção dos autores para embasar as discussões propostas nesta pesquisa também refletiu o processo de amadurecimento e crescimento como pesquisador. À medida que avançava na investigação, fui capaz de aprofundar minha compreensão das muitas correntes teóricas e perspectivas acadêmicas pertinentes ao tema em estudo.

Essa evolução permitiu-me selecionar autores cujas obras são fundamentais para embasar e enriquecer as discussões desenvolvidas neste trabalho, contribuindo para a construção de um arcabouço teórico consistente.

O presente estudo percorreu uma série de fases metodológicas, sendo uma delas dedicada à pesquisa documental. Nesta etapa, foi empreendida uma investigação minuciosa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o intuito de examinar a presença de diretrizes referentes ao ensino de história regional e local na segunda etapa do ensino fundamental. A busca na BNCC visou a identificar e avaliar as orientações disponíveis que abordassem especificamente esse tema, fornecendo subsídios fundamentais para a análise e discussão propostas neste estudo.

Foi constatada uma notável lacuna nas orientações curriculares fornecidas pela BNCC, no que diz respeito à abordagem do tema de história regional e local na segunda etapa do ensino fundamental. As diretrizes curriculares apresentadas pela Base enfatizam predominantemente esse assunto nos primeiros anos do ensino fundamental I, sendo insuficiente em termos do estímulo ao desenvolvimento da capacidade crítica durante a segunda etapa do ensino fundamental. Essa ausência substancial de orientações pertinentes ao tema aponta para a necessidade de uma revisão e aprimoramento do currículo enquanto documento e enquanto processo dinâmico, a fim de garantir uma formação mais possível e reflexiva no que diz respeito à história regional e local ao longo da trajetória educacional dos aprendizes.

Durante o processo de elaboração desta pesquisa, mergulhamos em uma jornada de exploração e compreensão das perspectivas pessoais dos professores que atuam na segunda etapa do ensino fundamental em escolas municipais da cidade de Itaperuna/RJ. Buscou-se entender as dificuldades e desafios que enfrentam, assim como as estratégias utilizadas para superá-los. Ao trazer suas vozes e narrativas para o centro deste estudo, elucidou-se a compreensão das complexidades presentes no contexto educacional municipal bem como em um sentido mais amplo. Ao explorar as narrativas dos docentes, identificamos questões fundamentais que afetam a vida profissional dos educadores e o ensino nas escolas municipais. A escassez de recursos materiais e outras dificuldades foram reveladas por meio dessas histórias compartilhadas. Essas descobertas destacam a importância de compreender a realidade cotidiana dos

professores, onde linhas se cruzam e se contradizem, para fornecer um olhar mais completo e abrangente sobre as condições de trabalho e as demandas enfrentadas.

A contribuição das entrevistas com profissionais permitiu a obtenção de respostas pertinentes às indagações levantadas no âmbito deste estudo. No que diz respeito à abordagem da história regional e local na segunda etapa do ensino fundamental, constata-se que, segundo os entrevistados, embora seja trabalhada, essa abordagem se revela superficial, falhando em explorar de forma aprofundada os elementos críticos e contextualmente relevantes que poderiam enriquecer a experiência educacional do educando, aparecendo somente em datas festivas da cidade. Tal limitação representa uma oportunidade perdida para promover uma educação que possibilite uma compreensão mais completa e apropriada do próprio ambiente em que os educandos estão inseridos.

Além disso, os docentes também relataram a ausência de um currículo específico nas instituições educacionais municipais de Itaperuna, indicando que as orientações previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são seguidas de maneira direta. Nesse sentido, constatou-se que o tema da história regional e local não recebe ênfase no contexto educacional, sendo tratado de forma secundária em relação a outras disciplinas e conteúdos em seus dias letivos comuns. Essa constatação revela uma falta de prioridade e destaque no planejamento curricular, prejudicando a abordagem aprofundada da história local e regional no ensino fundamental. Além disso, durante as entrevistas, foram expressas reclamações em relação à ausência de materiais educativos específicos destinados ao trabalho com crianças, abordando o tema da história regional e local.

A análise das buscas documentais realizadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), constatou-se que a abordagem da história regional e local é escassa na segunda etapa do ensino fundamental, porém mais presente nas orientações referentes à primeira etapa. Por meio de entrevistas com profissionais da educação da rede municipal, verificou-se que a história regional é abordada apenas de forma superficial e episódica durante as datas festivas, não sendo aprofundada ao longo do ano letivo. Adicionalmente, constatou-se que inexistem materiais didáticos e paradidáticos específicos voltados para a história regional e local do município de

Itaperuna, o que limita as possibilidades de trabalhar esse conteúdo de forma mais abrangente com os alunos.

Por outro lado, foram delineadas alternativas analíticas em relação ao estímulo à abordagem da história regional e local no contexto das instituições de ensino municipais. Através de ações conduzidas pela Secretaria de Educação Municipal, é possível discernir que, não obstante as narrativas fornecidas pelos docentes submetidos a entrevistas, emergem manifestações efetivas no que tange à promoção da pesquisa e à capacitação no âmbito dessa temática. O desenvolvimento de tais iniciativas implica uma resposta à valorização do estudo da história regional e local, evidenciando um comprometimento inicial das autoridades educacionais em proporcionar um ambiente pedagógico mais abrangente.

No entanto, é importante observar que as perspectivas divergentes sobre essa abordagem ainda requerem um exame crítico mais aprofundado, uma vez que o alcance e a eficácia dessas medidas permanecem sujeitos a avaliações empíricas rigorosas. Nesse contexto, a análise das políticas e práticas adotadas pela Secretaria de Educação Municipal se mostra um campo fértil para investigações futuras, visando compreender melhor os desafios e oportunidades envolvidos na promoção da história regional e local nas escolas municipais, bem como sua contribuição para uma educação mais contextualizada.

O presente trabalho trouxe a voz de uma precursora da produção regional de um material paradidático, que merece devida exaltação e respeito. Dulce Diniz, exemplifica o poder transformador da paixão e dedicação à educação. Em uma época em que recursos eram escassos e apoio do poder público foi praticamente inexistente, ela ousou produzir um livro paradidático sobre história regional da cidade de Itaperuna, contando apenas com a colaboração de seus alunos para a realização de pesquisas e entrevistas.

Sua iniciativa demonstra sua coragem e comprometimento em oferecer aos estudantes uma visão mais ampla de sua própria história. Ao envolver os alunos diretamente no processo de pesquisa e coleta de informações, Dulce Diniz não apenas transmitiu conhecimentos, mas também cultivou o senso de responsabilidade, empoderando seus alunos para serem protagonistas na construção do conhecimento.

O trabalho de Dulce Diniz destaca a importância do papel do professor como agente transformador, capaz de superar obstáculos e buscar soluções criativas para suprir lacunas educacionais. Sua abordagem colaborativa e engajadora ressalta a relevância de envolver os alunos ativamente no processo de aprendizagem, estimulando o desenvolvimento da pesquisa, pensamento crítico e trabalho em equipe.

Dulce Diniz nos inspira ao demonstrar que é possível fazer a diferença na educação, mesmo em condições desafiadoras. Seu legado nos convida a repensar o papel do poder público na promoção de recursos educacionais e a valorizar o esforço individual e coletivo na busca por uma educação mais viva e dinâmica.

Acredita-se que a presente pesquisa possui potencial para influenciar uma transformação no âmbito educacional do sistema municipal por meio de uma abordagem mais ampla da história regional, despertando a atenção de educadores e gestores escolares, levando-os a reconhecer a necessidade de valorizar e incorporar de forma mais consistente a temática no currículo. A partir da identificação de uma escassez de orientações mais aprofundadas e diretas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o estudo promove uma reflexão crítica acerca da importância da história regional no cotidiano escolar.

A identificação da ausência de materiais específicos voltados para a história regional e local de Itaperuna fornece uma base sólida para incentivar a criação e o desenvolvimento de recursos educacionais direcionados a essa temática. Esses materiais podem ser concebidos em colaboração com professores, pesquisadores locais e a própria comunidade.

Em síntese, esta pesquisa suscita uma reflexão e propõe uma transformação no âmbito do sistema educacional municipal, mediante o estímulo à valorização da história regional e local e a promoção da adoção de práticas pedagógicas que englobem de maneira mais abrangente esse conteúdo no currículo escolar. Ao encerrar esta pesquisa, espera-se que os esclarecimentos e reflexões apresentados possam estimular debates e ações que levem a melhorias no ensino da história regional e local no município de Itaperuna.

REFERÊNCIAS

ALVES, Taís de Cássia Badaró. *A Descrição Memorialística e a Construção de uma História: Terra Prometida e Povo de Eleição* no livro do Major Porfírio Henriques. revista transformar, v. 13, p. 134-152, 2019.

ASSIS, Elisabete Xavier de; BELLÉ, Kássia; BOSCO, Vania Dilma. *O ensino da história local e sua importância*. REDIVI, Itajaí, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2013. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/view/5089/4266>. Acesso em: 28 de maio. 2022.

BARROS, José D'Assunção. *História, Espaço e Tempo: interações necessárias*. In: Varia História, vol. 22, núm. 36, julho-diciembre, 2006, p. 460-475

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BURKE, Peter.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*/ Vavy Pacheco Borges – 2º ed. Ver. – São Paulo: Brasiliense, 1993. – (Coleção primeiros passo; 17).

BRASIL. Lei nº 2055, de 09 de dezembro de 1993. Rio de Janeiro: Câmara municipal, [1993]. Disponível em: <https://cm-rio-de-janeiro.jusbrasil.com.br/legislacao/273048/lei-2055-93>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da historiografia*. 1 ed. São Paulo: UNESP. 2010.

CAZUZA, *O tempo não para*, Philips, vinil, Brasil, 1988.

CALIL, Gilberto. *Uma história para o conformismo e a exaltação patriótica: crítica à proposta de BNCC /história*. Revista Giramundo , v. 2, p. 39-45, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. *Cultura no Plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp. Ovídio Abreu Filho.

DINIZ, Dulce. *O Desenvolver de Um Município*. Itaperuna: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 1985.

DINIZ, Dulce. *No Caminho da Pedra Preta*. Itaperuna: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 1988.

DONNER, Sandra Cristina. *História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 11. 2012. Rio Grande. Anais... São Paulo: ANPUH, 2012. Disponível em: http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/18/1342993293_ARQUIV_O_HistoriaLocalBrasileMundotexto2012.pdf . Acesso em: 09 de maio. 2022.

Exposição itinerante de fotos de Itaperuna passa pelas E.M. Ligiéro e Humberto de Campos. www.semedita.com.br, 2023. Disponível em: <https://www.semedita.com.br/2023/05/18/exposicao-itinerante-de-fotos-de-itaperuna-passa-pelas-e-m-ligiero-e-humberto-de-campos/>

FERRAÇO, Carlos Eduardo, SOARES, Maria da Conceição Silva, AND ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. ISBN 978-85-7511-517-6. <https://doi.org/10.7476/9788575115176>.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. *História local e identidade: um estudo de caso na perspectiva da Educação Histórica*. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2012. Disponível disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12593>.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute.; SCHELLER, Morgana.; BONOTTO, Danusa de Lara. *Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa*. Atas CIAIQ2015. Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación, v. 2, p. 243-247, 2015.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno* / Henri Lefebvre; tradução por Alcides Joao de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: UNESP, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica*. São Paulo: Unimarco, 1994. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2z0A3cc6oUEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=PESQUIISA+BIBLIOGR%C3%81FICA&ots=SA_p6fwrHE&sig=W1DgH8xDZNnWdT8xqNfUq5EUBY#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 mai. 2022.

NADAI, Elza. *O Ensino de História no Brasil: Trajetória e Perspectiva*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 13 – set.92/ago93. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596>.

NASCIMENTO, Francisco Jeovane do; NASCIMENTO, Rita de Cássia. do; LIMA, Maria Socorro Lucena. *O projeto político-pedagógico como princípio orientador das práticas escolares: the political-pedagogical project as a guiding principle for school practices*. Revista Temas em Educação, [S. l.], v. 29, n. 2, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2020v29n2.52963. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/52963>. Acesso em: 23 jan. 2023.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. *O ensino da história local: um grande desafio para os educadores*. Anais... IV Seminário Perspectivas do Ensino de História: Ouro Preto, 2001.

NÓVOA, António. *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente*. Cadernos de pesquisa, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

PARECER nº 776/97 – *Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação* – MEC.

RAGAZZINI, Dário. “*Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?*”. In: Educar em revista. n. 18/2001. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

SEMED realiza curso de formação de professores sobre história de Itaperuna. www.semedita.com.br, 2023. Disponível em: Acesso em: 05, agosto de 2023. <https://www.semedita.com.br/2023/04/24/semed-realiza-curso-de-formacao-de-professores-sobre-historia-de-itaperuna/>. Acesso em: 05, agosto de 2023.

SILVA, Luis Carlos Borges da. *A importância da História regional e local no Ensino Fundamental*. ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf Acessado em: 15 de junho de 2015.

SOARES, Maria da Conceição Silva. NOLASCO, Leonardo-Silva. Diferença, Identidade e Ficção: tecer currículos em redes, narrar os cotidianos e inventar o presente. In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 3, p. 588-598, set./dez. 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. *Pesquisa (auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teóricos-metodológicos*. Revista interinstitucional artes de educar, v. 2, p. 182-203, 2016.

SPINK, Peter. *O pesquisador conversador no cotidiano*. *Psicologia e Sociedade*, v.20, Edição Especial, 2008.

VALLA, Victor Vincent. *A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 17, Caxambu, 1994. Anais... Rio de Janeiro: ANPEd, 1994.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura e currículo: um passo adiante. In: MOREIRA, A. F. B. et alli (orgs). *Currículo: pensar, sentir e diferir*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

